



PLÍNIO SALGADO

PSICOLOGIA DA REVOLUÇÃO

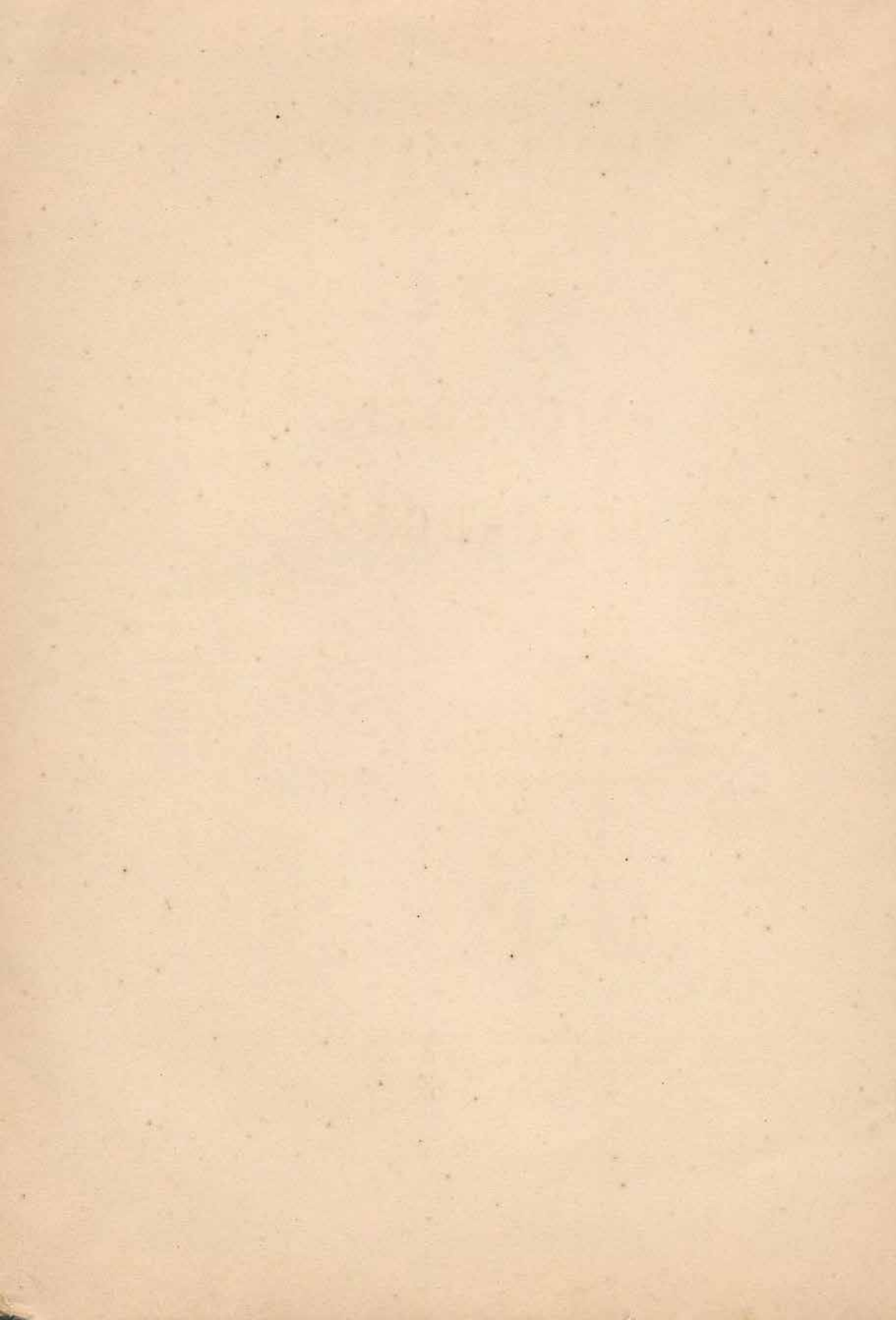
4ª EDIÇÃO



LIVRARIA CLASSICA BRASILEIRA
RIO DE JANEIRO

nacionalismoverde.blogspot.com.br

nacionalismoverde.blogspot.com.br



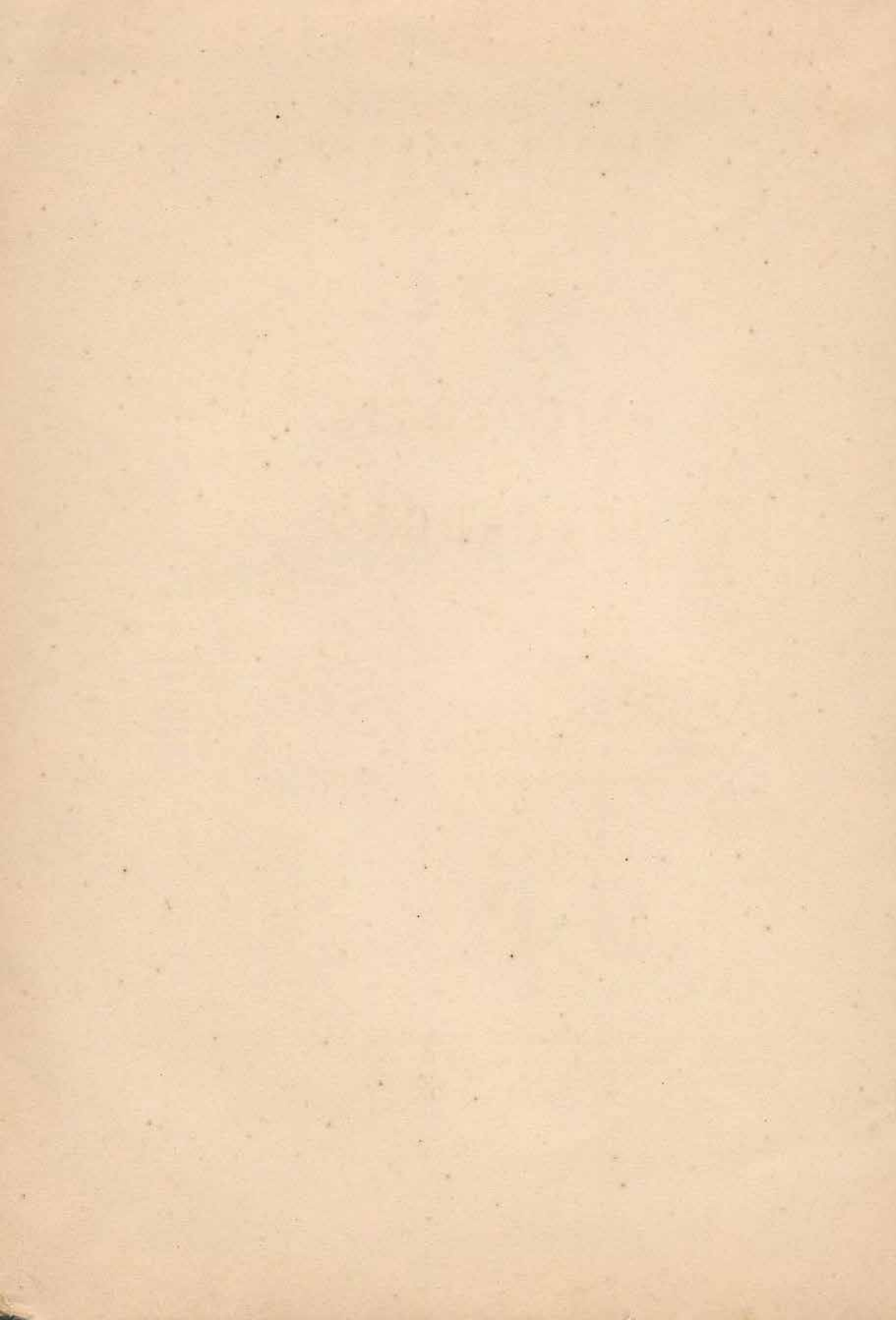
PLINIO SALGADO

PSICOLOGIA
DA
REVOLUÇÃO

4.^a Edição

(Corrigida e anotada pelo autor)

Livraria Clássica Brasileira S. A.
Rua 1.^o de Março, 147 (2.^o andar)
Rua México, 128 (loja 1)
RIO DE JANEIRO



PREFÁCIO DA 4.^a EDIÇÃO

Há dezesseis anos, foi dada ao público a terceira edição deste livro. E dezenove são decorridos após a primeira edição. Ausente do país durante oito anos e, posteriormente, absorvido por excessivos trabalhos, só agora me chegou a oportunidade de fazer circular novamente a "Psicologia da Revolução".

A procura incessante deste livro demonstra que ele não perdeu a atualidade. Parece, mesmo, que as circunstâncias da vida nacional brasileira o tornam mais atual do que na própria ocasião em que ele veio a lume pela primeira vez.

Os acontecimentos da história contemporânea, ocorridos desde 1937 até esta data, confirmam plenamente a tese defendida na primeira parte deste ensaio; e a situação brasileira dos nossos dias evidencia que as observações e comentários da segunda parte continuam a exprimir o quadro das realidades político-sociais do Continente e da nossa Pátria.

O que se reclama no capítulo único da terceira parte continua a ser tudo o que se deve reclamar na hora presente. Dezoito anos passaram sobre este livro, mas o panorama da vida brasileira ainda é o mesmo. O mesmo, é certo, porém com agravação dos males.

"Temos de restaurar o prestígio da Inteligência e o primado do Espírito" — diz o último capítulo deste livro em 1933. E acrescenta: "Sem realizar essa revolução, nada conseguiremos, pois iremos cair na desagregação, na indisciplina e em maiores inquietações".

A previsão desta frase é confirmada de modo espantoso. Inverteram-se os valores da vida nacional. Caiu o nível cultural das nossas representações parlamentares e dos nossos homens públicos; implantou-se o predomínio do dinheiro na vida política; perdeu-se completamente a noção da virtude na administração dos negócios do Estado na gerência industrial ou comercial; desapareceu o senso de responsabilidade em todos os setores do trabalho; imperou o regime da gorgêta e das grossas comissões dos intermediários entre fornecedores e governos; criou-se novamente a figura do caudilho, não mais do tipo sul-americano, mas do tipo norte-americano de empresários eleitorais; surgiu, como índice da desordem econômica,

um personagem de larga notoriedade: o "tubarão"; desmoralizou-se o ensino, ou pela sua comercialização, ou pelos programas indigestos, abandonando-se completamente a preocupação educacional, para só se ter em vista uma instrução deficiente e confusa; e a indisciplina, a desordem, lavram largo e fundo em todo o país, a principiari no núcleo familiar.

Falta-nos hoje, mais do que nunca, aquilo que se pedia nas últimas linhas dêste livro, em 1933: "Um rumo político nitidamente definido. Em vez de reformar, transformar. Transformar no sentido da valorização do Espírito".

Entretanto, ponderávamos naquêlo tempo dizendo: "A ordem — equilíbrio de forças, harmonia de movimentos — nós só a conseguiremos pondo ordem, antes de tudo, no pensamento nacional".

Essa afirmativa continúa de pé. E, agora, que temos atingido os extremos de um mal que apenas se esboçava em 1933, êsse brado de alarma ganha maior eloquência.

Em razão de tudo isso, consideramos "Psicologia da Revolução" um livro para os dias atuais e para um próximo futuro do Brasil.

PLINIO SALGADO.

Rio d Janeiro, 7 de janeiro de 1953

PREFÁCIO DA 3.^a EDIÇÃO

A procura constante dêste livro demonstra que êle continua a ser oportuno e tem logrado alcançar a compreensão dos brasileiros.

Fato curioso : Quando, em 1933, entreguei à "Civilização Brasileira" os originais da 1.^a edição, o editor manifestou-me o receio de que o livro não autorizasse uma tiragem vultosa, por ser (dizia-me) a matéria versada difícil e transcendente. Diante dessa observação, que me pareceu razoável, escrevi no prefácio : "Êste livro não é um livro para o povo, mas para os que pretendem influir nos destinos do povo".

Enganou-se o editor e enganei-me redondamente, pois a tiragem inicial esgotou-se com uma rapidez que a mim e a êle desconcertou.

Entreguei a 2.^a edição a José Olímpio. Há um ano ela está completamente esgotada. Resolvi, entretanto, retardar a saída da terceira, para verificar se "Psicologia da Revolução" fazia falta nas livrarias.

Estas páginas foram relidas muitas vêzes por mim. As releituras tranquilisaram-me. Nada tenho a alterar; apenas acrescentei algumas notas ao texto.

Quanto à tese aqui exposta, ela está plenamente vitoriosa.

Afirmei que o Homem pode interferir no curso da História : eu próprio fui realizar êsse pensamento e operei a transformação da "idéia" em "fato". Suscitei novas circunstâncias na vida brasileira. Contrariei as leis do chamado materialismo histórico e do determinismo científico.

Contra a opinião de todos os "entendidos" em "realidades brasileiras", contra os maus augúrios de todos os indivíduos chamados "práticos", contra a literatura de todos os teorizadores indigenas e o bom senso experimentalista dos nossos homens públicos, efetivei a minha intervenção no meio social dêste país e demonstrei, não com palavras, mas com "ação", o acêrto do pensamento central dêste livro : — a "idéia força" pode interferir no fato histórico.

Quem poderá hoje negar essa realidade, cuja existência o arbitrio do Espírito determinou na vida brasileira, contra tôdas as circunstâncias desfavoráveis ?

Deus, que deu o livre-arbitrio ao Homem, para que êle se servisse das próprias leis do determinismo da matéria, para criar renovados efeitos, permitiu que eu conseguisse êxito completo na aplicação prática das idéias dêste livro. E eu creio

que Ele permitirá muito mais, porque, afirmando o arbitrio do Homem e os imperativos do mundo material, afirmei sobretudo, o poder da Providência, que preside, domina e completa, de modo maravilhoso e miraculoso, a harmonia de dois mundos que se interferem, se contrastam e se combinam produzindo a perpetuidade da criação na História.

PLINIO SALGADO

Rio de Janeiro, 19 de março de 1937

PREFÁCIO DA 2.^a EDIÇÃO

Relendo, corrigindo e anotando este trabalho, verifico, mais uma vez, que ele é fundamental para a compreensão do meu pensamento político, expresso fragmentariamente em outros volumes.

Julgo ter trazido esclarecimentos suficientes ao texto nas anotações com que o marginei.

Este ensaio tem, pelo menos, a virtude de fornecer alguns apontamentos à obra sistematizada que deverá sair das novas gerações da nossa Pátria.

Quem ler com atenção estas páginas compreenderá todo o sentido da revolução de idéias que é o integralismo brasileiro.

PLINIO SALGADO

São Paulo, 31 de outubro de 1934

PREFÁCIO DA 1.^a EDIÇÃO

Este livro não é um livro para o povo, mas para os que pretendem influir nos destinos do povo.

Aos políticos e aos intelectuais é que me dirijo nestas páginas.

Nossa crise maior é a do pensamento. Sem que esta seja resolvida, não poderemos solucionar o problema da Nação.

Evidente que esse trabalho enorme não compete apenas a mim, nem me apresento com a vaidade fútil de ensinar a tantos mestres que me habituei a ouvir e cujos livros compulso.

A construção é nacional e nela devem colaborar todos os brasileiros.

Este livro é um convite aos intelectuais e aos políticos: para que restauremos no Brasil o primado do Espírito, da Inteligência, da Verdade; para que não nos conservemos passivos a afirmar que outro recurso não há, senão deixar correr o barco.

O Homem pode interferir na marcha social. E quando a sociedade está se dissolvendo e quando vai o país a pique de se desagregar, então essa interferência deixa de ser tão só uma possibilidade, porquanto se impõe como um dever.

Dedicado à massa popular, dou a público, juntamente com este, outro volume, sob o título: "O que é o integralismo".

Ali começo a fazer trabalhar uma idéia na multidão.

Aqui, porém, lanço a idéia nuclear, da qual deriva a outra, a fim de que este livro desperte novos apóstolos de um movimento que considero o único salvador da Pátria na hora presente.

PLÍNIO SALGADO

São Paulo, maio de 1933

1.ª PARTE

I

PERMANÊNCIA DO FENÔMENO REVOLUCIONÁRIO

Revolução e Espírito — Antes de procurar traçar o perfil psicológico da Revolução Brasileira, desejo por em evidência os valores reais da Revolução Universal. E quando digo valores, não me refiro a méritos muito menos a pessoas, e sim aos fenômenos que me parecem mais expressivos nos acontecimentos históricos.

Não condeno nem louvo as revoluções. Aceito-as, considerando-as uma necessidade tão permanente nos povos como todos os movimentos na natureza (1).

Não se invectiva uma tempestade ou um terremoto.

O progresso do Espírito Humano realiza-se ao ritmo das revoluções. Esta afirmativa não exclui a concepção finalista da Sociedade e do Estado: toma, entretanto, as civilizações como fisionomias em perpétua mobilidade.

Considero o fenômeno histórico necessário, pelo simples motivo de se ter verificado. Todo acontecimento social realizado torna-se imediatamente um ponto de partida, estabelecendo uma intransponível barreira a qualquer tentativa de regresso.

(1) — Se não cai uma folha de árvore sem que o seja pela permissão de Deus, segue-se que tudo o que se verificou na História obedeceu a um pensamento superior. Lutamos contra o mal; mas às vezes este triunfa. E' o mistério, que a nossa compreensão limitada no tempo e no espaço não pode penetrar.

Os fatos e experiências anteriores ao último sucesso histórico servem apenas como fontes subsidiárias de contribuição a novos rumos.

A História — A História é a crônica do desenvolvimento e da transformação do Espírito dos Povos numa aspiração de perfectibilidade.

A consideração, entretanto, do fato histórico segundo o critério da necessidade não deve implicar na aceitação do fatalismo cego a que se reduz, em última análise, a concepção determinista.

E' aqui que devemos reivindicar à ação da Idéia a sua capacidade de interferência transformadora.

O critério evolucionista da História aprecia o homem segundo o impositivo da seleção natural da Espécie; o hegeliano segundo a dinâmica dos contrários do movimento social; o individualista estampa nas figuras de Carlyle o poema solitário dos heróis.

Nenhum desses critérios aprecia a jornada ininterrupta do Espírito e ela me parece tão evidente como a transformação das Espécies.

E' preciso visionar a Humanidade em conjunto, nos lineamentos gerais de suas expressões, para se verificar que todos os movimentos revolucionários foram úteis e parece terem obedecido a leis imprescindíveis.

Essas leis dizem respeito, evidentemente, à capacidade modificadora do Espírito Humano.

Os heróis — O "herói" de Carlyle, como o Super-Homem de Nietzsche, não é mais do que o intérprete oportuno na hora de ruptura de um equilíbrio social anterior, determinando a angústia da procura de um novo equilíbrio.

São necessárias situações novas para que apareçam homens novos. O agente individual, porém, é autônomo, porque a idéia é autônoma. Não o podemos tomar como um produto das circunstâncias, porque êle não se submete a elas, mas interfere nelas e as domina.

Idéia e Fato — Autonomia do espírito, porém, não quer dizer desarmonia. O primado da Idéia não exclui a sua consonância com o ritmo objetivo dos fatos. O **fato** é idéia concreta oposta à idéia abstrata. A predominância desta só se compreende pela existência daquele.

E' aí que se harmonizam o determinismo histórico e o arbítrio individual: a filosofia do fatalismo transformista e a filosofia da ação.

Contradição do marxismo — O materialismo histórico é o código pacato da burguesia capitalista. Contra êle se insurge o próprio Karl Marx. A sua filiação em Fierbach não dissimula a sua origem idealista. Sua obra se opõe à sua própria tese porque exprime a insurreição do pensamento contra o processo natural da evolução capitalista. O marxismo interfere na história e golpeia uma civilização. E, em 1918, Lenine demonstra objetivamente o valor da Idéia, chocando-se com a marcha normal da história. Sua vitória não é contra um regimen: é contra o próprio pensamento político do marxismo, baseado na negação do primado da Idéia. (1)

(1) — O comunismo só teria sido coerente, se vencesse nos Estados Unidos. O seu advento na Rússia é a negação de toda base materialista, naturalista e experimental da obra de Marx. O bolchevismo transferiu um problema do campo da economia naturalista para o campo da psicologia espiritualista.

Matéria e espírito — O critério a que subordino minha crítica, não exclui, pois, a necessidade e permanência das Revoluções. Mas essa necessidade não é biológica e essa permanência não obedece ao determinismo materialista; pelo contrário: uma e outra se explicam segundo os impositivos do Espírito Humano, mundo a parte, perpétuamente criador e modificador, agindo paralelamente ao desenvolvimento das forças materiais das sociedades, contendo em si mesmo a sua própria dialética, exprimindo-se segundo o seu próprio sentido.

De um lado, perpetuando a evolução das Espécies, determinando o crescimento social, multiplicando os fatos objetivos da história, as energias cegas da **Matéria** e da **Fôrça**, conjugando-se em renovados efeitos; de outro lado, prolongando indefinidamente o rumo da Civilização no que esta tem de ético, especulativo, artístico ou religioso, as energias poderosas do Espírito, exprimindo-se em **Afirmção** e em **Negação**, criando as dúvidas fecundas e as certezas triunfais.

Os dois planos da História — A Humanidade caminha segundo êsses dois planos: o primeiro coletivo, global, movimento de massa, rumos inconscientes de povos; o segundo individual, singular, atitude isolada do Homem, desferindo impulsos modificadores.

Êsses impulsos, porém, não podem ser anacrônicos ou antecipados, a menos que se conferisse um poder absoluto à faculdade criadora do Homem. Nêste caso, teríamos de aceitar, não dois mundos **autônomos**, e sim dois mundos isolados, gravitando segundo centros próprios de equilíbrios originados de essências diversas. Não teríamos uma concepção útil e bela, modificadora de

uma "verdade provisória" (para usarmos a expressão fantasista de Vahinger), mas uma verdade opondo-se a outra verdade.

Aceitamos a gravitação harmoniosa dos contrários. Um mundo de fatos históricos girando em torno da idéia suscitadora de novas expressões. A idéia marcha como o sol, em torno de outros sóis; por isso, como os planetas sem luz própria e subordinados a um sistema, jamais os fatos históricos se repetem nas mesmas circunstâncias.

A comparação na História — Nada mais inseguro do que a comparação histórica. Na matéria dos acontecimentos há apenas a considerar a sua substância e esta é a lição sintética que nos deixou a ciência de Maquiavel.

Porque as circunstâncias de espaço, de tempo, de volume, de massas e de energia desenvolvida desfiguram os episódios de cada ciclo considerado. E também a força da idéia e a capacidade e possibilidade de ação, a localização das incidências das energias revolucionárias variam em cada momento histórico.

Essa variabilidade demonstra o valor consciente da Idéia-Fôrça em relação ao valor inconsciente do Fato Histórico.

Realmente. Cada revolução, objetivando restabelecer um equilíbrio perdido, desloca certa soma de força que: 1.^o) ou não chega a corresponder a um **quantum** matematicamente preciso; 2.^o) ou leva um **superavit** de energia; 3.^o) ou não se distribui proporcionalmente.

Revolução e Espírito — O inconsciente não erra. (1) Não que lhe repugne o êrro; mas pelo

(1) — Se o mundo inorgânico e os seres organizados, mas sem consciência, errassem, isso significaria que Deus errava. Só o homem erra, porque tem consciência e livre arbítrio. O inconsciente não é movido por uma vontade interior, mas pela vontade exterior de um interferente, que é de um modo absoluto Deus, e de um modo relativo, o homem.

fato da nenhuma significação para êle, da verdade ou do êrro. Em qualquer sentido que se desenvolva, o inconsciente está certo, ou melhor, está conforme a sua natureza, que não é certa nem errada, segundo o interêsse do Homem.

A Idéia Revolucionária — A Idéia é, pois, pelo fato de poder manifestar-se errada ou certa, o resultado das elaborações do Espírito fora dos impositivos da matéria inconsciente. A Idéia Revolucionária, portanto, transcende ao materialismo histórico e ao determinismo evolucionista.

A Idéia é autônoma, justamente porque pode errar ou acertar.

O estado pré-revolucionário é o de um deslocamento de massas, de uma hipertrofia dêste ou daquele componente, de um desvio de gravidade.

O ato revolucionário é originado de força puramente ideal, atuando em relação aos fatos de fora para dentro, no sentido de recompor o equilíbrio perdido.

Essa força, se deficiente, vem agravar a situação pré-revolucionária; se demasiada, ou mal distribuída, leva no **superavit**, ou nos diferenciais, um início de êrro, o qual, por menor que seja, atingirá ângulos de desenvolvimento que provocarão, no futuro, nova situação de instabilidade.

Daí a necessidade e permanência das revoluções e o seu significado puramente ideal. As circunstâncias imprevistas foram geradas de erros de cálculos na propulsão das idéias modificadoras do desequilíbrio verificado.

Vida social e Espírito criador — Mas é justamente o êrro de cálculo das revoluções que evidencia o dualismo entre o processo da vida social (econômico, administrativo, político e sentimental) e o processo da força do Espírito (filosófico, ideal e gerador de energias próprias).

As Revoluções se operam segundo os impositivos do Pensamento, e êste processa sua evolução segundo seu plano próprio, e seu próprio ritmo, conquanto aparentemente se revista de formas estruturadas pelas características de um período considerado.

Princípios fundamentais da Revolução — Ao estudar, pois, a Revolução, assentamos os seguintes princípios:

1.º) — O desenvolvimento das expressões objetivas da Sociedade se processa segundo o ritmo determinista da Idéia-Matéria (fato-histórico);

2.º) — O desenvolvimento das expressões subjetivas se processa segundo o ritmo arbitrário da Idéia-Fôrça (concepção filosófica);

3.º) — A Idéia-Fôrça pode interferir no fato histórico;

4.º) — A Idéia-Fôrça não pode contrariar a índole substancial do fato histórico; em conclusão:

5.º) — A realização objetiva da Idéia-Fôrça está na razão direta da oportunidade histórica, assim como da interpretação predominante do sentido social de um momento dado. (1)

(1) — Êstes cinco princípios puramente experimentais, não excluem os casos da inspiração sobrenatural. Os princípios acima enumerados referem-se às exclusivas relações entre o homem e a sociedade, entre a idéia humana e o fato histórico.

II

PROCESSOS REVOLUCIONÁRIOS

Mecânica das Revoluções — No decurso dêste estudo, falaremos, por vêzes, nos erros das revoluções. Erros da Reforma, erros do Humanismo e da Revolução Francesa. E' preciso deixar bem claro, entretanto, que o nosso conceito do êrro (para o efeito do que estamos demonstrando) não envolve um sentido moral, mas um senso mecânico. Êrro, por assim dizer, passível de consideração e de cálculo. Êrro no sentido matemático, não no sentido moral. Êrro como demonstração mesmo do mundo à parte da idéia e do pensamento. Êrro como resultado da energia autônoma do Espírito, na sua interferência sôbre o desenvolvimento das forças da matéria.

Todo êrro traz um princípio de verdade. Podemos, até certo ponto, afirmar que a verdade é todo o mundo objetivo em si, e o êrro é essencialmente subjetivo (1). Se há êrro é porque existe um mundo subjetivo autônomo. O jôgo dêsses dois mundos é que cria a permanência da revolução.

Revolução é tendência de harmonização de dois mundos. E' procura de um equilíbrio.

Aspiração ao repouso — As sociedades, como tudo o que obedece às leis do movimento aspiram ao repouso, considerado êste como uma harmonia

(1) — Entre o bem e o mal, só a consciência esclarece e só o livre arbítrio decide. O mundo é como é, por conseguinte exprime a verdade. E' a inocência cósmica, com a qual comunga a inocência das almas virginais.

dos movimentos. O repouso não pode ser a imobilidade, mas o equilíbrio.

Tudo tende ao equilíbrio, porque o equilíbrio é a integridade, é a forma do repouso no movimento.

Essa lei impera sobre os astros como sobre as moléculas e os átomos. A gravitação das esferas é o repouso na marcha permanente, do mesmo modo que a vibração dos iônios. Existe, pois, no mundo da matéria e da energia, um sentido de movimento que a inconsciência da matéria desconhece porque se origina de um princípio de Inteligência, única fonte da Idéia, transformada em ação nos limites da matéria e da força.

À objeção de que, neste caso, não se compreenderiam desequilíbrios no mundo objetivo, uma vez que este vem dirigido por uma Inteligência Universal, responderíamos que tais desequilíbrios não existem realmente em relação ao absoluto da Inteligência Ordenadora dos sistemas de movimento, mas existem em referência ao relativo do Espírito Humano e no concernente aos interesses do Homem.

O Homem e a Natureza — O interesse de afirmação do Homem é que se opõe ao desinteresse das energias cegas da natureza. O Homem é essencialmente modificador e o âmbito de sua ação abrange não só o mundo exterior, mas o seu próprio mundo interior. É o grande poder modificador e, até certos limites, criador, que lhe foi outorgado por Deus, quando lhe deu inteligência e vontade.

Caráter ético das Revoluções — O Homem é, pois, autônomo e criador, capaz de interferir e modificar aspectos da Natureza e da Sociedade. Nesta,

a seguirmos o critério naturalista da vida, não haveria desequilíbrios, de um modo absoluto: a luta dos seres, o domínio dos mais fortes não alteraria o ritmo universal da matéria, nem interessaria o sentido matemático do movimento cósmico. As Revoluções, sejam de que natureza forem, têm, logicamente, um caráter ético, uma finalidade moral. Tôdas as revoluções são atos ideais, porque tôda a alteração da marcha social pressupõe a autonomia da Idéia, o seu valor intrínseco, a sua prevalência sôbre as forças desencadeadas pelo determinismo dos fatos. (1) Revolução e materialismo são antinomia chocante. A chamada revolução marxista, baseada num conceito materialista da existência é, portanto, uma contra-revolução.

Direitos e Deveres — O Homem é centro de movimentos, ao mesmo tempo que é parte de um sistema de movimentos. Como centro de movimentos, deve, forçosamente, gravitar, em tórno dêle, uma série de coisas que lhe são atributos, direitos; como parte de um sistema geral, o Homem tem de gravitar para um centro que, por sua vez, lhe impõe deveres em relação aos componentes daquele sistema.

A Sociedade só pode funcionar sem angústias, quando êsse equilíbrio é perfeito, quando os contrários se harmonizam, tendo os direitos, como centro, o Homem, e tendo os deveres, como centro, a

(1) — A maior contradição do comunismo está justamente aí. Partindo do materialismo, para ser lógico deveria "deixar correr o barco". Os liberais são muito mais materialistas, pois se submetem ao evolucionismo. Dizendo-se revolucionários, os marxistas contradizem a sua concepção do mundo. Contrariam o aforisma de Leibnitz adotado pelo evolucionismo: a natureza não dá saltos. Seu processo de luta põe por terra sua doutrina.

própria finalidade humana, o princípio gerador do mundo da Matéria e da Fôrça e do mundo da Afirmação e da Negação, numa palavra — Deus.

A crise contemporânea é o resultado de um erro filosófico derivado da concepção científica do mundo. O Renascimento abriu ao Homem os horizontes da ciência. Vieram os métodos de investigação, poderosos e felizes. Mas a mentalidade humana, à fôrça de experimentação e do critério científico, sofreu um deslocamento do sentido totalista do Universo. Com o correr do século mais recente, a concepção integral (que aliás não chegou a ser uma realidade completa na Idade Média e no Estado anterior à Revolução Francesa) (1) veio cedendo terreno ao espírito desagregador. E a uma Humanidade que considera o mundo segundo a síntese, tivemos uma Humanidade que o considerou segundo a análise.

Análise e Síntese — Essa fisionomia do Pensamento moderno tem significação profunda em relação às consequências políticas do nosso tempo. A análise deduz suas conclusões dos elementos fracionários. O processo mental da generalização, que

(1) — No Estado Medieval havia o sentido totalitário no que concernia às “formas sociais”, porém não se verificava o mesmo no referente aos “movimentos sociais”. Aquele Estado correspondia à concepção astronômica de Ptolomeu e Strabão, como o Estado Liberal corresponde a Copernico e Kepler. O Estado Integralista, posterior a Henry Poincaré, corresponde a uma concepção total de formas e movimentos. No Estado Medieval, a Nação era o rei. A frase de Luiz XIV: “l’Etat c’est moi”, exprime um conceito de soberania baseado no monarca, centralizador, em torno do qual giravam as classes (nobreza, clero e povo). A Revolução Francesa criou a soberania do povo, meramente política, abandonando à desordem as expressões econômicas e espirituais. O marxismo unilateral encara apenas a parte econômica. O integralismo é a síntese e a harmonia de todas as formas e movimentos.

dela procede, é uma imitação do processo mental de conclusão, que deriva da síntese. A filosofia baseada na experiência incide no êrro que imputa à filosofia baseada na consideração dos fenômenos totais, porque parte aprioristicamente de hipóteses, cuja revisão ela mesma pratica, segundo o desenvolvimento da técnica experimental.

Ao senso de síntese de uma Humanidade que segundo êle se organizou, embora com erros, sucedeu um senso de análise, que procedeu à fragmentação de todos os elementos do mundo, indo de Copernico e Kepler a Sigismundo Freud, indo das leis das proporções definidas ou múltiplas de Dalton e Proust, às mais recentes investigações dos électrons.

A concepção totalitária do mundo, baseada na Eterna Verdade que o agnosticismo moderno considera simples hipótese, foi substituída pelo conceito científico do Universo, que desarmou a inteligência em face de tôdas as conclusões decorrentes de numerosíssimas hipóteses.

O Mundo das Hipóteses — Vemos o homem pretendendo deduzir uma tese de simples corolários do problema universal; e como os corolários se multiplicam, como as verdades se revezam, e como o aparelho e o laboratório reservam, dia a dia, novas surpresas, novas revelações, cancelamentos de verdades transitórias, revisão de conhecimentos, temos o Homem e seus movimentos na Sociedade e no Universo subordinados ao domínio das hipóteses.

A instabilidade dêsse critério hipotético multiplica os ritmos do pensamento filosófico, sociológico e político: dessa maneira deixamos de ter uma sociedade humana em permanência uniforme e matemática de movimentos, para têmos uma sociedade complexa e difusa, com ritmos de

vida numerosos, engendrados por hipóteses numerosas. (1).

E' o estilhaçamento do Ser Pensante a chocar-se naquela zona do conhecimento em que a contingência do experimentalismo esbarra com o Enigma Absoluto do Universo. Mas será hoje, partindo da propria multiplicidade das hipoteses, que iremos (através da apreciação da relatividade dos fenomenos) atingir novamente o Absoluto.

Centralização econômica e descentralização intelectual — A quebra do sentido de unidade espiritual determinou, no transcurso do último século, a fragmentação da Inteligência Humana e seu conseqüente desprestígio em face de uma unidade econômica, cada vez maior.

A crise contemporânea provém exatamente da discordância dos dois sistemas:

1.º — as concepções filosóficas, éticas, jurídicas e estéticas, tendendo a uma descentralização fragmentária, à multiplicação de feudos mentais em contínua destruição mútua e em sub-divisões progressivas;

2.º — as forças econômicas agregando-se progressivamente, submetendo-se a crescente uniformidade de ritmo, moldando-se a "standards" universalizantes e objetivando uma perfeita unidade. (2).

(1) — Farias Brito, nas páginas de "A verdade como regra das ações", desdobra de maneira impressionante a confusão a que a filosofia, escravizada à volúvel ciência, lançou o mundo contemporâneo.

(2) — E' tão impressionante o contraste entre a marcha contínua, sistemática, da pluralidade para a unidade financeira, dentro do ritmo capitalista, e a marcha da unidade para a pluralidade espiritual, dentro do liberalismo, que muitos, com fundamento, são levados a crer num metódico trabalho secreto de ocultas forças interessadas no predomínio da casta financeira.

Inversão de valores — Como consequência, tivemos:

- a) a decadência dos valores espirituais;
- b) a ascendência dos valores econômicos.

Êstes hipertrofiaram-se e deflagraram a cega expansão de suas energia acumuladas, arruinando tôda a concepção ética da sociedade.

Verifica-se hoje o desequilíbrio, o desenvolvimento do ângulo mal pressentido ao alvorecer do grande século do individualismo e do liberalismo.

Por isso, a Revolução (direito sagrado do Espírito, interferência da Idéia Autônoma, golpe de Homens Superiores animados pela soberana força do Pensamento) é hoje, como foi sempre, universal.

O fenômeno revolucionário — A Revolução é fenômeno cíclico, mas é também fenômeno permanente. É cíclico na sua interferência, é permanente na sua elaboração.

Em contraposição ao conceito exclusivo do materialismo histórico, reivindicamos, para a Revolução, o seu caráter ético. Sustentamos o primado da Idéia. A Idéia precedeu o desenvolvimento das forças materiais da sociedade, porque estas mesmas obedeceram ao seu impulso inicial na Revolução anterior. Foi devido ao êrro da própria Idéia (êrro que confirma a sua natureza subjetiva independente do mundo exterior e dos impositivos circunstanciais) que o estado de desequilíbrio se gerou. Não tomando o êrro segundo a concepção moral, (1) mas segundo o conceito mecânico, adjudicamo-lo à própria Idéia, explicando, por essa forma, a necessi-

(1) — Evidente o meu pensamento: estou estudando o “êrro” simplesmente do ponto de vista do que podemos chamar a “mecânica social”. É um prisma; é um capítulo; é um aspecto que não exclui os outros, dos quais não estou tratando agora.

dade e permanência do fenômeno revolucionário. Nem por isso deixamos de aceitar e proclamar o valor intrínseco da Idéia, a exatidão de seus lineamentos essenciais. O êrro não é de substância, nem é intencional, mas refere-se ao valor dinâmico do desenvolvimento da Idéia transformada em Fato.

A Idéia Revolucionária é sempre de ordem moral: compreende uma concepção de justiça e de equilíbrio que é presente em todos os movimentos da História. No fundo, tôdas as revoluções significam a mesma coisa. A tradução da Idéia, a sua versão em fato histórico é que se apresenta susceptível de êrro.

Esse êrro de cálculo é que determina as situações de desequilíbrio em que é preciso interferir novamente a Idéia Revolucionária.

Caracteres circunstanciais da Revolução — Eis porque consideramos a Revolução:

1.^o) — em elaboração autônoma e subjetiva permanente;

2.^o) — em função objetiva cíclica;

3.^o) — subordinada às aspirações do Espírito e não aos imperativos da matéria;

4.^o) — significativa do anseio de aperfeiçoamento do Homem no que êle tem de superior na sua essência.

Negamos, pois, a capacidade absoluta da Idéia-Fôrça, mas afirmamos o seu valor relativo e predominante sôbre a Idéia-Fato.

Negamos ao determinismo histórico um valor absoluto, como o compreendem os transformistas, os evolucionistas, os críticos materialistas; mas consideramo-lo segundo a sua relatividade.

Aceitamos a precedência, a permanência e a prevalência de um conceito moral supremo, fonte

da energia revolucionária e expressão da finalidade superior do Homem.

Consideramos a inteligência humana como um fenômeno relativo, sujeito a erros de cálculo, erros matemáticos e não morais, (1) em razão de cujos efeitos se possibilita a dinâmica social.

Espírito, Matéria e Fôrça — Não se compreende um mundo parado, cristalizado numa forma definitiva. A concepção integral das expressões do Espírito, da Matéria e da Fôrça repele a idéia do repouso absoluto, assim como da ciência experimental absoluta. A filosofia integral engendra a unidade dos sistemas subordinando-se ao relativismo dos movimentos. Porque o movimento absoluto seria a negação do movimento e o mundo se manifesta na perpétua mobilidade.

Eis porque a permanência da Revolução é fenômeno espiritual e necessário no sistema do mundo.

O seu progresso subordina-se imediatamente ao relativismo da inteligência na consideração do absoluto.

(1) — O que há de moral no espírito humano foi-lhe transmitido pela revelação e pela tradição; a inteligência aumenta o poder da clareza do senso moral, mas na elaboração permanente de fôrças próprias exteriorizadoras daquele senso moral, ela erra, traduz erradamente a idéia profunda do **bem**, da **verdade** e do **belo**. Claro que não me refiro aos casos onde entra a má fé, o propósito preconcebido e perverso de transmitir o mal.

III

CARACTERÍSTICAS DOS MOVIMENTOS REVOLUCIONÁRIOS

Tendência ao equilíbrio — As revoluções, de um modo geral, não passam da interferência da Idéia-Fôrça, no sentido da recomposição de um equilíbrio social. (1)

Nas relações humanas entre povos e governos, entre o indivíduo e a sociedade, entre grupos da mesma sociedade, considerados sob diferentes aspectos, as fôrças contrárias precisam equilibrar-se para a manutenção das condições de estabilidade.

Sempre que uma fôrça venha a hipertrofiar-se em detrimento de uma oposta, rompe-se necessariamente o equilíbrio. Entre o instante do deslocamento e o da nova posição estável, medeia o período que costumamos chamar de revolução.

Trânsito e circunstâncias — A Revolução é, pois, o trânsito de uma posição de equilíbrio para

(1) — Em "Palavra Nova dos tempos novos", escrevi: "Em última análise, toda revolução é uma luta contra o fato concreto da História; é, portanto, uma luta contra a massa, porque esta já se subordinou a uma Idéia-Força anterior, agora transformada em fato. Toda Idéia Força, uma vez materializada numa expressão social, perde o seu poder de construção, para iniciar o processo de decomposição de suas formas concretas. E' que toda Idéia-Força traz dentro de si uma composição de energias envolvendo a energia nuclear; no instante em que essas energias se materializam, começa a dissociação. A Idéia-Força, criação do Homem, é mortal como ele". "O Estado que pretender a perpetuidade deverá animar-se periodicamente de novas Idéias-Forças, porém deverá conter em si a Idéia Imortal. A Idéia Imortal vem de Deus, como a Idéia-Força vem do Homem."

uma nova condição de equilíbrio. E uma vez que o equilíbrio anterior vinha sendo mantido pela conjugação de forças em **determinadas circunstâncias**, cumpre, na apreciação das revoluções, ter em vista e em especial atenção êsse concurso de **circunstâncias**, que podem, no transcorrer de um antigo para um novo equilíbrio, revelar situações absolutamente novas. Êsse concurso de circunstâncias é de importância capital, pois em razão dêle se revelam ao gênio político as causas mais remotas e profundas do estado pré-revolucionário.

Aparências e realidades — Uma revolução se efetiva objetivamente na História, obedecendo, na aparência, a certas causas diretas; mas essas causas passam a ser um simples conjunto de efeitos, desde que o concurso de circunstâncias que atuam durante o período de transição revolucionária começa a pôr em evidência fatores novos e desconhecidos pela visão limitada dos comparsas.

História e Geografia — Antes de mais nada, temos a distinguir nas revoluções os seus dois aspectos para podermos classificar e compreender um movimento dado, no curso da história.

As revoluções devem ser consideradas:

- a) — segundo o **tempo**;
- b) — segundo o **espaço**.

As revoluções podem dar-se simultaneamente no espaço e no tempo, tal o movimento de independência dos povos americanos, no comêço do século passado. Podem efetivar-se apenas no tempo, como a revolução francesa, ou a revolução russa. Podem realizar-se unicamente no espaço, como os movi-

mentos nacionalistas da Irlanda, do Egito ou da Índia.

Daí serem as revoluções:

- geográfico-históricas;
- históricas;
- e geográficas.

Se tivermos, porém, em vista, que, até certo ponto, a geografia escreve a história, teremos, em muitos casos, de subordinar uma revolução aparentemente histórica a uma causa verdadeiramente geográfica.

Por outro lado, se considerarmos que o desenvolvimento científico e econômico pode, e até quase sempre, atuar na acentuação de incompatibilidades que chamaremos geográficas, as quais, por sua vez, agem com efeitos sociais e políticos, teremos de subordinar uma revolução aparentemente geográfica, a causas na realidade históricas.

Por aí se vê como as circunstâncias de espaço e de tempo se associam, estabelecendo iniciais confusões à crítica dos movimentos revolucionários.

Como revoluções históricas, citamos a francesa e a russa, às quais podemos juntar a japonesa, que transformou os velhos padrões da civilização nipônica na segunda metade do século passado; a revolução turca, que, depois da primeira Guerra Mundial, modificou as expressões sociais e políticas do país dos Sultões; a revolução italiana, que criou o Estado Fascista; a revolução portuguesa, (1) que entra agora na sua fase construtiva; a revolução nacional-socialista da Alemanha, e a própria revolução espanhola.

(1) — Escrevia-se em 1933.

Consideramos revoluções geográficas tôdas aquelas que obedecem a fatores econômicos regionais, ou a impositivos sentimentais de independência ou desagregação.

Tipos psicológicos de revoluções — Apreciadas quanto ao processo de sua manifestação na História, as revoluções são:

— **subjetivas**, quando se efetivam mediante um movimento de idéias, operando no campo da filosofia, da sociologia, da política, transformações mentais, que orientam novos processos de análise, de investigações, de dedução, novas concepções da dinâmica social: é o caso da invasão do espírito grego no Império Romano, do Cristianismo, da Reforma, da Renascença, finalmente da Enciclopédia, movimentos tipicamente espirituais;

— **objetivas**, quando exprimem, através de atos de força, isentos de serido ideológico, apenas a hipersensibilidade social agravada pelas situações de desequilíbrio pré-revolucionárias: são revoluções em que ninguém sabe exatamente o que pretende, e que investem desordenadamente contra uma ordem anterior sob falsas alegações de causas aparentes (é o caso típico das revoluções sul-americanas entre as quais enquadramos a brasileira de 1930);

— **subjetivas-objetivas**, quando os dois fenômenos se conjugam (exemplo, a revolução de Lenine e, até certo ponto, a de Mussolini).

Não há, entretanto, nenhuma revolução que não se subordine, direta ou indiretamente, ao desenvolvimento subjetivo de idéias e sentimentos, de ordem especulativa e relacionados com modificações de processos de vida.

Essa distinção entre a revolução objetiva e a subjetiva é da máxima importância, principalmem-

te para nós, brasileiros, que estamos vivendo um momento em que já não têm nenhum valor revolucionário os elementos que participaram objetivamente da revolução de 1930, pois faltou-lhes o gênio político para interpretar a psicologia de um movimento o qual, já agora, não há-de parar e trará o país em contínuo desassossêgo, enquanto a geração para a qual se escrevem estas linhas, não desferir o golpe profundo, que dela se espera. (1)

As quatro formas da Revolução — As revoluções objetivas podem:

- 1.º) — proceder diretamente das revoluções subjetivas;
- 2.º) — coincidir com estas;
- 3.º) — anteceder-las; ou, finalmente,
- 4.º) — anteceder, coincidir e continuar.

No primeiro caso, a rebelião, movimento armado civil ou militar, revolta, greve, sedições, golpes de Estado, enfim tôdas as ações concretas de grupos, classes, regiões, ou massas populares, revelam-se como resultado da ação ideológica, da propaganda de novos pensamentos, numa palavra, da revolução subjetiva.

No segundo caso, a modificação psicológica sub-consciente dos grupos, classes, regiões, massas, civis ou militares, criando um mal-estar indicativo daquele desequilíbrio a que nos referimos, processa-se paralelamente com as transformações ou transposições dos planos ideológicos, envolvendo os dois planos, sem ligação, para conduzi-los a um vértice que assinala a oportunidade histórica.

(1) — Esta página, escrita em 1933, teve sua confirmação, nos últimos 18 anos e continuará a ter... até quando?

No terceiro caso, uma modificação do subconsciente popular, determinando manifestações reflexas indeterminadas, precede a evolução das idéias, estourando num momento dado, sendo que só depois dêsse estampido sem significação é que se precipita o processo da formação revolucionária subjetiva, que toma as rédeas da direção do movimento e lhe imprime um sentido mais exato.

No quarto caso, as perturbações de ordem manifestam-se esporadicamente, em horas e lugares diferentes, sugerem um estado de espírito, determinam a formação dos elementos da revolução subjetiva, caminham paralelamente com o desenvolvimento desta, coincidem com esta na hora decisiva da deflagração geral, e continuam agindo sem uma expressão nitidamente determinada.

A primeira é a revolução da cultura;
a segunda é o golpe técnico;
a terceira é a revolução dos gênios;
A quarta é o palco das mediocridades.

Ação e pensamento — O que é indispensável distinguir, e com precisão, é a **ação** e o **pensamento**, o **movimento armado** e o **movimento de idéias**, ainda quando intimamente ligados e até fundidos.

O movimento armado pode ser simplesmente **reflexo**; o movimento de idéias é sempre **consciente**.

O fato histórico pode obedecer ao ritmo determinista; a idéia-fôrça é autônoma.

Recomposições de equilíbrio — Segundo o nosso método, consideramos com igual valor revolucionário a desagregação do Império Romano, o fenómeno da centralização monárquica, absorvendo o feudalismo e criando a Monarquia, assim como o

advento do Estado Moderno; consideramos um fenômeno revolucionário a implantação do individualismo econômico nos séculos XVIII e XIX, como o processo de centralização política da economia, efetivado pelo Estado Soviético, depois da primeira Grande Guerra.

E isso que, para o determinismo histórico, a crítica científica, a classificação evolucionista, não passa de etapa ou fase, aparentemente contraditória, do mesmo fenômeno do desenvolvimento econômico da sociedade, nós tomamos segundo uma consideração mais ampla dos movimentos sociais, em que entram, na mesma conjugação de efeitos, os valores ideológicos, volitivos, arbitrários do pensamento e da razão e os elementos determinativos, condicionais e sentimentais dos fatos.

Dinâmica revolucionária — Há, por isso, a considerar, nas revoluções, quando as tomamos segundo o seu valor e significado histórico, o seu sentido de avanço, direção, inclinação, que cumpre sempre ter em vista para a compreensão dos fenômenos sociais.

Nossa tese integralista não é uma tese estática; não foge ao sistema universal do movimento: procura abranger o movimento e, por isso, toma como ponto de partida a relatividade do movimento.

Na dinâmica social, êste subordina-se à harmonia dos contrários, à gravitação dos interesses do homem em face do desinteresse das forças da matéria. (1).

(1) -- Está dito atrás que o "inconsciente não erra"; e não erra porque é desinteressado. Se colocarmos todos os móveis de uma casa, de cabeça para baixo, êles estarão certos, obedecendo à lei da gravidade e nenhuma crítica ou censura lhes poderemos fazer, apreciando-os quanto às leis naturais. Se êrro existe, é em relação ao interesse do morador da casa. O mesmo se dá na Sociedade. Dentro das leis físicas tudo está certo: o forte

oprimindo o fraco, o embusteiro audacioso vencendo os virtuosos, uns morrendo de fome e outros de indigestão. E' o interesse moral, que se opõe ao desinteresse das forças cegas da matéria. Tôda revolução é, pois, uma insurreição contra o despotismo surdo da natureza inconsciente. Quem proclama o materialismo é anti-revolucionário. Daí o valor ético e espiritual, e a permanência da dinâmica revolucionária. A luta contra a brutalidade. Negar a Deus é submeter-se às leis da matéria. As leis da matéria são o "struggle for life", a seleção natural dos mais fortes, a adaptabilidade, a evolução. Ser revolucionário é insurgir-se contra as consequências dessas leis, quando elas se manifestam em detrimento do interesse moral do Homem. Ser revolucionário é dominar e corrigir a natureza. E' reconhecer que existe um outro plano no Universo, além do material. Negar êsse plano é dar à Revolução uma ética contrária até mesmo a evidentes realidades do experimentalismo científico.

IV

SIMULTANEIDADE DOS FATÔRES OPERANTES

A insatisfação permanente do Espírito — Tôdas as revoluções não passam de capítulos de uma única e grande revolução.

Essa grande revolução esteve sempre presente em tôdas as épocas da história. Corresponde a um fenômeno puramente espiritual, porque interfere na marcha material da civilização.

A concepção materialista da história é uma condenação ao direito humano dos movimentos revolucionários. E' a exclusão de um mundo que co-existe, paralelo e dinâmico, em perpétua correspondência com o desenvolvimento dos fatos objetivos da sociedade.

Revolução é vitalidade, é fôrça do homem. E' autonomia da Idéia, é interferência histórica, é propulsão, desvio de rota, criação de aspectos novos.

A Revolução é permanente porque o Espírito não descança, através do relativo da Inteligência, na procura do Absoluto que é repouso supremo.

Tôda Revolução encerra uma verdade ética e um erro matemático; e é do jôgo contínuo dêsses dois elementos que deriva o funcionamento ininterrupto da relativa faculdade criadora do homem engendrando novas formas que condicionam transitòriamente uma aspiração de repouso. (1).

(1) — A lei da constância mística enunciada por Menotti del Picchia no seu livro "A crise da democracia" não é mais do que a comprovação do caráter espiritual das revoluções, que se insurgem contra o conceito materialista da História.

Eis porque dizíamos que as revoluções devem ser consideradas, não apenas segundo os quadros da evolução da Espécie, o que seria um critério unilateral, mas segundo todos os sentidos dos movimentos sociais, em que se reflete a imagem inteira do Homem.

As revoluções, onde e quando se processem, apresentam realmente as expressões de forças biológicas em evolução, o índice de desenvolvimentos econômicos, segundo circunstâncias determinadas; mas apresentam também as expressões de outras forças, que são intelectuais e morais e derivam da inquietude permanente de "outro mundo", independente, subjetivo, de ritmo próprio.

Poder relativo do Homem — Não damos, porém, ao livre-arbítrio a soberana faculdade de decidir das transformações da sociedade. Seria preciso que a faculdade criadora do Homem fôsse absoluta, de sorte a improvisar uma sociedade nova, de natureza, de essência diversa, numa palavra, feita segundo o arbítrio imaginativo do seu criador.

Pode-se, com um automóvel, ir para onde se quer; há plena liberdade para isso; mas o automóvel depende do funcionamento do motor, como êste depende de suas peças, e tudo depende da gasolina. O automóvel não tem vontade própria, mas tem sua própria natureza. E a Humanidade ainda é a velha viatura dos velhos tempos dos Faraós.

O Homem e a Humanidade — Só o Homem é novo. E' a perpétua mocidade. Porque traz dentro de si a força renovadora que prolonga as primaveras.

O homem é novo, quando se rejuvenesce pela ação criadora do seu mundo interior; e quando êle se sente suficientemente jovem, interfere, atua, modifica, na ânsia de renovar a face da terra.

Revolução é ato do Homem e não da Humanidade.

Revolução é ato de fôrça, portanto de juventude. Movimento revolucionário é movimento de mocidade. Da eterna mocidade dos heróis.

Por isso é arbitrária, violenta nos seus efeitos. Por isso é permanente, porque se a Humanidade envelhece, o Homem, cada vez mais, é moço e belo.

Revolução é sentido de equilíbrio novo, de formas novas. Trazendo um íntimo sentimento moral, revela-se num alto pensamento estético.

Revolução é, pois, beleza da mocidade e glorificação do Homem.

A luta do Homem — O Homem tem de lutar contra o mundo.

Tudo se rebela contra aquêle que quer criar uma ordem nova. Todos os preconceitos se levantam. Tudo o que há de negativo no passado se mobiliza. Todos os comodismos dos satisfeitos se insurgem. Todos os medíocres conjuram para aniquilar aquêle que vai interferir na marcha normal dos fatos.

A Revolução tem de lutar contra os fatos, não para negá-los, mas para subordiná-los ao seu ritmo.

E' aí que se evidencia o caráter subjetivo da Revolução. Pois ela não se conforma com o desen-

volvimento das forças materiais da sociedade; não se submete ao ritmo do materialismo histórico; até falando em nome dêste ela age em sentido contrário, precipitando as etapas da marcha de uma civilização. (1).

Revolução é idéia animada pela consciência de sua própria força.

A força é a mocidade imortal.

Luta: atmosfera da idéia — Quando a idéia se imantou irradiando o magnetismo de sua energia é chegado o momento da luta do Homem.

E, então, êle terá de contar com a resistência de mil adversários. E' necessário que êle os irrite, que os provoque, arrancando-os da resistência passiva, da indiferença silenciosa, que constituem a mais poderosa das armas contra o gênio criador.

E' preciso transformar o adversário passivo no inimigo ativo.

O Homem de Ação necessita de ser agredido violentamente, porque a luta é a atmosfera da Idéia.

Arbítrio — versus — determinismo — O arbítrio do Homem deverá, entretanto, conciliar-se com o determinismo dos fatos. O êxito origina-se exatamente dessa conciliação.

(1) — A revolução bolchevista, por exemplo, precipitou, na Rússia, a marcha do capitalismo agrário para o capitalismo industrial, seguindo o próprio sentido da civilização burguesa e materialista do Ocidente. Por isso a revolução bolchevista não é propriamente uma revolução em essência, mas usou de todos os processos espirituais de uma revolução.

Os fatos já foram idéias abstratas e trazem consigo a força que aquelas lhes transmitiram (1).

A fórmula de Maquiavel, que dava ao Homem o concurso, em iguais porções, da Fortuna e da "virtu", nós poderemos hoje traduzir, depois de um século de crítica científica, que é todo o período que vem da Revolução Francesa aos nossos dias, pela fórmula que atribui metade do êxito à capacidade de ação da Idéia-Fôrça, e a outra metade à interpretação dos lineamentos preponderantes do determinismo da história.

Resistência do Passado — Um dos aspectos mais dignos de atenção dos períodos revolucionários é o da simultaneidade dos fatores que nêles operam, e que representam tôdas as correntes de pensamentos e desejos as quais, tendo nas épocas normais se dissimulado, agora surgem como forças que pretendem atuar e decidir.

Além dêsses pensamentos e desejos, temos a considerar a resistência do Passado. Entre os renovados conceitos da Sociedade, do Estado, do Governo, das relações entre indivíduos e indivíduos, entre indivíduos e governos, entre classes e governos, entre classes e classes, perduram traços do Passado, que insiste em prolongar-se (2).

(1) — O "fato" não engendra forças novas, mas trás consigo a força que lhe sobrou no instante em que deixou de ser "idéia". Essa força vai-se extinguindo com o tempo, até que chega um instante em que o "fato" (histórico, social, econômico, etc.) é semelhante a uma pilha descarregada. Então, uma "idéia-nova" se transforma em "fato-novo". Só a "idéia" tem o poder de criar energias. Mas ela terá de remover o "fato morto", sujeito agora ao determinismo cego da matéria. Aí é que se revela o gênio político.

(2) — Referimo-nos aqui às expressões exteriores e transitórias do Passado, e não aos seus valores imutáveis. Aquelas vivem e morrem, mas êstes perpetuam-se como energia vital da História. A própria Revolução, já que significa recomposição de equilíbrio, objetiva o regresso às fontes puras da vida, que estão no fundo do Passado, soterradas pelas formas efêmeras.

São os resíduos, os destritos, que enfrentam a vaga destruidora dos novos pensamentos e dos novos anelos.

Esse fenômeno foi observado na Itália fascista, conforme nos explica Rocco, dizendo ("Transformazione dello Stato"): "Era per tanto naturale che, finchè detriti del vecchio mondo politico, con mentalità totalmente diversa professanti dottrine antitetiches a quella fascista, collaboravano col fascismo nel Governo, fosse difficile iniziare vigorosamente una totale trasformazione dello Stato".

Caráter transitório do Fascismo — E' que a revolução subjetiva na Itália esteve enquadrada naquele terceiro caso a que nos referimos no capítulo precedente: ela só começou a operar decisivamente depois da revolução objetiva a que o país foi levado por um mal-estar decorrente de fenômenos sociais que produziram o grande movimento reflexo de reação do organismo nacional, determinando a marcha sôbre Roma.

A verdadeira revolução, no sentido da Idéia criadora, só depois foi se processando na Itália e ainda está muito longe do quanto terá de realizar, antes que termine seu ciclo próprio. (1).

O próximo fim do fascismo — A fase histórica que o fascismo atravessa (2) é ainda de esplendor, porque é de luta contra os erros do Passado. A decadência da Idéia-Fôrça só se inicia, quando ela começa a lutar contra o Futuro. Porque, então, ela não

(1) — Doze anos depois do advento do fascismo é que a Itália começou a entrar no Estado Corporativo, que antecederá o Estado Integral, última etapa da primeira fase revolucionária. A segunda fase da Revolução será aquela em que esta se exprimirá juridicamente através de transformações do Estado, como um fenômeno permanente e ético. Só agora, Sergio Panunzio começa a lançar a idéia que proclamámos desde a 1.^a edição deste livro, da "revolução permanente", como dever do Estado, com um fundamento moral fixo imposto pela Nação.

(2) — Escrito em 1933.

terá mais o encanto misterioso desse mundo desconhecido, a elaborar perpétuamente suas surpresas deslumbradoras, que sacodem as civilizações, claudicantes e cançadas do velho passo do determinismo materialista. (3).

Destruição e construção — O gênio político dos períodos das revoluções terá de considerar todos os fatores que operam simultaneamente na fase aguda das reformas sociais.

A tendência dos períodos críticos dos povos é para a desagregação da opinião, porque tôdas as forças sub-conscientes vêm à tona, lutando pela própria predominância.

Nos dias de incubação, em que se elaboram surdamente as idéias revolucionárias, cada fator-homem engendra a sua concepção, segundo os impositivos do seu próprio espírito. Há como que um acôrdo geral, no tocante a destruir o Passado, a substituir uma ordem velha por uma ordem nova. Mas essa uniformidade de pensamento no concernente à destruição não é a mesma no relativo à construção.

Derrubada uma situação anterior, estabelece-se a luta entre os próprios aliados. Vencerá o que tiver maior poder de interpretação das forças preponderantes e ao mesmo tempo a maior força de sedução renovadora.

- (3) — Estas considerações escritas em 1933, anteviram a decadência do regime fascista, o qual se cristalizou numa ditadura e, abandonando o ritmo da revolução social, deixou-se influir pelas idéias do século XIX, tais como o expansionismo imperial e o racismo de Chamberland e Gobineau. Na sua primeira fase, o fascismo exerceu grande influência na Alemanha, podendo-se dizer que fez gerar o nacional-socialismo. Este, porém, absorveu a doutrina marxista que pôs a funcionar ao serviço do racismo e da hipertrofia do Estado, erigido acima da Nação e do Homem. Acabou exprimindo o conúbio de Marx e de Nietzsche e começou, por sua vez, a influir no fascismo italiano. Inicia-se, desde então, a decadência do fascismo e o prenúncio de sua queda. (Nota em 1952).

A Idéia Revolucionária tem de lutar contra o Presente e contra o Passado.

Períodos de reconstrução, costumam chamar a fases como essa em que enveredou a Revolução Italiana e em que se agitou a Revolução Russa, após a marcha sobre Roma e o golpe de Lenine. A Revolução assume, então, um aspecto, por assim dizer, oposto ao seu aspecto inicial de destruição. A Revolução torna-se como a antítese de si mesma.

E' o instante em que se manifestam os núcleos de pensamento, de desejos, de mentalidades que convivem, sem atritos, nas épocas normais, e assumem posição de batalha nos momentos seguintes à derrubada de uma ordem velha. E' também o momento em que de cada ciclo percorrido surgem as fisionomias expressivas, ansiosas por exercer preponderancia nos lineamentos da ordem nova.

A História inteira desfila como uma procissão de fantasmas.

Por isso, escreve Oliveira Martins: "Cada civilização é um sistema ou série; e da mesma forma que sucede com os organismos naturais, cada sistema, contém, num grau mais ou menos rudimentar, todos os momentos de tôdas as séries: uma gôta de orvalho é a miniatura do mundo". (1) E acrescenta: "O encontro da ação individual com as instituições de um país dando de si o que se chama **uma revolução**, jamais produz o desenvolvimento puro dêsse pensamento individual, nem dessas instituições sobre que atua, quer vença a primeira, quer as segundas, no conflito que transitariamente se levanta". (2).

E' a conciliação entre o determinismo da história e o arbítrio individual, da qual tira os efeitos necessários o Gênio Político, o Homem de Ação.

(1) — "O Helenismo e a Civilização Cristã".

(2) — Ob. cit.

Tôda Revolução se dissolve na anarquia, na ruína total, se não encontra o 18 Brumário.

O 18 Brumário não é um golpe de morte sôbre a Revolução: é a própria Revolução que encontrou o seu centro de equilíbrio.

Consagração das mediocridades — Contra aquêlê que interpreta o sentido da História e surge com o poder mediúnico de conter em si as fôrças ignoradas do Futuro, que palpitam no recesso das massas humanas, ainda que não presentidas; contra aquêlê **que sabe** profundamente, porque traz consigo o esplendor divinatório da Idéia criadora, há de crescer, necessariamente, a grande conjuração dos falsos valores do Passado, assim como a conspiração tenebrosa do Presente, que é tôda uma tempestuosa mobilização das mediocridades.

No instante em que se rompe uma velha ordem, um velho equilíbrio, ficam às sôltas, livres e petulantes, todos os médiocres, todos os incapazes de se manifestar em épocas normais.

A Idéia-Fôrça tem de ser heróica nas suas atitudes, perseverante na sua luta, firme nos seus desígnios e nas suas decisões.

A intransigência da Idéia-Fôrça deve ser extremada. Seus processos devem ser ostensivos, de sorte a criar inimigos, pois o inimigo é a condição fundamental do êxito.

Os falsos valores — Nos períodos de desorganização, que sucedem à derrubada de uma ordem velha, multiplicam-se os grupos e partidos, os quais não passam de dissimulações habilidosas de prejuízos do Passado, que se valem dos valores médiocres da Revolução, Operam os mais variados fatôres, todos incapazes de subsistir, todos fomentadores da desordem e da indisciplina, da confusão que possibilita a permanência vitoriosa dos falsos valores.

O Gênio Político facilmente reconhece êsses incapazes, que se proclamam portadores de idéias novas, que falam habitualmente em nome do Futuro: sua característica é a transigência, a indisposição para agredir as fórmulas antigas, o apêgo aos pormenores, a impossibilidade de visão global dos problemas.

O homem medíocre — O medíocre é incapaz de afirmações audaciosas. O respeito à opinião pública assume nêle as proporções do terror. O feiticismo pelos valôres consagrados na ordem velha manietta-o, como um reumatismo. Os golpes ostensivos, as decisões originais ou imprevistas fazem-no recuar. Êle está sempre preocupado com o julgamento dos velhos bonzos, dos tabus que uma época já morta consagrou como supremas autoridades em determinados assuntos.

O medíocre é incapaz de armar novos cavaleiros, de tomar a iniciativa de lançar novos paladinos. O medíocre tem sempre medo de exaltar os méritos daqueles que êle julga, no terror de sua timorata consciência, capazes de ofuscá-lo.

Uma das características mais denunciadoras do medíocre é a inapetencia ao entusiasmo e a ausência na sua alma das energias animadoras da paixão pelas idéias. Êle está sempre pronto a transigir, para não contrariar as maiorias.

As maiorias inexpressivas — A Idéia-Fôrça desdenha das maiorias aparentes, porque ela interpreta sentimentos totais irrevelados, cuja projeção no Futuro será inevitável.

A Idéia-Fôrça tem um sentido total no que concerne á interpretação de uma comunidade; e parecendo exprimir apenas uma minoria no presente, na verdade exprime tôdas as fôrças que vi-

bram na quasi unanimidade dos contemporaneos, embora estes não sejam conscientes delas.

Multiplicação de partidos — A proliferação dos homens medíocres é que estabelece a aparente indefinição dos rumos, a confusão caótica. A multiplicação dos partidos é o estertor da mediocridade. O Gênio Político deverá investir contra todos os partidos. Deverá irritá-los, primeiro, para em seguida dominá-los pela influência decisiva das idéias de que é portador e que os partidos acabarão por aceitar, ainda que hajam de disfarçá-las com palavras diferentes.

As mil cabeças da Hidra de Lerna resistem ao pulso firme do intérprete de uma Ordem Nova.

O Passado é teimoso porque se dissimula nas conveniências do Presente, nos preconceitos do interesse da paz, da concórdia, da tranqüilidade pública, do respeito àqueles que já prestaram serviços e por isso devem ser tolerados.

São formas de que se revestem as mediocridades revolucionárias, muito mais perniciosas do que os valores reais de um Passado Morto.

Os maiores inimigos das revoluções são exatamente aquêles que as fizeram e não sabem dirigi-las. Porque estão sacrificando uma oportunidade histórica, porque estão retardando a imposição de uma ordem absolutamente nova.

Em meio à simultaneidade dos fatores operantes nos períodos críticos das revoluções vencedoras, é necessário que apareça, afinal, o intérprete de tôdas as angústias, o enviado do Futuro, o homem capaz de desferir o golpe de **Brumario**.

Evidente o sentido em que tomamos a atitude de Bonaparte.

Na Rússia contemporânea, essa atitude denominou-se o **golpe de Outubro**. Na Itália, **marcha sobre Roma**. Na Alemanha, a **vitória nasista**. Rejeitando o sentido dessas três atitudes, cumpre que assumamos a nossa, genuinamente brasileira, interpretando os anseios do nosso povo em face da desordem em que vivemos.

TRANSFORMAÇÃO DO ESTADO

O Estado e a Nação — O Estado deve ser vivo e ágil como a própria Nação. (1).

A Nação jamais envelhece, porque as gerações sucedem-se. O Homem é sempre moço: o conceito do Estado envolve necessariamente a idéia da perpétua juventude.

O Estado não é a Nação: mas é o ordenamento jurídico das forças nacionais. Essas forças modificam-se, transformando-se: o Estado deverá transformar-se.

Não se compreende um Estado velho, procurando exprimir uma Nação nova.

A Nação desenvolve-se, expandindo-se em todas as direções — no plano econômico, no plano intelectual, no plano moral. E o Estado, que deve traçar uma finalidade a esses movimentos, não pode deixar ultrapassar-se porque nesse caso, já não seria um instrumento hábil aos objetivos nacionais.

As energias da Sociedade Nacional desencadeiam-se em luta constante: o Estado precisa acompanhá-las na sua evolução, dirimindo os conflitos e impondo justos limites, pois para esse fim a Nação o criou.

(1) — Não há intenção literária nesta frase. Já em 1875, escrevia Bluntschli com certo exagero: "O Estado não é um instrumento sem vida, uma máquina morta, mas um ser vivo e, por conseguinte, orgânico ("Teoria Geral do Estado"). Essa afirmação exprime o pensamento da organicidade e vitalidade do Estado, sustentado pela escola histórica alemã.

Dinâmica do Estado — O Estado que paralisa no culto das formas perderá dia a dia sua significação nacional e humana. Pois a nacionalidade como a humanidade não param. Índices da vida perene, elas se exprimem em movimentos constantes.

Novas relações de espaço e de tempo, novas circunstâncias de geografia e de história, novos impositivos de sistema de produção, de circulação e de consumo, novos rumos da ciência experimental, tudo isso constitui a soma dos contingentes com que deve jogar a essência imutável do pensamento filosófico, em cujos alicerces se funda a permanência do Estado. (1).

A concepção estática das leis nega a própria natureza dos ritmos da sociedade. As próprias teses essenciais que as animam tornaram-se ineficientes em face das realidades práticas, e incapazes de afirmação pela impossibilidade de meios adequados em relação de novas circunstâncias.

O Estado deve, precisa renovar-se de conformidade com as novas e crescentes necessidades da vida humana.

Já Santo Agostinho escrevia: “Os regimens políticos evoluem, a lei segue suas vicissitudes; os costumes se transformam, a lei se adapta às suas variações”. E acrescenta: “...aspirações até então desconhecidas aparecem, necessidades impresumíveis surgem; é de toda a necessidade rever as leis para os satisfazer”. (2).

Essência e finalidade do Estado — O que se torna necessário é ter sempre em vista a essência

(1) — Quando dizemos “essência imutável”, referimo-nos ao direito natural inspirado em Deus e na finalidade do Homem.

(2) — Com estas palavras, Santo Agostinho não faz outra coisa sinão pregar a revolução permanente. E’ preciso compreender, de boa fé, o sentido que dou, em todo este livro, ao termo “revolução”.

do pensamento e a finalidade do Estado. Destes não deveremos afastar-nos, o que não quer significar que o Estado haja de paralisar-se em formas rígidas, que se tornem atentatórias da sua própria essência, do seu conceito, baseado no relativo da inteligência humana a qual está também subordinada ao relativo dos movimentos sociais, (1) sendo-lhe absurdo pretender modificar as leis divinas. O Estado não pode fugir ao fim para que foi criado e que é servir ao Homem, facilitando-lhe a realização de seus justos objetivos.

Tôda doutrina política humana levada ao extremo de suas consequências, redundando na negação de si mesma. Esse fato verifica-se exatamente pelo caráter de **absoluto** que ela adquire, em face do relativo social.

O que nos interessa, pois, ao idearmos o Estado, não é a intangibilidade de suas expressões formais, porém a inalterabilidade de sua essência, que é, ao mesmo tempo:

1.º) — independente das ações e reações do organismo social, no que concerne à finalidade última do Homem assinalada por Deus;

2.º) — dependente delas, no que concerne à sua atividade prática, às suas realizações objetivas, aos seus meios de ação.

Valores imutáveis e valores transitórios — A verdadeira política se afirma pela persistência de valores imutáveis segundo a contingência dos valores transitórios. Sem esse critério, a obra construtiva não terá consonância com as verdades essenciais e as realidades que chamaremos transitó-

(1) — Refiro-me, evidentemente, ao conceito formal do Estado, que se subordina ao relativo da Inteligência, e não ao conceito essencial, que se subordina ao absoluto de uma ética decorrente da concepção do Mundo.

rias. E é êsse critério realista que exige a transformação do Estado, desde que êle não mais preencha os seus fins, em dado momento da vida nacional.

Valor relativo do Estado — A concepção da relatividade do Estado é uma consequência do próprio relativismo dos movimentos sociais. Da idéia do Estado, em transformação permanente, decorre a necessidade das revoluções.

A revolução é função da sociedade, na sua fase destrutiva, e função do Estado na sua fase construtiva.

O Estado que se afirma numa ordem nova deve recompor, no curso do tempo, a sua estrutura.

O Estado é uma expressão da própria sociedade. O seu processo de vida não pode independender do processo da vida social. O Estado é uma expressão do pensamento, que se renova pelo dinamismo da Idéia-Fôrça. A sua fisionomia, portanto, não pode independender da Idéia-Fôrça, em que se exprime a vontade da Nação. A Nação, realidade social, existiu antes do Estado, que é realidade jurídica.

E' no Estado que se realizam os perpétuos dinamismos de dois mundos autônomos que se interferem. O Estado, pois, deve relacionar-se com os dois dinamismos: o do Espírito Criador e o da Matéria no seu constante movimento (2). O Estado absorvente e totalitário tende a cristalizar-se num formalismo rígido; torna-se estático, quando deve ser dinâmico, a fim de que acompanhe o dinamismo da Nação.

(1) — "Em todo Estado há o corpo e o espírito; a vontade do Estado e os órgãos ativos do Estado, necessariamente ligados numa mesma vida. Esse espírito e essa vontade da Nação, diferentes da simples soma das vontades e inteligências dos indivíduos". (Bluntschli. "Teoria geral do Estado").

(1) — E' a conclusão que se tira da "delegação da soberania", segundo Suarez.

Estado e Revolução — No Estado se refletem as marchas das revoluções. A Revolução é o relativismo dos movimentos. O Estado, por conseguinte, nem pode cristalizar-se na imobilidade nem exprimir o absoluto movimento.

Um Estado definitivo é um Estado morto. A Sociedade, sendo um organismo vivo, não pode fazer morada num sepulcro.

A sociedade se agita constantemente insatisfeita, porque o Espírito Humano não se conforma com as imposições contínuas das forças materiais no seu desenvolvimento determinista; um Estado perfeito e imutável corresponderia á negação do Espírito na sua capacidade de interferência e de ação e significaria a própria negação do mesmo Estado, cuja área de influência iria diminuindo até desaparecer. (1).

O conceito do Estado deve ser um conceito revolucionário. Mas êsse conceito revolucionário não é o do materialismo histórico, que apenas considera o encadeamento dos fatos, os imperativos materiais, as etapas da evolução biológica, as contingências do desenvolvimento econômico; êsse conceito, além de envolver tais forças, envolve, necessariamente, as energias intelectuais e morais.

Pois o Estado meramente econômico é unilateral e abdica da metade dos seus deveres.

O conceito do Estado, como o conceito da revolução, tem de ser forçosamente ético.

O Estado baseado na concepção integralista — Tudo isso não exclui a origem, a finalidade, a missão do Estado.

(1) — O Estado Medieval, pretendendo, impôr a perpetuidade de formas fixas da organização social, não poudé acompanhar em seus movimentos o corpo vivo da sociedade. A estrutura corporativa tornou-se antiquada porque não absorveu elementos novos de vida, não adquiriu movimentos, não ampliou seu raio de ação.

Sua origem, como centro de aspirações de harmonia e de equilíbrio; sua finalidade, como realização de justiça social; sua missão, de interferente, de centro de colaboração, de estímulo, de subordinação de forças esparsas a um condicionado nacional, de supervisorador, enfim, do complexo panorama do país.

Esse é o Estado que se inspira na concepção integralista do Homem; o Estado que rejeita o mecanismo socialista, porque êste pretende tornar-se uma finalidade e não um meio; o Estado que rejeita o liberalismo democrático, porque êste passa a constituir uma negação de si mesmo, pela hipertrofia oligárquica e domínio dos mais fortes; o Estado que rejeita os esquemas ideocráticos, de qualquer natureza, quando êles se baseiam em exclusivismos e em pontos de vista unilaterais; o Estado, que compreende a Nação como um trecho da Humanidade por cuja felicidade na Justiça, cujo aperfeiçoamento nos progressos culturais, cujo bem estar oriundo do desenvolvimento técnico, cujos objetivos espirituais decorrentes dos impositivos da essência humana, êle deve constantemente velar.

Firmado êsse princípio do Estado, cumpre dar-lhe uma função de vida, isto é, de transformação, de adaptação, de câmbio permanente de caracteres acidentais sustentando a permanência e provendo natural desenvolvimento da sua própria substância vital.

Esse pensamento de renovação permanente do Estado nada tem que ver com o pensamento revolucionário materialista cuja finalidade está em si próprio; nem com o evolucionismo transformista que só considera o desenvolvimento das formas, não considerando a essência espiritual do homem.

Com muito acêrto Vogelsang, escritor da Escola Social Cristã da Alemanha, escreve: "Nenhum organismo poderá resistir, sem uma renovação constante e ativa de seus tecidos. Tanto as plantas como os demais seres vivos, se dispõem, sem cessar, à eliminação das matérias gastas, por meio de assimilação de substâncias apropriadas, para manter o temperamento em equilíbrio e continuar o desenvolvimento do indivíduo. O organismo está sã, quando essa troca de substâncias se verifica normalmente, e perece, se essa troca é demasiado lenta ou demasiado rápida. Os Estados, sendo uma expressão viva das Sociedades, devem estar submetidos a essa lei de renovação".

O Estado Integral — O Estado Integral é o Estado que se renova. Porque para êle ser integral tem de conceber também o **movimento**, e não apenas as formas. O Estado Integral é revolucionário, porque, considerando a sociedade como **substância e forma**, considera-a também como **movimento e relação de movimentos**. Movimento espontâneo da sociedade é **Evolução** (1). Movimento pela interferência do Espírito é **Revolução**.

(1) — O exagero com que o século passado tomou o fenômeno da evolução, transformando-o numa fatalidade inerente a todos os planos do Universo, levou Farias Brito a escrever em "Fisicalidade do Mundo": "Fala-se em evolução cosmogônica, em evolução estelar, em evolução planetária, em evolução geológica, em evolução inorgânica, em evolução orgânica, em evolução superorgânica, em evolução biológica, e até em evolução atomística". E depois de citar as obras de Letourneau, "Evolução do direito", "Evolução da propriedade", "Evolução da moral", "Evolução da família", e de dizer que tudo não passa de uma fórmula ôca, uma teoria que nada explica, acrescenta: "Não quer isto, entretanto, dizer que nada se encontre de aproveitável nos trabalhos dos evolucionistas". "A noção mesmo da evolução pode ser admitida em certo sentido. O que não pode ser admitido é a teoria da evolução como concepção do mundo; o que não pode ser admitido é a interpretação da natureza pelo princípio da evolução". Farias Brito tinha a aguda intuição dos diferentes planos do Universo, rebelando-se contra a unilateralidade dos filósofos, sociólogos e juristas do século XIX.

Revolução é pensamento renovador — Com razão escreveu Alfredo Rocco: “Una rivoluzione in realtà, non merita tal nome, se non mette capo ad un nuovo sistema de diritto publico e ad un nuovo spirito del popolo” (1).

O notável jurista não somente toma como fenômeno revolucionário qualquer movimento modificador da estrutura do Estado, em qualquer sentido, e não no estreito ponto de vista marxista, mas ainda distingue, com clareza, as revoluções **subjetivas** das **objetivas**, não emprestando mesmo a estas nenhum valor, desde que não sirvam de instrumento a um pensamento de reformas profundas. Pelo que acrescenta: “Credere, como avviene tavolta, che la rivoluzione possa esaurir-se nei moti di piazza, nelle violenze, nelle esecuzione capitale e nelle stragi popolari, é confondere la forma com la sostanza, l’episodio col fatto storico. Certamente, ogni rivoluzione ha i suoi episodi tremendi e tragici ma tuttocì non é ancora rivoluzione”. (2).

Cumprê pôr em relêvo essa observação de Rocco, pois aqui entre nós, no Brasil, estamos chamando também “revolucionários” a uma chusma de indivíduos cujo único papel foi pegar em armas para derrubar um govêrno, sem saber o que fazer depois. Êsses indivíduos, muitos dos quais bem intencionados, mas **sem nenhuma idéia consciente de revolução**, insistem em pretender o título de **revolucionários**, teimam em pensar que a êles é que compete governar a Nação, sem que tenham mentalidade, nem temperamento, nem iniciação revolucionária, em qualquer sentido sociológico ou político. Êles agiram como reflexos de descontentamentos indefinidos e pensam agora que são revolucionários (3).

(1) — Alfredo Rocco, “Transformazione dello Stato”.

(2) — Rocco, ob. cit.

(3) — Referência aos dias posteriores à revolução de 1930.

E' preciso não confundir. E é Rocco quem escreve ainda estas palavras, tão oportunas ao Brasil, dizendo que, se os simples fatos episódicos constituíssem uma revolução, mereceriam também o nome de revolução as "jacqueries", "le rivolte dei contadine, o degli schiavi, le esplosioni di ira della folla mal contenta o eccitata". (1) E acrescenta: "La rivoluzione, lo stesso nome lo dice, é soprattutto un rivolgimento politico e sociale, ovvero politico e sociale insieme, quindi un processo storico, che mette capo a nuovo ordinamento dello stato o della società, o di ambedue. In altri termini, la Rivoluzione non può essere fine a se stessa, é necessariamente mezzo per la formazione di un ordine nuovo". (2).

Onde não se transformou o Estado não houve Revolução. O que houve foi masorca de quartéis, motim de populacho, guerra de caudilhos, golpes de aventureiros.

Onde houve tentativa de transformação do Estado houve já alguma coisa digna de passar à história: o sinal evidente de uma necessidade que será atendida quando surgir uma personalidade capaz de enfrentar o tumulto dos medíocres e impor um pensamento.

Nos países onde os revolucionários, depois de derrubada a ordem velha, ficaram confabulando durante um, dois ou mais anos, sem se resolverem pela definição de um pensamento claro de transformação do Estado, pode-se dizer com segurança que a média da mentalidade geral está abaixo daquela que assinala a suprema altitude dos medíocres.

(1) — Rocco, ob. cit.

(2) — Rocco, ob. cit.

Revolução compreende necessariamente transformação do Estado. Os valores legitimamente revolucionários são aquêles capazes de “meter ombros a um novo ordenamento do Estado”.

Os tímidos rotineiros — A característica dessa dolorosa mediocridade dos homens públicos é a rotina a que êles se subordinam e que Tardieu define, dizendo no prefácio a um livro de G. Le Fèvre: (1) “Nous avons vécu, depuis des annés, en cette matière comme en tant d’autres, sous le régime des “amendements”, timides additions rectificatives à des routines indiscutées. Il faut ici, de même qu’ailleurs, passer de l’amendement qui maquille à la réforme, qui construit”.

E’ essa mentalidade, denunciada por Tardieu, que caracteriza os cautelosos reformistas, os prudentes socialistas, os timoratos trabalhistas, os conservadores comodistas, os liberais democráticos, os homens de “senso comum”, obsequiosos para com a opinião **das competências**, reverentes ante os medalhões, que são os mais genuínos representantes de um período agonizante da história.

E’ ainda essa mentalidade que Alberto Tôrres define (2) referindo-se ao meio brasileiro: “Os que não usam da cultura como simples arma de combate pessoal, mantêm-se no terreno das fórmulas vagas e das teorias abstratas, onde não correm o risco de perder simpatia e popularidade”.

Palavras de Alberto Tôrres — E já que citamos Alberto Tôrres, estas palavras suas tornam-se

(1) — “Homme travail”.

(2) — “Organização Nacional”.

oportunas a propósito da concepção dinâmica do Estado e da Revolução, conforme os compreendemos: "Em verdade, todos os países possuem um regime constitucional verdadeiro, mas subterrâneo. Está aí o terrível problema da arte política: conciliar a realidade com a abstração, ou aproximar, pelo menos, a verdade das coisas do nível ideal da lei. Um regime puro seria aquele em que os dois planos se confundissem; assim, o regime constitucional progride quando o plano inferior se aproxima da concepção legal. A regra geral é que a marcha das nações se opera, através, ou apesar das instituições nominais, de acôrdo com as correntes profundas que as impulsionam ou dirigem..." (1).

Essas palavras de Alberto Tôrres são tão claras, que não pomos dúvida em afirmar que o grande pensador político se hoje vivesse seria integralista.

O Estado, é dinâmico porque a Sociedade e o Homem, cujas relações êle regula, são dinâmicos e se transformam constantemente.

O Estado, pois, deve exprimir a Idéia-Fôrça e as Idéias-Fatos, que são os dois planos interdependentes mas relacionados cada qual com movimentos próprios, ambos tendendo a uma aproximação cada vez maior.

Se o Estado não se transformar, ficará à margem da vida nacional. Tornar-se-á impotente para conter as fôrças em conflito.

Caráter estático da concepção marxista da Sociedade e do Estado — Evidentemente, quando nos referimos à concepção dinâmica do Estado, não nos subordinamos à tese marxista. O nosso conceito do relativismo social repele a concepção marxista,

(1) — "Organização Nacional".

justamente por ser ela **estática**, apesar de blasonar de dinâmica. Pois o marxismo concebe uma forma definitiva de Estado, originado de uma economia definitiva e visionando uma sociedade definitiva, em que predomina um tipo definitivo de sociedade. Dentro dessa concepção do materialismo comunista só se compreende a transformação social do ponto de vista darwiniano, isto é, da evolução da Espécie. O marxismo, pois, é a negação do próprio pensamento revolucionário. Revolução, como observa Tilgher, é movimento, e movimento é relação de Espaço, de Tempo e de Circunstâncias. Temos dito nos capítulos precedentes que reivindicamos para a Idéia o valor revolucionário que a ela somente pertence. Reivindicamos, também o governo dos povos para as aristocracias mentais, portadoras da Idéia.

Sentido heróico do nosso tempo — Tomando a Idéia, na sua pureza e na sua primordialidade, compreendemo-la segundo o seu caráter relativista, através do qual logramos subordinar-nos ao Absoluto, do qual tentou afastar-nos, durante tanto tempo, a filosofia do cientifismo experimentalista.

Se a biologia e a fisiologia nos levaram a uma concepção tão restrita do Universo, como os velhos sistemas de Ptolomeu, a matemática nos revela hoje um panorama infinito e a física nuclear nos conduz ao limiar de um mistério diante do qual nós sentimos a presença de Deus.

Este comêço de século é o fim de uma fase mediocre da humanidade. E é também o comêço de uma idade heróica.

O século passado criou os seus valores baseados no êxito e no acaso, nas finanças e no comércio. Nós temos de criar o valor do Pensamento e da

Cultura, ou melhor, o valor do Espírito, impondo definitivamente o seu domínio.

Proclamamos a permanência da Revolução, como fenômeno puramente espiritual, em contraposição ao conceito revolucionário do materialismo histórico, que compreende uma revolução automática e medíocre sujeita simplesmente à lei da evolução biológica.

Em consequência, proclamamos a necessidade constante da transformação do Estado, sem o que não se compreende uma revolução.

Ou o Estado se transforma. Ou não existe revolução.

E a marcha das sociedades há de obedecer sempre à interferência do Espírito nos impulsos revolucionários da História (1).

(1) — “A idéia da qual é preciso partir em todo o raciocínio, é idéia de revolução. E’ dela que devem começar, não sòmente os estudos de história e de política, mas também os de direito constitucional e de doutrina do Estado. Perdida de vista essa idéia, perde-se, sem dúvida, a estrela polar durante o caminho”. — (S. Panunzio, “Rivoluzione e Costituizione”. 1934, págs. X e XI).

II PARTE

ESPÍRITO DO SÉCULO XIX

Psicologia dos séculos — Não sustentamos nestas páginas nenhuma predileção por qualquer época da História. Nossa crítica, por conseguinte, não envolve uma condenação aos séculos XVIII e XIX: êles tiveram grande papel no desenvolvimentto do espírito humano.

Evidentemente que a Idade Média possuiu o seu ritmo, que parece hoje aos temerosos de enfrentar os fatos e o sentido imperativo do Tempo, o único verdadeiro sistema das expressões e movimentos sociais. Nós não podemos, entretanto, regressar à Idade Média, que desapareceu definitivamente na Renascença. A própria Terra não poderia regressar ao ponto por onde transitou um minuto antes, descrevendo a sua órbita no espaço.

Quando afirmamos, pois, nestes comentários, que, nos séculos anteriores à Revolução Francesa, a humanidade possuía um conceito totalitário da vida social e política, é preciso tomar essas palavras dentro da época a que se referem, isto é, na própria acepção da relatividade do conhecimento humano.

E quando dizemos que êste século XX manifesta a tendência de reatar o critério integralista da sociedade medieval, é preciso seja esclarecido que nos referimos exclusivamente ao **sentido da concepção**, e não à **concepção** mesma da sociedade, tão certo é que o século XIX alargou tôdas as fron-

teiras, devassou todos os limites e não podemos negar o que êle representou como fase da transformação política a que assistimos (1).

Dito isto, passemos a apreciar o século XIX, o sentido de seus movimentos, a psicologia de sua sociedade, a fisionomia e os processos da sua mentalidade.

O século da liberdade — Com muito acêrto, o século XIX foi chamado o século da liberdade.

A engrenagem do mundo desarticulou-se, gradativamente, desde o surto renascentista, até ao apogeu do experimentalismo científico.

O mecanismo do mundo social era, até então, bem simples, com o seu senso de hierarquia e de gravitação dos valores humanos. Tudo girava, na

- (1) — A Idade Média possuía a mais perfeita consciência do **mundo moral**, compreendendo o Homem e o Universo por uma forma total, isto é, sem exclusão dos valores espirituais. O centro de tudo era Deus, para o qual o Homem se dirige; e tudo na vida social, deveria objetivar o destino supremo da criatura humana. Esse critério, de valor eterno, é a base única de toda a construção do Estado e da Sociedade. Mas a Idade Média, no concernente ao processo dessa construção, utilizava-se dos elementos que possuía, e não dos que hoje possuímos em consequência do progresso técnico moderno. A constituição da Sociedade e do Estado tinha algo da concepção astronômica de Ptolomeu e Strabão: o Rei, ao centro, como o sol; em seu redor, como planetas, as classes (Nobreza, Clero e Plebe). Depois de Kepler, e Copérnico, quebraram-se as paredes de cristal dos sistemas astronômicos antigos e, na sociedade, também se partiram as paredes dos privilégios. Da Revolução Francesa em diante, a perplexidade do Homem ao considerar os espaços estelares corresponde à perplexidade com que considera um novo panorama político, onde a Liberdade e a Igualdade representam algo como a lei da atração e da repulsão de Newton. E é na plenitude do século XX, com as modernas concepções de Espaço, Tempo e Movimento, que nos encontramos diante de um imprevisto panorama social que devemos adaptar a novas condições políticas. Estas modernas concepções do cosmos retomam, (por mais paradoxal que pareça) a tradição religiosa medieval de um conceito totalitário do Universo e do Homem. E será mediante esse conceito que evitaremos a absurda teoria do Estado Totalitário de fundo socialista (nazismo ou comunismo) e poderemos criar as formas harmoniosas da Autoridade e da Liberdade sem os excessos suicidas do liberalismo.

vida política, à semelhança das esferas separadas pelas paredes de cristal dos sistemas de Ptolomeu e Strabão.

A ciência dos últimos séculos não só lançou a semente da dúvida sobre o conceito da autoridade e sobre os privilégios das classes, como também imprimiu um violento impulso a estes dois fatores prodigiosos das transformações modernas: — a indústria e o comércio.

Enquanto o experimentalismo científico entra no mundo subjetivo, destruindo velhas idéias e velhos sentimentos, a indústria e o comércio dão à vida econômica dos povos uma expressão jamais atingida, alterando completamente o conceito das necessidades e o ritmo das aspirações. (2).

É, realmente, o século das liberdades, na sua marcha transformadora, criando uma vida nova, novas condições, novos interesses, tornando possível e apresentando nítido o esquema da luta de classe, que vai servir de refrão à filosofia política de Marx.

A mentalidade humana se desagrega em inúmeras concepções de existência, ao passo que a economia, através do individualismo que inspira todas as normas de direito, expande-se num rumo firme de unidade, que marca os fortes lineamentos da grande batalha entre o Capital e o Trabalho.

A ciência destruiu o sentimento de subordinação do Homem e da Sociedade a uma Causa, a um Fim. Não lhe deu em troca nada que pudesse substituir esse firme e seguro alicerce onde outrora repousava o espírito humano, hoje atormentado por supremas angústias. E todo o panorama do século

(2) — A internacionalização do comércio é a causa mais forte da destruição da estrutura econômica do Estado Medieval. Faltou a este o poder revolucionário de transformar-se. A sua queda era inevitável. Ele não poderia conter o complexo mundo moderno.

XIX é o de forças mentais em rebelião à procura de um novo equilíbrio.

Essas forças mentais são tôdas revolucionárias porquanto não se submetem ao ritmo evolucionista das forças econômicas, dominadoras do século.

A derrota do Espírito — Durante mais de cem anos, subordinando a ciência, a literatura, as artes, as religiões, a política, e agindo subterrâneamente, livremente, só existe uma realidade vitoriosa: a marcha cega, implacável, dos fatos econômicos, das finalidades e das aspirações econômicas.

A derrota do Espírito é completa, apesar de todos os seus clamores. Valem as nações mais ricas, valem as famílias mais ricas, vale o homem mais rico; lavra surdamente a grande batalha na conquista dos bens materiais e dos confortos que a técnica prodigaliza. Essa batalha cria uma moralidade absurda e cruel, que é a da exploração do homem pelo homem. Multiplicam-se as massas obreiras humilhadas e roubadas. As Nações roubam as Nações; os grupos financeiros roubam outros grupos e escravizam os povos; o industrial, o comerciante, roubam legalmente, garantidos por tôdas as liberdades que o direito do século outorga aos mais capazes; e os mais capazes, nem são os mais inteligentes, nem os fisicamente mais eugênicos, mas aqueles que melhor se adaptam, fazendo táboa rasa dos princípios morais (3).

Essa é a marcha inexorável do século XIX, no que se refere à vida objetiva, às idéias concretas,

(3) — O “mais forte”, na concepção darwiniana é o que melhor se adapta. Quer dizer: o mais hábil, o mais acomodaticio, o mais velhaco. A civilização capitalista foi construída segundo essa “moralidade”, que penetrou até no seio das famílias e inverteu todos os valores na sociedade.

ou sejam os fatos, com a sua própria dialética e o seu sentido determinista.

Desagregação do pensamento — O Pensamento Humano, entretanto, desagrega-se em face da tremenda marcha dos fenômenos econômicos num sentido de unidade.

Essa desagregação se manifesta em várias expressões, tôdas subordinadas ao mesmo fenômeno da deslocação da humanidade de uma base de movimentos coordenados, segundo o objetivo único do fim temporal em função do fim eterno do Homem. Tais expressões foram, em resumo:

— o sentido de análise do experimentalismo científico, criando um novo processo “de pensar”;

— o individualismo romântico, com a variedade de seus padrões artísticos e literários, criando um novo processo de “sentir”;

— o ceticismo filosófico, que lançou a dúvida sobre o pensamento e o sentimento;

— o democratismo liberal, no campo da política, permitindo a expansão máxima de tôdas as concepções e formas de vida, e tendendo, de seu turno, aos extremos fracionamentos da sociedade. (1).

O ritmo, pois, do século XIX, é o da divisão e o da subdivisão, no que concerne ao Espírito. Paralelamente, o individualismo econômico marcha num sentido de adição.

(1) — A palavra mágica, o gran-tabú que inspira o liberalismo político e econômico é a “evolução”. Ela se funda nas ciências naturais. A própria tentativa de Augusto Comte, de reatar a tradição filosófica dos séculos XVII e XVIII, baseada na matemática, não consegue impressionar de leve a grande marcha evolucionista, o genuíno materialismo naturalista que é a filosofia burguesa oficial. Os homens do século XIX são Haeckel, Lamarck, Darwin, Spencer, Adam Smith e Karl Marx.

Todos os gestos dos anarquistas, a revolta das massas oprimidas, e finalmente, o violento libelo, que é o manifesto comunista, não passam, mesmo nas suas expressões materialistas, de impulsivas rebeliões do Espírito contra a sua humilhada posição de inferioridade. (1).

E, entretanto, prosegue o espetáculo da imensa desagregação do Espírito. Basta contemplar um pouco o panorama literário e artístico do século. E' a dissolução dos ritmos.

Panorama literário do século XIX — Os românticos, da primeira e da segunda fase, todos individualistas, deixando expandir o sentimento, quebrando o que chamavam preconceitos, excedendo-se no estilo declamatório e exercitando formas absolutamente livres de todos os cânones clássicos; os realistas, que estabeleceram o traço de união entre a ciência e a literatura, criando uma arte filha dos laboratórios e da psicologia, minuciosos, analíticos, pessimistas; os humanistas helênicos, críticos irônicos, amargos, a simular uma serenidade marmórea, acadêmica; os parnasianos, poetas da forma, naturailistas, como os seus confrades do romance, e acadêmicos, como os seus colegas da crítica histórica e do amadorismo filosófico; os simbolistas, transição do naturalismo científico para uma forma patológica do misticismo, poetas e pintores nevoentos, com a preocupação de esfumar as formas, imprecisi-

(5) — O pensamento que inspira o comunismo é o materialismo e Marx é um continuador dos filósofos e economistas burgueses. Entretanto, agindo em nome das últimas consequências do materialismo burguês, as massas, no íntimo, assumem uma atitude de rebelião contra a grosseria de uma civilização em que o "econômico" tomou o lugar do "moral". Servem-se, pois, os comunistas "politizados" de um sentimento popular contrário à tese materialista do marxismo, para fazer triunfar o oposto do que as massas desejam...

sar os contornos que o parnasianismo havia fixado com tão excessiva nitidez. Estes simbolistas são precursores da desagregação completa das formas de expressão, que começa com o nefelibatismo, passa para o cubismo, vai para o futurismo e o surrealismo, fragmentando-se em escolas numerosas, como o ultraísmo, o simultaneísmo, o dadaísmo, o primitivismo, experiências pessoais de estilo, de interpretação individualista da natureza (1).

Tudo isso veio atravessando o século XIX, revesando-se mais ou menos na ordem em que deixamos acima indicada, até aos dias posteriores à Grande Guerra, em que a desagregação se efetiva atingindo o seu máximo apogeu.

O individualismo na Arte — Tudo foi individualismo, desde Lamartine e Vitor Hugo, até Zola e Maupassant; desde Heine e Musset, até Heredia e Lecomte de Lisle; de Byron e Baudelaire a Wilde; de Huysmans a Edgard Poe; de Walter Scott, Dickens, Manzoni, Herculado, a Balzac, Camilo, Eça de Queiroz; desde Goethe a Carducci; de Ibsen, Tolstoi, a D'Anunzio, Shaw, Pirandelo; desde Verlaine, Moreas, Samain, Rodenbach, a Marinetti, Apollinaire, Cocteau; de Carrière a Picasso e Degas; de Dostoiewski e Turguenieff, a Gorki, Krilenko, Fialho de Almeida, Blasco Ibañez; de Renan, Anatole France, Stendhal, a Machado de Assis; de Guerra Junqueiro a Walt Witmann, pois cada um interpretou uma forma de vida e de finalidade, através do individualismo transbordante.

(1) — Como expressão da última etapa da anarquia e dissolução no campo da arte, o manifesto dadaísta é o maior documento dos tempos modernos. Ele apareceu na Suíça, antes da primeira Grande Guerra, proclamando que a palavra "dada" não significa coisa alguma; "dada" é um estado de espírito, é a cretinice espontânea.

Evidentemente, é uma das condições da arte a personalidade. E' a marca do gênio. Mas o que acentuamos é êsse fato que deve ser apreciado com atenção: de todos os séculos, foi o passado, nas suas linhas gerais, o que apresentou os lineamentos mais desconexos, as concepções de vida mais variadas, as atitudes mais contrastantes. E' que a literatura, como a pintura e a escultura, e a música (onde vemos o alto misticismo de Bach, (1) desecendo das alturas; o romantismo numeroso e opulento de Beethoven, a inspiração cósmica, pagã, tempestuosa e personalíssima de Wagner, remontando aos céus como uma procela; e a riqueza de motivos de Litz, e a linha lírica dos italianos; e o impressionismo materialista de Debussy e Strawinsk, e a infinita melancolia de Chopin), tôdas as artes sofreram o reflexo dessa situação do Homem em movimentos individualistas, que marca o largo período de desagregação do século XIX e comêço dêste. Tudo se decompõe, nesse trecho da História da Humanidade. E' a grande véspera dos dias que vivemos (2).

(1) — Bach viveu no século XVIII, mas a sua obra só foi conhecida XIX. O poeta Manuel Bandeira, num artigo "amabilíssimo", no século XIX. O poeta Manuel Bandeira, em artigo publicado sobre êste livro, cometeu o cochilo de estranhar estivesse Bach incluído na enumeração acima. Mas o fato é que Bach, durante todo o século XVIII, só era conhecido em Leipzig. Naquela cidade, executavam-se suas obras, em seguida classificavam-nas e guardavam os manuscritos, desconhecidos de tôda a Europa. Sòmente no século XIX é que a obra de Bach foi divulgada. Êle foi, para a música do século XIX o que Kant foi para a filosofia: a grande nebulosa, que produziu sistemas solares e planetários. Sua linguagem nova, seu poder inventivo, colocam-no como um contemporâneo da época romântica.

(2) — Marchando embora para o materialismo, para a dissolução moral e estética, o século XIX foi grandioso e imponente. Sua espiritualidade, o esplendor dos seus gênios, são deslumbrantes clarões. Sua galeria de grandes homens constitui um patrimônio da História. Muitos o chamaram "estúpido". Os que assim se exprimem identificam-se exatamente com o êrro daquele grande século: a unilateralidade.

A ciência divide e subdivide — Na ciência, é a análise contínua, dividindo e subdividindo, transformando as teses em corolários na marcha permanente, em que se renega cada dia a verdade de ontem. O século com as grandes sistematizações e o aperfeiçoamento do método indutivo. Tudo é susceptível de decomposição, de dissecação e de viviseção. A biologia avança para os planos mais obscuros. A histologia penetra os arcanos da célula, o mistério dos tecidos. Todo o sentido dêsse século é o da divisão e o da subdivisão. E enquanto Pasteur cria a ciência da bacteriologia, a química cria o capítulo dos espaços interatômicos e moleculares, a psicologia avança sobre os meandros da alma até às pesquisas de Freud. E enquanto Fabre e Maeterlinck estudam a vida dos insetos, os Poincaré, os Einstein estudam os movimentos dos astros e as grandes leis que os regem pelo espaços siderais. A indústria humana aperfeiçoa os instrumentos de dominação da natureza pelos sentidos, com o telescópio, o microscópio, o raio X, os medidores de emoções, que são barômetros e termômetros da alma. E tudo marcha na pesquisa constante. E essa pesquisa infunde um novo senso de vida: o senso da desagregação (3).

No campo da filosofia e da política, verifica-se a mesma direção do espírito humano. São as con-

(3) — O Homem continua a ser “o desconhecido”. As ciências são unilaterais ao considerá-lo. “L’homme qui connaît les spécialistes n’est donc pas l’homme réel. Il n’est qu’un schéma, composé lui-même des schémas construits par les techniques de chaque science”. “Chacun de nous n’est qu’une procession de fantômes au milieu desquels marche la réalité inconnaissable” (Carrel — “L’homme, cet inconnu”). Estas e como método, vai dominando, dia a dia, o século XX. resta a menor dúvida de que o Integralismo, como filosofia de Santo Alberto Magno e de Santo Tomás de Aquino. Não medicina, o próprio conceito do Ser Humano, na filosofia Homem, simplesmente, reatando, dessa forma, no campo da biotipologista expõe o conceito do Homem Integral, ou do “La Ciencia Moderna de la Persona Humana”, onde o grande mente ampliadas e aprofundadas por Nicola Pende, no livro considerações de Carrel, há quinze anos, são hoje magnifica-

clusões gerais deduzidas de aspectos particulares, as quais, do mesmo modo como as deduziu a literatura, com muito maior razão deduziram-nas a filosofia e, conseqüentemente, a ciência e a arte de construção social e govêrno dos povos.

Temos de olhar o século XIX em conjunto, desde a Revolução Francesa à Revolução Russa, para compreendermos o instante que vivemos.

Nós, do século XX, viemos de cem anos de práticas dissociativas, de investigações divisionárias. Temos o nosso cérebro habituado a dividir e a subdividir. Essa fisionomia da mentalidade contemporânea assume uma importância fundamental para a compreensão dos fenômenos políticos.

Conseqüências políticas do individualismo — O Homem fez a Revolução contra a Humanidade. A proclamação dos direitos de Homem sem a proclamação dos seus deveres é a consagração da Parcela sobre o Todo, isto é, da individualidade sobre a Personalidade.

O princípio da Autoridade tinha antes uma essência divina, determinando um sistema ao qual se subordinava a pluraridade anárquica dos egoísmos individuais. A idéia da autoridade moral opunha-se ao despotismo dos fatos sociais. No século XIX são os fatos que dominam a idéia da autoridade. A expansão econômica exige a expansão do indivíduo e esta encontra a sua atmosfera, o seu meio, na desorientação do pensamento, que perde todo o poder de domínio e direção das forças materiais da sociedade, subordinando-se ao determinismo da história.

O sufrágio universal consagra a pluralidade das concepções do mundo e a autoridade pública procede da heterogeneidade das fontes da vontade popular carregadas pelo pragmatismo das aspirações políticas orientadas subterrâneamente pelos inte-

rêsses dos grupos oligarquicos e dos falsos profetas da demagogia desenfreada.

A Revolução Francesa, portanto, que lançou o grande cartel dos direitos do Homem, viu-se negada na prática, pelas forças econômicas que ela mesma desencadeou. E o sufrágio universal tornou-se a mais terrível arma contra o próprio povo hipnotizado e ensandecido pelos demagogos.

A liberdade aproveita hoje aos mais fortes, aos que acumularam riquezas. E êsses fortes não são fortes, mas apenas os detentores de odiosos privilégios que o direito moderno outorga a todos os latrocínios. Todas as violências se perpetram em nome da chamada verdade das urnas onde as massas semi-analfabetas depositam seus votos inconscientes.

O século XIX inverteu todos os valores.

E' nesse grande século, nos primeiros bruxuleios da sua aurora, que devemos ir procurar as causas mais remotas da situação do espírito brasileiro em nossos dias.

A América nasceu sob o signo da Liberdade e do Romantismo.

II

PERFIL MORAL E POLÍTICO DA AMÉRICA

A revolução nas duas Américas — A América do Sul processou seu movimento de independência obedecendo ao ritmo do século, que era o ritmo da análise, da divisão e da subdivisão. O fenômeno que se dava em relação aos indivíduos na Europa, processava-se em relação às nacionalidades em nosso Continente.

A libertação dos povos americanos meridionais contrasta com a dos americanos setentrionais. Traz esta um sentido de unidade nacional, reagindo contra os imperativos das diversidades geográficas e históricas. Aquela, ao contrário, exprime-se pela afirmação de uma tendência evidentemente separatista, pela projeção de numerosos caudilhos no cenário do Novo Mundo.

O espírito dominante dos fins do século XVIII, ou não se havia apurado suficientemente na América do Norte, em sua fisionomia essencial, ou encontrou anteparo na consciência e na mentalidade puritanas, que vincam o expressivo traço do caráter **yankee**. Embora muito mais cultos do que as populações do hemisfério austral, possuindo escolas numerosas, sendo uma de filosofia, e mantendo contacto com os centros civilizados da Europa, os norte-americanos não se deixaram empolgar de um modo muito profundo pelo verdadeiro sentido da

Revolução, que se tornara universal. (1). Foi, talvez, a Bíblia, o pensamento rígido do Êxodo, do Levítico e do Deuteronômio, que transparece em **The body of liberties** e se manifesta nos costumes austeros, a causa da impermeabilidade às extremas conclusões do individualismo romântico alvorescente. Assim, por falta de um espírito revolucionário mais profundo e conseqüente impossibilidade das insurreições caudilhescas capazes de refletir imperativos de diferenciações econômicas ou geográficas, a independência dos Estados Unidos realiza, concomitantemente, a unidade nacional. O federalismo não traz consigo a ameaça de perigos desastrosos e é mesmo um instrumento dócil do plano totalizador. A independência norte-americana tem, portanto, o sentido de adição em torno da suprema autoridade nacional.

Já não acontece o mesmo na América Latina.

A nossa tradição moral era demasiado fraca para evitar que o forte individualismo, que amaneceu no século XIX, tomasse, em todo o Conti-

(1) — Esse fato se torna bem curioso, quando consideramos a influência exercida sobre a Revolução Francesa pela proclamação de direitos da Virgínia e da Lei dos Direitos dos Estados Unidos da América do Norte, acontecimentos que ocorrem, respectivamente, em 1776 e 1787. Muito antes ainda, as idéias revolucionárias já se haviam manifestado na América do Norte, através de James Otis, em 1761; Dickinson, 1768; como posteriormente, na plenitude do movimento da independência, elas se propagaram na palavra de Adams, Wilson, Jefferson e, sobretudo de Paine, inspirado nas teorias de Locke. Mas a Revolução encontrou, nos Estados Unidos, o anteparo de uma formação religiosa e de um temperamento menos inflamável do que o dos americanos do Sul.

nente Meridional, o impulso violento de um incêndio indomável.

A própria conquista da América do Sul, desde a descoberta, havia sido uma conquista pagã. Ela criou um espírito de aventura, que dominou o Novo Mundo, desde o Império dos Aztecas aos confins da Patagônia.

Formação dos Estados Unidos da América do Norte — A colonização da América do Norte não encerra os formidáveis dramas que a história da nossa apresenta. “Jamais colônia alguma foi estabelecida debaixo de condições mais favoráveis” — escreve Bouchot, sobre os Estados Unidos, acrescentando: “colonos honrados para ali transportaram suas famílias, suas fortunas, suas indústrias, suas crenças religiosas”.

Realmente, os puritanos, desde 1629, em verdadeiras massas imigratórias, instalaram-se com leis próprias, no território norte-americano. “Não era a necessidade que os obrigava a abandonar seu país”; — afirma M. de Tocqueville (2) — “o que eles desejavam era uma posição respeitável, para obedecer a uma necessidade puramente intelectual”. E acrescenta: “Todos, sem exceptuar talvez um só, haviam recebido educação esmerada e muitos se haviam feito notar na Europa pelos seus talentos e ciência”. (3).

A vida norte-americana, como se vê, foi condicionada a um imperativo de ordem moral.

Os puritanos organizavam a sua sociedade dentro de princípios religiosos. Além disso, não tendo ido à procura do ouro, não se dissolveram nas grandes aventuras, que assinalam a história da América Latina. A iniciação agrária e industrial

(2) — “A democracia na América”.

(3) — Os colonos na América do Norte eram exilados políticos; não podiam voltar à Inglaterra; traziam, pois, a intenção de fixar-se. Na América do Sul, dava-se o contrário.

foi contemporânea dos primeiros colonos. A luta com os selvagens nunca assumiu os aspectos das grandes campanhas do México ou do Peru, onde os espanhóis encontravam impérios organizados em florescente estado de civilização. O desbravamento das terras do setentrião jamais poderá ser comparado às extraordinárias investidas dos Bandeirantes, que devassaram as florestas brasileiras, palmilhando tôda a carta geográfica, no espaço de poucos anos.

O espírito da América Latina — Nas colônias espanholas e portuguesas, a tragédia da conquista põe em evidência o indivíduo, glorifica o homem. Debalde os jesuítas tentam criar, à maneira dos puritanos sententrionais, um grande império teocrático baseado em princípios da filosofia cristã. Desde logo, são guerreados e varridos de suas famosas “reduções”.

O espírito de aventura, de crueldade, de coragem arrojada dos brancos vai, com o correr dos tempos, através dos cruzamentos, retemperar-se na própria energia virginal dos indígenas, criando as figuras ásperas dos caudilhos que deverão, um dia, realizar a independência dos povos sul-americanos, para depois se estraçalharem nas lutas intestinas.

Já nos fins do período seiscentista, o ninho das grandes águias que devassaram o Continente constituía um reduto de cabecilhas audaciosos, que pouco mais tarde um escandalizado jesuíta descreveria, afirmando que **“tôda aquella villa de San Pablo es gente desalmada y alcuantada, que no haze caso ni de las leyes del Rey ni de Dios, ni tienen que veer con justicias maiores deste Estado”**; gente terrível que, no dizer de Dom Luiz de

Cespedes, "vienen al pueblo en dias de fiesta y eso armados con escopetas, rodela y pistolas; publicamente consientelos las justicias; porque no já son mas que en la aparecia y son como las demas muertes, cuchiladas y otras insolencias. . ."

Semelhante situação, com pouca diferença, era a de tôdas as colônias ibéricas. A respeito do homem do extremo sul, diz Sarmiento: "O individualismo constituía a sua essência, o cavalo a sua arma exclusiva, o pampa imenso o seu teatro". (4).

No Peru, em Nova Granada, em Buenos Aires, como na América Central e no Brasil, a vida de aventuras, o cruzamento das raças, a cupidez, a luxúria, tudo dinamizado pelo sentimento de liberdade, propiciava a formação das figuras de caudilhos, que deveriam constituir o tipo expressivo da vida política sul-americana.

Tudo, na América Luso-espanhola é o orgulho do homem. Em tôrno do homem, a apoteose das lendas e a lembrança estimuladora dos heróis. A região do Pacífico possui mesmo narrativas que dariam temas a canções rolandianas, cujos episódios vêm terminar com o suplício da Ataulpa e a destruição do Império Inca. O México guarda na memória a figura sugestiva de Guatemozim, o iluminado gesto do príncipe retesando o arco e ferindo de morte o rei pusilânime. O sangue derramado por Pizarro e Cortez é o mesmo sangue que entrará nos cruzamentos com os dominadores, respondendo à violência quinhentista pelo rumoroso galopar dos generais românticos à frente dos exércitos, na aurora do século XIX. O escravo tupi, de seu turno, contribui, na América Portuguesa, para a formação de mamelucos em cujas veias lateja a saudade das correrias livres e das batalhas cruas. O meio moral facilita a impulsão das obscuras fôrças bárbaras

(4) — "Facundo".

(5), porque o colono, o sertanista ibérico não obedece ao senso religioso dos agricultores da Nova Inglaterra, mas atira-se como os semideuses da Grécia, ao sonho de ouro e esmeraldas, ao qual acrescenta, a astúcia da caça ao selvícola e da traficância de tôda a sorte. É a mescla das aventuras do velocino de ouro e das piratarías berberes no Mediterrâneo, transportadas para a selva tropical, e só mais tarde conhecidas, nas empresas do Far-West pela América do Norte.

Homens sem lei nem Deus, conforme a horrorizada, expressão jesuítica, os filhos da América Latina procediam do próprio espírito das grandes empresas do Renascimento, cultivando um catolicismo mestiço, erigido de superstições e misturando a expressão exterior dos cultos romanos com os ritos selvagens de negros e índios. Durante quatro séculos de colônia, o que dominou o panorama ibero-americano foi a máxima expansão do individualismo facilitada pelas vastas extensões territoriais, que impediam qualquer tentativa de centralização da autoridade.

Heróis e caudilhos — Há no traço psicológico das Bandeiras e Monções, como na vida pastoril dos vastos latifúndios, ou no ambiente feudal dos engenhos, das “haciendas” e dos povoados, através de tôdas as modalidades e aspectos hispano-portuguêses, o mesmo elemento fundamental: a expansão aventureira do homem. Nem faltará, no alvorecer do século da Independência, o cangaço genera-

(5) — “O homem novo da Renascença apareceu restaurando o espírito antigo da Grécia. A recomposição do sentido heróico da vida cria o sentido inaugural da Descoberta e o gênio heróico da expansão”. “O homem que surge do cruzamento étnico do Encoberto e da Voz do Oeste é bem o homem livre e forte da Renascença. A Europa não conheceu êsse homem. Foi a América que o revelou”. (“A Voz do Oeste”, do autor).

lizado, como uma expressão forte da Terra. Na Argentina, são as “montoneras”, “cavaleiros vagando pelo deserto” segundo a expressão de Sarmiento, e que se dissipam “como nuvens de cossacos em tôdas as direções”, para “reunir-se de novo, cair de improviso sôbre os que dormem, arrebatá-los os cavalos, matar os recalcitrantes e sentinelas avançadas”. (6).

A glorificação do homem é o sentimento avassalador dos quatro séculos coloniais. Nenhuma raça componente da complexa fisionomia continental deixou de se exprimir nos seus ápices caudilhescos. Os negros tiveram o Zumbi da República dos Palmares; as tribus selvagens os seus Potis; nem faltou aos remanescentes do povo inca o seu glorioso herói, na figura valorosa de Tupac-Amarú. As Bandeiras paulistas são conhecidas pelos nomes de seus chefes. Eles avultam como super-homens. E, através do dilatado período que vai do Descobrimento à Independência, no tumultuar das guerrilhas, ao estouro dos arcabuzes e siflar de setas, alastra-se por tôda a América Meridional um florescimento surpreendente de caudilhos nimbados, quase sempre pela auréola da lenda e o prestígio místico, tal o caso de S. Sepé, o cabecilha charrúa dos pampas gaúchos.

Ao passo que o caudilho é uma **constante** na reprodução cíclica dos episódios continentais, sendo um fator permanente na formação dos grupos esparsos, na própria fixação agrária e na germinação dos povoados e vilas, por outro lado, a tênue faixa da ilustração e cultura litorâneas desgarra-se

(6) — Sarmiento, “Facundo”.

da fraca tradição dos elos morais, para o convívio amplo e desafogado com as idéias do século.

A cultura na América Latina não se forma num sentido de finalidade, à maneira do que sucedia na parte setentrional do Novo Mundo. É uma cultura sem compromisso, algo diletante, ou jactanciosa, com a preocupação de se apoderar das idéias e conhecimentos que dominavam a Europa.

Os povos ibero-americanos encontram-se, pois, ao alvorecer do século XIX, em condições muito mais favoráveis à penetração do espírito revolucionário, que avassalava o mundo ocidental. Durante quatro séculos, em que as Metrópoles e todos os aventureiros do sertão se interessavam quase que exclusivamente pelo ouro e a prata, e as pedras preciosas, as distâncias geográficas permitiram a formação de personagens audazes e independentes, em cuja vida pouco se fariam sentir as sanções das leis remotas de longínquas autoridades, ou o prestígio moral das organizações religiosas. Nas pequenas aristocracias rurais que se cristalizaram após a iniciação agrária, reponta o traço de individualismo que se evidenciou nos tempos das sortidas pelas brenhas.

Revolução europeia na América (séc. XVI) e Revolução americana na Europa (séc. XVII) —

Desenvolvem-se, assim, paralelamente, os dois planos a que nos referimos na primeira parte d'êste estudo: o das "idéias-fatos" e o das "idéias-fôrças". Saindo do plano do Renascimento, a idéia revolucionária logo se concretiza nos rudes episódios em que o homem se afirma, no vasto Continente, processando-se na América luso-espanhola, em relação

aos grupos sociais, o mesmo fenômeno que se opera na Europa, em relação aos grupos econômicos: a hipertrofia individualista.

No Velho Mundo, aparece como primeiro índice revolucionário a figura do “banqueiro”, que manobra os reis; no Novo Mundo, aponta o tipo do “caudilho”, que impõe um ritmo à vida americana: ritmo de clã nos povoados; ritmo de horda, nos bandos guerrilheiros; ritmo de tribos esparsas, em que avulta, acima de tudo, o chefe: cacique de taba, caudilho de “montoneras”, cabo de “entradas” sertanistas, senhor de engenho ou de fazenda, capitão-mor, e, finalmente, cabecilhas de insurreições, de cangaços, e taumaturgos de fanatismos belicosos.

Aos primeiros albores do século da Independência a casta rarefeita dos letrados litorâneos embebe-se livremente das idéias novas. O espírito pragmático do Renascimento já se traduzira objetivamente e em bruto, na vida bárbara das aventuras continentais. Só agora, nos fins do século XVIII, tendo-se criado, pela sua influência, um esboço de burguesia, libertada, por sua vez de quaisquer preconceitos, os seus tipos intelectuais convivem, largo e fundo, com o pensamento irreverente dos escritores europeus.

A América hispano-lusa nem chega mesmo a sentir o choque sofrido pelas velhas sociedades europeias, quando tiveram de despertar do “sonho dogmático” de que fala Kant. O alarme produzido nas autoridades espanholas em Bogotá quando, em 1794, Antonio Narino traduzia e publicava a “declaração dos direitos do homem”, era tardio e injustificado, porque o espírito dominante no sub-consciente latino-americano foi o inspirador mais pro-

fundo do pensamento revolucionário europeu. (7) A revolução veio da Europa para a América Meridional, com os albores da Renascença. E voltou à Europa no século XVIII. De lá, retornou ao Novo Mundo no século XIX.

A formação mental das reduzidas “elites” já não era nem espanhola, nem portuguesa. Em 1816, Morillo, manda queimar todos os livros em idiomas estrangeiros. A conquista da América, iniciada com o incêndio da biblioteca dos Incas, terminou com a incineração de livros franceses... Pouco mais tarde, no Brasil, o Visconde de Cayru alardearia seus conhecimentos da filosofia de Kant... (8)

Momento histórico das despedidas — Começa o século da divisão e da subdivisão...

José Bonifácio exprime esse estado de espírito, quando diz, em relação ao Brasil, que “a filha já atingiu a maioridade e precisa montar sua casa”. Era, realmente, o século das separações. O século das despedidas. As sociedades européias despediam-se de seus velhos padrões. O indivíduo se destacava, nas afirmações de seus direitos. O sentido anterior dos deveres era um sentido de síntese. Pois

(7) — O naturalismo, de que procede o materialismo moderno tem uma relação muito direta com a descoberta da América. A Europa não descobriu apenas um Continente: descobriu a fonte selvagem da Humanidade. A Revolução Francesa nasceu nas florestas brasileiras. Foram as descrições de Montaigne sobre a vida do índio brasileiro que exerceram grande influência desde o século XVI ao XVIII, preponderando de modo decisivo na concepção do “homem natural” de Rousseau. E não seria desacertado supor que o contacto com o feiticismo panteísta do selvagem haja influído no feiticismo científico dos nossos dias...

(8) — José da Silva Lisboa, visconde de Cairu, foi também o divulgador, em língua portuguesa, da Economia Política de Adam Smith. Não era apenas um erudito, pois foi o autor moral e político do decreto da abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional, medida que, favorecendo-nos, favoreceu também, de modo particular, à Inglaterra.

o processo mental até então predominante era o processo das grandes sínteses, no concernente à interpretação do mundo, da sociedade e das nações. O sentido novo é um sentido divisionário. A sociedade se fragmenta em indivíduos. Nos domínios políticos, o constitucionalismo fixa as restrições ao Estado, abre ensejo à manifestação da fração individual, pelo milagre novo do sufrágio universal, que, de utopia e aspiração abstrata, vai transformar-se, no correr do século, em realidade concreta, culminando, na Inglaterra, na fase vitoriana.

Esse fenômeno de divisão e subdivisão age no relativo às áreas dos impérios. A região ergue a sua consciência política. A sua consciência de interesses econômicos. As suas aspirações, adquirindo conhecimento sobre suas possibilidades próprias.

Bolívar — Um dia, em Paris, Simão Bolívar, ouve a palavra de Humboldt. O naturalista rasga-lhe os horizontes magníficos dos destinos da América Espanhola. Bolívar, pai da independência da América Latina, tinha atravessado o Atlântico, em longos meses, de navio a vela, lendo livros. Eram os Enciclopedistas. Era Montesquieu, era Diderot, era Voltaire, era Rousseau. Era a crônica ainda quente da Revolução Francesa e da Independência da América do Norte.

O Libertador está encantado, no verbor dos anos, pelo grande sonho do século. As idéias dominantes penetram-no, avassalam-lhe o espírito, tumultuam no seu subconsciente.

Em Roma, contemplando a Cidade Eterna, do alto do Monte Mário, Simão Bolívar sente a revelação de seu grande destino. Ele mesmo, considerado isoladamente, é um produto do Romantismo

que começa, da filosofia individualista, que vai dominar os âmbitos do século XIX. E' quase o Super-Homem de Nietzsche, mas o Super-Homem expressivo das democracias, dos sentimentos populares. Há qualquer coisa de maravilhoso em Bolivar, na sua predestinação, na sua capacidade de agir, de vencer obstáculos, de desafiar a própria natureza, como no caso do terremoto de Caracas. Ele se parece com o Homem extra-humano da concepção do filósofo de Zaratustra. Há, também, um halo de tristeza na frente do jovem general: o seu drama de amor, o seu tédio, o seu ar boêmio, nos "boulevards", a sua aristocracia displicente, nos salões franceses, a sua suprema indiferença, aos vinte e poucos anos, por tôdas as seduções comuns a essa idade, em que as donzelas das cidades libertadas, vêm recebê-los com flores e até puxar-lhe as rédeas da carruagem triunfal. E' qualquer coisa do individualismo spleenético de Byron, que vai ter suas expressões requintadas em Oscar Wilde, e é algo de Goethe, de Schiller, de Musset, que se funde com os sonhos bonapartianos.

Simão Bolivar, libertador da América, é um perfeito homem do seu século, e até antecipa os tipos mais expressivos do individualismo dêsse largo período.

Romântico, nas suas atitudes, Bolivar traz no íntimo o substractum do caudilho. O espírito revolucionário, na Europa, engendra o "homem de ação", o herói carlyleano, o tipo lírico que os salões admiram, que as multidões aplaudem. Esse tipo é o produto de uma nova concepção de vida, é um novo sentido político e estético: é um precipitado das reações químicas dos pensamentos entrecantantes.

Mas, na América, muito antes, já existia o caudilho...

As idéias, que vieram da Renascença, manifestaram-se no pensamento da Enciclopédia; em nossa América, essas idéias se exprimiam em "fatos". Esses fatos são os caudilhos.

Em Bolívar, encontra-se o pensamento consciente da revolução européia e o pensamento inconsciente do episódio sul-americano.

A América Latina alvorece independente, sob o signo de Bolívar.

Nasce, heróicamente, nas gloriosas batalhas campais.

Todos os seus "chefes" têm uma base caudillesca e uma expressão romântica: Hidalgo, Miranda, Iturbide, Belgrano, O'Higgins, Sucre, San Martín. Este último, como o "Libertador", termina sua carreira num gesto dramático e genuinamente romântico de desprêso pelo poder. A literatura vencera, num eloquente fim de ato, o caudilho, dominador dos povos...

D. Pedro I — O Brasil não foge a êsse espírito. A flor da sua mocidade culta está impregnada das idéias do século. O seu Príncipe é um príncipe romântico. E' turbulento e corajoso, é brutal e sentimental, é irascível, e impetuoso. E' sobretudo um instintivo, grosseiro e luxurioso, com um pouco da pachorrice do senhor D. João VI e da irrequietude arrebatada de D. Carlota Joaquina. Labrego descortez, que scandaliza a sensibilidade superior de D. Leopoldina, e amoroso choramingão, penitenciando-se de faltas, êle revive as aventuras dos reis franceses, de que Luiz XV foi o último exemplar. Tem o temperamento, o feitio, a sensualidade de seu ascendente D. João V e, ainda que pouco letra-

do, é amante da música e está cheio do sentimento romântico do século, do sentimento individualista, da aventura pessoal, do rompimento com as velhas amarras dos protocolos da côrte. Ele é incontestavelmente o maior de todos os personagens da nossa Independência, porque exprime o espírito sul-americano do caudilho e reflete, românticamente, a 7 de abril, num gesto do mais puro lirismo, o cavalheirismo do seu século. O seu ato de abdicação é uma homenagem à democracia e uma sentença de morte ao conceito da autoridade. Filho de um rei que soube transigir com as idéias novas do tempo, o seu gesto de renúncia atualiza-se, encarta-se numa época, de que ele, no Brasil, é o índice maior.

E' o rei jovem do país jovem. Em tôrno dêle, fervem as idéias liberais. Prolonga-se o movimento de libertação de todos os elos do Velho Mundo, nas expressões políticas da América Portuguesa, que cria um nacionalismo agressivo, arbitrário, heróico.

Esfacelamento da América Espanhola — Mas, justamente porque a América Latina se deixou penetrar, muito mais que a América Anglo-Saxônia, pelo "espírito revolucionário", prossegue a Revolução sob a forma das reações geográficas e das atitudes dos subcaudilhos.

A desagregação é imediata. O México pretexta a imitação do federalismo estadunidense e agita-se num largo período de movimentos separatistas. Triparte-se Nova Granada. A independência do Peru origina o desmembramento da Bolívia. O Paraguai opõe-se ao governo de Buenos Aires. Dentro da Argentina, deflagra-se o movimento separatista.

No Brasil, duas tentativas de separação: do nordeste e do extremo sul. (9).

A estrêla do Romantismo — Era o espetáculo da marcha revolucionária. Dois elementos fundamentais a animam: a formação ganglionar dos grupos econômicos e a ambição dos caudilhos.

Como uma estrêla propícia às aventuras políticas: o Romantismo.

Está começando o Romantismo. A Humanidade vibra na grande expansão, no vasto desbordamento. E o Brasil vai nascer como Nação.

-
- (9) — Não se pode hoje dizer, diante das pesquisas históricas sobre a “Confederação do Equador” e sobre a “República de Piratininga”, que esses movimentos tivessem irrompido com nítido caráter separatista. Nas mesmas condições estalaram a rebelião das “balaçadas” e a revolução de 1842 em São Paulo e Minas. Mas o que não se pode negar é que, em todos esses casos, atuou um sentimento regional muito forte, que poderia evoluir para uma definitiva expressão separatista. O sentimento da unidade nacional consolidou-se vagarosamente e o próprio Feijó, que foi baluarte da Unidade da Pátria quando Ministro da Justiça e Regente do Império, ao deixar o poder tomou parte na revolução de Sorocaba, sob o pretexto de justos reclamos administrativos e políticos de São Paulo, em face da exagerada centralização do Império. Todos esses fenômenos foram crises de ajustamento às novas condições da vida nacional.

III

FORMAÇÃO LIBERAL E ROMÂNTICA DO BRASIL

Individualismo europeu e nacionalismo americano — E o Brasil nasceu sob o signo da Liberdade e a estrêla do Romantismo. . .

O século XIX era o século das afirmações individualistas. Era o criador da mentalidade divisionária.

A autoridade do Estado nasce do conjunto de opiniões, expressões fracionárias das coletividades nacionais. A vida econômica abre novos campos à iniciativa privada, alarga mesmo, em excesso, essas iniciativas. A atividade filosófica procede do conceito científico experimental, analítico: tem, portanto, um caráter de fragmentação. A atividade política exprime-se pelas atitudes dos grandes demagogos.

O pensamento do século vai gerar o individualismo exaltado e maravilhoso de Nietzsche e o individualismo melancólico e satânico de Byron.

O movimento romântico é um movimento de libertação. Na Europa, liberta o indivíduo de tudo o que então chamavam preconceitos. Ele se afirma na audácia, na aventura pessoal. Na América, liberta os povos. Nasce os novos países, sob a égide de personalidades puramente românticas.

O que se quer afirmar na Europa, no movimento romântico que começa, é o Indivíduo. O que se pretende afirmar na América é a Nação.

Essa atitude de nacionalismo obedecia, entretanto, ao ritmo universal da desagregação, que foi o característico do século XIX. E tanto assim era que, passado o primeiro momento, em que o calor da campanha da Independência inspirava os poetas indianistas, não tivemos nenhum escrúpulo em nos tornarmos uma verdadeira colônia literária da França, sem que isso ferisse nossos melindres nacionalistas. E' que, conquanto o movimento romântico tivesse assumido no Brasil uma feição nacionalista, êsse nacionalismo, no fundo, não passava do largo sôpro de individualismo que assoberbava tôda a civilização do Ocidente.

Eramos nacionalistas, obedecendo à índole de libertação do romantismo, como êste obedecia ao caráter analítico, divisionário da filosofia e como esta se afinava ao diapasão dos métodos científicos. Evidentemente, existia a índole nativista, que é uma projeção do individualismo e que representa para o direito político das nações a mesma coisa que o sufrágio universal representa para o direito político do indivíduo. Entretanto, pode ser um exagero, mas não é de todo desacertado afirmarmos que, em relação ao estado de espírito do século, nós fazíamos a independência, com uma emoção semelhante à de Lord Byron, inglês de nascimento, saindo do seu país e indo combater contra os soldados do Sultão pela independência da Grécia. Havia, inegavelmente, uma soma de interêsses administrativos, políticos, utilitários, que colaboravam na obra da independência, como havia o interêsse do Príncipe que dirigia o movimento; mas, tanto a Nação como o Príncipe eram impulsionados, pelo sôpro de ro-

mantismo, pelo ardente desejo de uma grande vida episódica, tão ao gosto do século da liberdade e da poesia lírica. Esse o caráter universal do romantismo, que vinha destruir todos os padrões da velha sociedade.

E' um êrro subordinar-se o fato histórico exclusivamente ao critério do determinismo materialista. Coincidentemente com os imperativos econômicos atuava o imperativo do Espírito. A interferência do Homem no processo da História. A idéia política exprimindo-se na atividade literária.

O grande sonho romântico — Era o sôpro do romantismo.

Nas elites intelectuais e políticas, o romantismo traduzia-se sob a forma nativista e enchia de rumores o Rio de Janeiro e as principais cidades dos províncias. Refletia-se na imprensa, que desbordava cheia de tropos líricos de liberdade. Refletia-se na literatura e deveria prosseguir até à metade do século desde Magalhães e Gonçalves Dias, a José de Alencar e Bernardo Guimarães.

O Brasil era o Pery sonhador e sentimental, era Iracema, a virgem dos lábios de mel, e era Lindóia, como era Paraguassú. O Brasil exprimia-se no selvagem estilizado, que saltava das páginas francesas de Lamartine.

Dominava tudo a ânsia de liberdade. E, conseqüentemente, os gestos heróicos pela liberdade. O próprio Imperador, jovem e impulsivo, na sua complexa psicologia de espadachim e de amoroso, ao mesmo tempo que estadista e político, não passava de uma expressão do romantismo dominante, do espírito do século que começava. Seus gestos,

suas atitudes são puramente românticas. Suas aventuras noturnas, nas lojas da Maçonaria, sua agressividade pessoal, suas frases famosas, até seu gesto de desprendimento na Abdicação, tudo reflete o espírito da época. E, sobretudo, no episódio da Abdicação, Pedro I é o homem do seu século, cedendo aos impositivos da vontade popular e não reconhecendo na sua autoridade o dever de resistir, de que maneira fôsse, mas segundo as obrigações e os direitos oriundos do conceito divino da sua missão. (1). O caráter de Pedro I e as influências que recebia, faziam-no, desde logo, um democrático. adepto do pensamento que pretendia traduzir na soberania nacional a vontade dos cidadãos. A Constituição que êle outorga, em substituição à que a Assembléia Constituinte elaborara, pouco difere desta.

O reconhecimento da Independência do Brasil

— Esse caráter liberal do nosso jovem Monarca influi poderosamente no trabalho do reconhecimento do Império Brasileiro, pelas potências européias. Pois temos, desde logo, a aliança forte, mal dissimulada da Inglaterra. O Marquês de Barbacena encontra, como observa Pandiá Calogeras, aplainada a sua tarefa em Londres, pelo espírito liberal que preside à organização do Império comercial da Grã-Bretanha.

O movimento romântico, tem na Inglaterra uma tradução política imediata. As indústrias estão nascendo e precisam de mercados. O fenómeno da independência dos povos sul-americanos vem oferecer a John Bull uma compensação

(1) — D. João VI é o precursor de Luiz Felipe, como Pedro I é o precursor de Napoleão III. Os primeiros pertencem à classe dos príncipes bonachões de que seria uma expressão o nosso Pedro II. Os últimos são os príncipes demagogos. O nosso Bragança bate-se pela constituição contra D. Miguel; o pequeno Bonaparte luta pelo sufrágio universal. E' o liberalismo, o romantismo e a politicagem do século...

pela perda que sofreu de sua colônia norte-americana. A Inglaterra deixou escapar uma grande colônia, mas conquistará novos mercados, em todo orbe terrestre. Na América Latina, Espanha e Portugal perdiam, como a Grã-Bretanha, as suas colônias. E esta poderia conquistar, nesses países, o seu mercado. Para isso fôra mister, ao mesmo tempo que concedesse o reconhecimento do Império Brasileiro, dificultar-lhe economicamente a mão de obra, onerar-lhe o custo da produção incipiente de seus teares primitivos. Bastava que o Brasil não tivesse negros a trabalhar de graça, o que prejudicava os interesses comerciais da Inglaterra. E o reconhecimento do Império, na parte referente a Londres, prende-se exclusivamente a êsse problema, que fica, desde logo, resolvido. Então, a Inglaterra é uma aliada do Brasil. O seu grande banqueiro empresta-nos o primeiro ouro de que carecemos... E a habilidade de Canning encaminha nossos interesses, sùtilmente, junto à Santa Aliança. E' esta que guarda o velho espírito absolutista. Mas ela cederá, em relação a nós, quando verificar o rumo liberal alarmante que as coisas tomam em Portugal. Ao menos o Brasil que se salve.

A Assembléia Constituinte — Enquanto tomávamos personalidade internacional, ao sôpro benéfico do liberalismo econômico dos ingleses, dentro dos nossos limites elaborávamos a nossa Carta Magna. A Assembléia Constituinte é uma assembléia de homens notáveis pelo saber e pelo patriotismo, mas notáveis, sobretudo, pelo seu caráter romântico e demagógico. Os gestos são teatrais, como o de Antônio Carlos, ao tirar o chapéu e saudar o canhão, por ocasião do fechamento da Constituinte. Os debates se acaloram nessa atmosfera

de generosos idealismos, de sedenta liberdade. “Seguramente”, escreve Oliveira Lima (2) — “em 1823 as ilusões políticas tinham todo o viço e a experiência das coisas humanas não entrava a fenecê-las. A Revolução Francesa, mal conhecida e sobretudo mal compreendida e mal julgada, ferira profundamente os espíritos estrangeiros, já pelo lado de suas atrocidades, já pelo lado de seus heroísmos, e a última impressão prevalecia, entre os que sonhavam com liberdades, engendrando ingênuos entusiasmos ou calculadas aspirações. A Constituinte Brasileira seguiu-se imediatamente à independência nacional; não podia senão irradiar fé e ardor patrióticos, misturados com o amor das novidades democráticas e com o rancor espontâneo e sincero nuns, exagerado e forçado noutros, contra a mãe-pátria, alcunhada de madrastra descaroável”.

E ainda aí havia romantismo. Tudo isso era o século da liberdade, que se apoderava de nós.

O liberalismo brasileiro — O liberalismo brasileiro, do mesmo modo como o romantismo brasileiro, foi um fenômeno que dominou as classes cultas e não representa em absoluto a índole e a realidade da psicologia e das condições de vida das populações nacionais.

Vimos como o romantismo, tendo assumido aqui um caráter nacionalista, que foi ao extremo de tomar o Índio como padrão da nossa nacionalidade, e que repudiou a forma literária clássica, repelindo-a como um sinal de lusitanidade, nem por isso deixou de abrir tôdas as portas à influência

(2) — “O Império do Brasil”.

dominadora da literatura francesa. E isto se dava justamente porque o nacionalismo não era mais do que um reflexo do estado de espírito universal, de afirmação individualista.

Assim, se na literatura, o nacionalismo fechava as nossas fronteiras a Portugal e deixava abertas as portas ao imperialismo literário francês (porque o nacionalismo, conquanto tivesse raízes na terra Pátria, não deixava de ser uma expressão do fenómeno universal romântico) o mesmo aconteceu com o liberalismo.

O liberalismo era, como o romantismo, uma consequência da Revolução Francesa. Estávamos começando a nossa vida independente em pleno século da liberdade. Essa palavra ia encher o mundo até à Grande Guerra e à Revolução Russa. Essa palavra fascinava todos os povos.

Liberalismo e nacionalismo — Do mesmo modo como o nosso espírito se batisava nas águas dos grandes tropos líricos, adquirindo, logo nos momentos da Independência, um carácter de universalidade, a política sagrava-se também no concerto das Nações, sob a égide do liberalismo.

Fôra, aliás, o espírito liberal que já abrisse os portos do país ao comércio internacional, sob D. João VI. Havíamos entrado, pois, economicamente, no grande Século. Por outro lado, brasileiros que dispunham de recursos, tinham ido fazer seus estudos na Europa. Quase todos os próceres da Independência frequentaram bibliotecas, conviveram com a mocidade européia da época. José Bonifácio percorrera quase toda a Europa. O Visconde de Barbacena, então general Caldeira Brant, travara

as melhores relações nos círculos das sociedades inglêsas e francesas. O Visconde de Cayru era um espírito culto, que conhecia as mais modernas correntes filosóficas e escrevia um tratado em nove tomos sobre as ciências econômicas. Enfim, todos estavam fortemente impregnados pelas idéias do século.

E êsse século era o século da liberdade, que quebrava todos os velhos padrões, que criava um novo senso econômico e um novo senso político. A obra da Independência realizava-se, portanto, sob a direção de uma elite culta, mais ligada à Europa do que ao Brasil. Essa elite não podia penetrar fundo nas realidades da terra brasileira. O seu nacionalismo, antes de ser instintivo, era romântico. A sua literatura deixara as afetações arcádicas da Escola Mineira, para assumir uma afetação lírica. O seu critério político era o critério político do liberalismo que dominava o mundo. Adotávamos um nacionalismo meio internacional e tão sem consciência da verdade da terra, tão sem espírito nativo, que nossa única atitude, nesse terreno, consistia em agredir os portugueses. Era um nacionalismo que se exprimia num jacobinismo lusófobo. E um espírito político que estava impregnado de Rousseau e embriagado pelos episódios ainda quentes da Revolução Francesa. Era, de fato, um espírito político internacional, universal, que nada tinha com a verdadeira fisionomia das nossas populações.

O Brasil só fôra realmente brasileiro, realmente nacionalista, dentro da Colônia. Parece um contra-senso, mas é exato. Pois Portugal estava tão longe de nós e nos excluía de tal forma de sua vida política e social, que tratavamos de viver uma vida

em separado. Uma vida espontânea, bárbara e selvagem. Sobrevindo a Independência e o contacto mais freqüente com as nações da Europa, começamos a copiar, operação que nunca deixaríamos mais de praticar, através de tôda a Monarquia e através de mais de meio século de República.

Essa ânsia de liberdade avassalava os povos. Tôda a América palpitava no grande sonho do século. Em Portugal mesmo e na Espanha, acen-
tuavam-se os movimentos liberais. Antes de atin-
gida a primeira metade do século, a Europa iria
presenciar novos episódios promovidos pela sêde
de reinvidicações, fôsse de nacionalidades em rela-
ção a outras nacionalidades, como no caso da Gré-
cia, fôsse de povos em relação a governos, como no
caso mesmo de Portugal, que cortava as amarras
com o absolutismo miguelista. A França iria pre-
senciar ainda a revolução ao tempo de Luiz Felipe.

Aqui, na América Meridional, os movimentos
populares seriam freqüentes sob a instigação de
chefes versados em liberalismo. Deveríamos ter o
período da Menoridade e os primeiros tempos do
Segundo Império, abalados pelas revoluções. Iría-
mos ouvir o manifesto liberal, súmula das aspira-
ções das elites revolucionárias, que atravessaria
tôda a vida parlamentar da Monarquia de reivindi-
cação em reivindicação.

Era natural, pois, que, desde o início, fôssemos
tomados pelo "espírito revolucionário" do tempo.
Bem pesadas as coisas, teríamos de viver numa
revolução política permanente, mal dissimulada
pela habil atuação do poder pessoal do Imperador e
pelas preocupações pragmáticas das concentrações
ministeriais.

O Brasil nascia romântico e liberal. Era a vaga
revolucionária do Século que tomava a mentalida-

de das nossas elites dirigentes e a impelia para o grande rumo das reivindicações populares. Era o individualismo romântico, eram as novas conclusões filosóficas do último quartel do século XVIII, que não só se traduziam numa forma de afetado nacionalismo, mas também, na expressão de uma lírica liberdade.

O homem da Terra — Mas, se nas elites políticas, de que foi índice supremo a Assembléia Constituinte, e nas elites literárias, de que deveriam ser expoentes os autores indianistas, o nacionalismo e o liberalismo eram copiados, um dos políticos, outros dos poetas franceses, existia, ao mesmo tempo, um sentido da terra (3) e um instinto político que eram profundamente brasileiros.

Êsses, porém, não colaboraram na organização nacional.

Êsses foram esquecidos, êsses foram proscritos dos debates, e não tiveram voz que se fizesse ouvir na discussão dos destinos da Pátria.

A Terra plasmava no homem, em cujo sangue corriam os sangues de três raças, e em cuja alma vibrava o sentimento católico, que entrara na formação da nacionalidade, o caboclo de lineamentos próprios, êsse tipo moreno e forte, que arrostava com tôdas as angústias da conquista do sertão e lançava as bases da agricultura na vasta área do território brasileiro.

O “Facundo” de Sarmiento — Na Argentina, êsse tipo se projetou vivamente na História. Interferiu nos destinos nacionais. Assumiu a catadura férrea de Facundo Quiroga, traduziu-se nas primei-

(3) — Sobre êste assunto, são interessantíssimas as observações de Machado de Assis no seu artigo “Instinto de Nacionalidade”, que abre o volume da “Crítica”.

ras ditaduras. Aquela figura de gaúcho, de instintos vibráteis, que vinham da íntima correspondência do homem com a campanha, teve uma projeção violenta, trazendo à superfície da vida argentina e à consideração das suas elites, um fenômeno que ficou para sempre obumbrado no Brasil sob o fogo de artifício dos nossos debates ideológicos feridos na casca do país, ou seja na Capital do Império e na faixa litorânea (4).

Tal fenômeno, que se traduz na vida argentina como um impositivo da terra bárbara, fazendo a sua entrada violenta na História, nós não o tivemos no Brasil integrado na expressão do governo, como se deu naquele país, com a tirania de Rosas. E' certo que a Argentina também não o compreendeu. Ali, como aqui, dominava a cultura européia e o largo sôpro do romantismo.

O livro de Sarmiento sobre Facundo é um livro candente da cultura contra a natureza; é uma linguagem perfeitamente européia, genuinamente francesa, procurando descrever o bárbaro caudilho. Há nas crônicas panfletárias de Sarmiento aquela atitude puramente literária que, a um tempo, condena e exalta a figura isolada do caboclo dos Pampas, estampando-a na tela imensa dos descampados meridionais, como uma enorme sombra destacada.

É, de fato, uma versão do individualismo romântico, da concepção do indivíduo forte e isolado, nítido e grande, essa concepção que inspirará a obra de Carlyle e a filosofia heróica de Nietzsche. Pois Sarmiento, adversário de Facundo, exilado de sua Pátria, inimigo de Rosas, escreveu o poema dos caudilhos e há nas suas páginas um arrepio de

(4) — Essas forças bárbaras, que se manifestaram várias vezes durante o Império, como no caso das "balaçadas", explodiram, com grande violência, na guerra de Canudos, que ensanguentou as primeiras páginas da história da República. Canudos foi um aviso, assim como Lampeão foi um momento...

entusiasmo subconsciente que trai o nativismo do seu autor. Só mais tarde Sarmiento compreende o sentido da sua obra. A crítica, êle próprio a fará derramando lágrimas diante do túmulo em que repousa o caudilho, e dizendo diante da fria lápide que o gaúcho é o plasma onde a civilização deve imprimir os lineamentos de suas formas superiores.

E há nessas palavras, menos a justiça tardia ao sertanejo rude e cruel, do que a compreensão da própria obra de Sarmiento, a qual, querendo ser um planfeto, tornou-se um poema romântico, e assumindo a atitude puramente literária de poema, traduziu uma verdade subterrânea, que laborava no íntimo do escritor, porque era o próprio espírito da terra bravia.

Que é e como é o Brasil? — No Brasil, o elemento caboclo não teve nenhuma influência na formação do Império, como não deveria ter nenhuma predominância na formação da República (5).

E, entretanto, que era o Brasil? Acaso eram essas diminutas elites cultas? Acaso eram essas populações mescladas de estrangeiros e de negros recém-chegados da Costa da África, que enxameavam as ruas estreitas das cidades do litoral?

Não, o Brasil eram as populações interiores. Eram êsses numerosos núcleos de agricultores e de

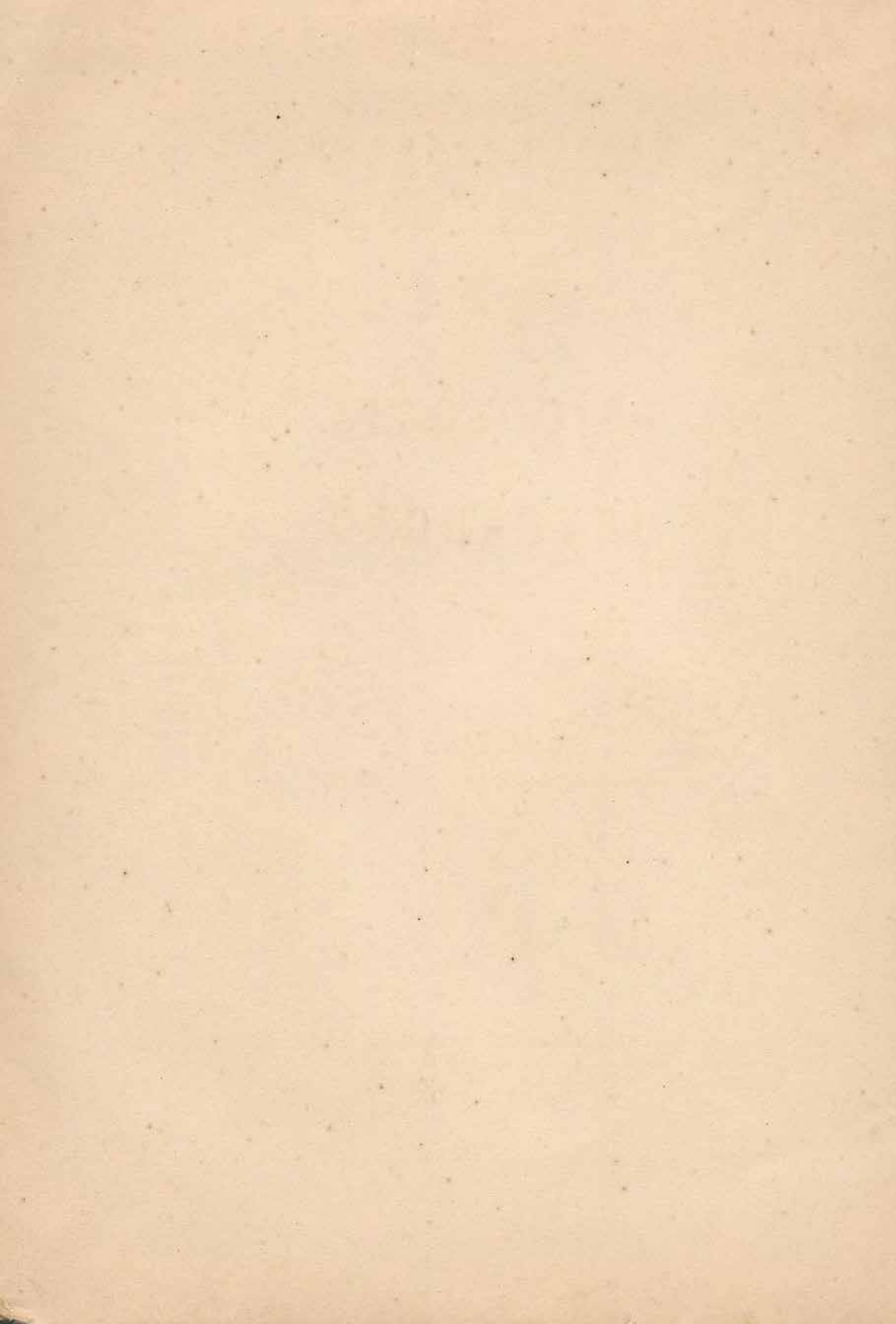
(5) — Não teve e Oliveira Viana procura explicar o fato, escrevendo no seu "O ocaso do Império": "Incultas na sua quase totalidade, dispersas na barbaria das matas e sertões, as nossas massas populares, mesmo as que habitavam os núcleos urbanos, nada valiam então, — como ainda nada valem hoje — como centros de idealidade política. Formas de governo, Instituições Constitucionais, Monarquia, República, Democracia, tudo isso representava abstrações, que transcendiam de muito o alcance da sua mentalidade rudimentar".

pastores, de pequenos comerciantes, de tropeiros, que se ligavam por estradas penosas, fazendo circular as primeiras produções e, com elas, as lendas, as canções, os costumes, o linguajar da terra, as superstições, todo êsse conjunto de elementos, êsse acêrvo acumulado durante o longo período colonial, e que constituía a verdadeira nacionalidade brasileira.

A imensa área territorial da Nação; as dificuldades dos meios de transporte; o aspecto geral da terra, erizada de serranias e cortada por profundos e largos rios; o isolamento de cada célula social, a preocupação viva de fundar e de desenvolver a agricultura, tudo isso afastava as nossas populações da Europa romântica do século XIX em que viviam os centros cultos do país, prendendo-as à Europa aventureira e individualista dos séculos XVII e XVIII, que criou os caudilhos e patriarcas do Novo Mundo.

Como vivia o homem brasileiro? Quais eram seus sentimentos, suas necessidades, suas aspirações, seus conceitos de vida, seus costumes, suas tendências?

Isso é que cumpria estudar e saber. Cumpria na Independência, como na República, do mesmo modo como nos cumpre agora, no momento de reconstruir a Nação.



IV

DEMOCRACIA BÁRBARA E LIBERDADE SELVAGEM

Os dois conceitos de liberdade e de democracia
— Fala-se freqüentemente na famosa tradição liberal dos brasileiros, no seu profundo espírito democrático. E' preciso não confundir a **nossa** liberdade e a **nossa** democracia, oriundas de nossas condições de vida na amplitude da selva, com a liberdade e a democracia **européias**, que eram o produto do refinamento filosófico, dos velhos rancores plebeus, da ânsia de expansão econômica da burguesia mal saída de uma situação inferior.

Esta última liberdade, esta última democracia, correspondiam, é certo, a um estado de espírito das elites brasileiras, sem originalidade, sem fôrça criadora, vivendo do reflexo da cultura européia; mas a outra liberdade, a outra democracia, cheias do sentimento racial e vibrantes das energias da terra, exprimiam um "modo de ser" profundamente nacional.

Os observadores superficiais, os simplistas, não distinguem tais diferenças; mas elas existiam e existem. Esse Brasil que se formou na Colônia, completamente isolado do mundo, tendo como limites os impositivos cósmicos e especialíssimo clima moral, conheceu uma maneira própria de ser livre. Para usarmos a expressão empregada, com referência a outro caso, por um de nossos escritores modernos, Mario de Andrade, tínhamos até à Independência, um Brasil que "se deixava ser", que se mani-

festava tal qual era, sem influências cosmopolitas. Nada influía no espírito das nossas populações, senão a sua própria vida real.

*

* *

A geografia da liberdade — O conceito de liberdade vinha da própria lição das distâncias geográficas. Dispondo de um continente inteiro, o homem do Brasil sentia a possibilidade de locomover-se para onde quisesse, em que direção entendesse.

As imensidões devolutas das terras, as florestas virgens, oferecendo-se ao sertanejo; as campanhas infindáveis, desdobrando-se sempre, aos olhos do viajante, ao fim de cada jornada; a rarefação social; a nenhuma necessidade de uns se locupletarem com os bens de outros: tudo isso acordava no espírito do desbravador do sertão, do iniciador das lavouras, do fundador de cidades, uma consciência de movimentos livres e desafogados. (1).

Não havia uma liberdade a conquistar, como na Europa: aqui, ao contrário, havia um conjunto de deveres a criar, pois a liberdade era ilimitada e se realizava sem esforço na amplidão da terra virgem.

Não havia impor uma democracia, pois a própria vida no vasto "hinterland" brasileiro tinha um cunho absolutamente democrático. Criar um sistema hierárquico, traçar normas de disciplina social, essa a necessidade, que evidenciava, nas popu-

(1) — A velocidade adquirida por êsse excesso de liberdade selvagem, que a rarefação demográfica propiciava, veio chocar-se em nossos dias com o conceito jurídico da propriedade inaugurando a figura bárbara e pitoresca do "grilo". O estudo da psicologia do "grilo" ainda não foi feito. Ele revelaria algumas curiosas verdades aos literatos da liberal-democracia.

lações brasileiras, um sentido de aspirações absolutamente diverso do sentido da revolução européia.

Cumprir volver a atenção a êsses fatos. Eles são da mais alta relevância para a compreensão da psicologia do povo brasileiro. Eles nos demonstram como as elites cultas do Rio e do litoral viviam uma vida francesa e inglesa, já nos primórdios da Independência, ao passo que o grosso das populações vivia ainda a vida brasileira que criáramos durante o longo período da Colônia, sem nenhuma influência, nem mesmo de Portugal.

A democracia realizava-se ampla e bárbara em todo o continente, onde as castas desapareciam no episódio a todos comum da conquista da terra. Os desbravadores do sertão, os mineradores, os caçadores de índios, os fundadores da agricultura, os construtores dos primeiros caminhos, os tropeiros, os carreiros, os vendeiros, os sitiantes, o caboclo pastor ou roceiro, essa grande massa rarefeita, espalhada pelo nosso imenso território, não conhecia nem prerrogativas, nem privilégios, nem separações profundas de classes, nem diversidade de situação econômica influenciando nos costumes e nos processos de vida (2).

* * *

Costumes democráticos do interior brasileiro

— A vida inicial, nos primeiros tempos agrários, e que se prolongou com seus aspectos gerais até ao alvorecer do Império, era uma vida de luta, de

(2) — E até hoje em grande parte do território nacional, a situação se prolonga. “Esta humanidade virgem, sem antepassados locais! Esta certeza de fundar a vida ambiente, a alegria de construir a casa inicial” como diz Ribeiro Couto, no seu poema *Noroeste*.

ascetismo, de modéstia e pobreza, tanto para os latifundiários, sesmeiros de vastas áreas de criação, como para o pequeno plantador de milho, feijão e arroz, o engordador de porcos, o tropeiro, ou os auxiliares, capatazes e camaradas. Todos se vestiam mais ou menos igualmente; comiam juntos, patrões e camaradas; folgavam nas festas do Divino ou da Santa Padroeira, numa promiscuidade que era bem a expressão da grande democracia criada, não pelas conquistas do espírito filosófico, mas pelos imperativos da mesma vida na imensa terra.

Realizava-se nos espaços territoriais brasileiros uma democracia de hábitos, que independia de fórmulas e teorias, de institutos políticos e de expressões formais cristalizadas nas letras da lei. O Brasil era realmente independente sob o aspecto do seu caráter e do seu tipo de vida. E' curiosa a observação do espírito então dominante, pelo contraste entre a realidade formal e a realidade prática da nossa existência e das nossas relações sociais.

Entre outros aspectos dessa vida brasileira, não deve passar despercebido o da escravidão. Nós tínhamos escravos. Mantínhamos essa instituição que o lirismo de nossos poetas chamaria de "mancha indelével" erguendo contra ela e com justiça, a eloquência dos seus tropos hugoanos, em dias futuros. Mas a vida entre escravos e senhores era, em regra geral, uma vida perfeitamente democrática. O escravo não era tratado senão por exceções odiosas de alguns fazendeiros indígnos como um animal, uma besta sem alma, que pedia chicote, algemas de ferro e tórno, bacalhau e canga (3).

(3) — A "mucama" era a confidente de "sinhá-moça"; a "mãe-preta", a "tia", gozavam de muito prestígio entre as crianças às quais contavam suas histórias; o "moleque" era bem o "demônio familiar" cujas diabruras divertiam; havia pretos que tomavam conta dos negócios do senhor, gerindo-os com todos os poderes.

Todo êsse instrumental existiu, é certo, mas êle corria mais à conta do sentido patriarcal da vida brasileira, e se, em alguns casos, houve excesso de castigo ou tirania cruel, os seus autores eram tidos em baixa conta pelo consenso geral porque a regra comum era a que imprimia às relações entre o escravo e o senhor, o mesmo caráter das relações entre pais e filhos. Seja lá como fôr, nem de leve, podemos comparar os rigores da escravidão no Brasil com os da América do Norte. Mas se os houve entre nós, correm à conta do próprio liberalismo e insuficiência do poder público.

Como viviam as nossas cidades? Como viviam as nossas fazendas? Que representava, nestas, a escravidão? Que diferença de castas eram sensíveis nas relações sociais dêsses oito milhões de quilômetros quadrados? Havia grandes aspirações democráticas comprimidas? Havia uma ânsia de liberdade? Era esta tolhida, de alguma forma? Algum interferente peava a ação do homem no desbravamento do sertão e na organização da pecuária e da agricultura? O estado de espírito sul-americano era semelhante ao estado de espírito europeu?

Essas perguntas são oportunas, quando se trata de fixar a linha histórica de nossa evolução democrática. Pois, procurando a sua resposta no subsídio histórico, nas crônicas da época, no acêrvo das correspondências, nos documentos oficiais, na própria iconografia, exígua, mas expressiva, nós verificamos que a **nossa** "democracia", como o **nosso** "liberalismo", são fenômenos absolutamente diferentes da democracia e do liberalismo cujos tropos encheram as sessões agitadas da Assembléia Constituinte de 1823, com a sua evidente tonalidade européia.

A conquista da terra separou-nos totalmente da Metrópole lusitana. Enquanto a política colonial nos segregava do mundo, nos fechava à penetração de franceses, ingleses e holandeses, a geografia se incumbia de nos fechar a êsse mesmo Portugal, que não podia ter mão sôbre a grandeza da nossa aventura e o florescimento de nossa vida com traços nítidos de original nacionalidade.

Ao desembarcar no Brasil, o colono da melhor estirpe, habituado às arrogâncias das castas fidalgas, os moços da Côrte, os nobres de todo jaez, viam-se forçados, pelas contingências do meio físico e pelo sentido da vida americana, a irmanarem com burgueses audaciosos e plebeus sem origem. Essa confraternização se operava, a despeito de quaisquer prevenções, que separavam nos primeiros tempos os espadachins ou doutores, com fumaças de aristocratas, dos elementos já radicados na terra. E, após, os descendentes dos entrantes não tinham memória de fundas diferenças. A ação da terra era decisiva.

As Bandeiras já nos mostraram, na sua composição promíscua, essa grande democracia selvagem, em que os peões, os flibusteiros, os artífices e os garimpeiros se tratavam com a agreste familiaridade que a natureza ensina, longe das etiquetas das grandes "urbs". E quando chega o período da organização das lavouras, das pastagens de gado cavalar e vacum, das tropas itinerantes carreando mercadorias e abastecendo as cidades do litoral em troca do sal, do chumbo e da pólvora, realiza-se, efetivamente, uma democracia inspirada por êsses elementos impositivos e às vêzes contrastantes: a influência cristã, as contingências da vida material, o espírito de aventura, o individualismo quase pagão.

A vida igualitária, essa larga democracia em que se realizava o povo nas suas relações sociais, não era uma coisa conquistada pelas classes inferiores às classes superiores, como se dava na Europa, depois da Revolução Francesa; ao contrário, era uma adaptação dos tipos mais elevados às condições de vida das populações inferiores.

Não havia, pois, uma aspiração conflitando com a rigidez de costumes, de leis, de instituições, de hábitos, de prerrogativas: havia uma acomodação, que se operava automaticamente, na terra brasileira.

O conceito da liberdade decorria de um sentimento geográfico não de uma reação histórica. A sociedade em organização precisava, por consequência, não de maiores conquistas libertárias, mas da hierarquização dos valores sociais, uma proclamação de deveres, mais do que uma proclamação de direitos. E as populações sentiam isso, ao contrário dos sonhos de liberdade dos núcleos mais cultos das cidades litorâneas.

O litoral e o sertão — É, realmente, curioso esse aspecto da nossa vida nacional nos primórdios da Independência. O país estava pontilhado de cidadeszinhas que se formaram nas três fases: do desbravamento e catequese; da mineração; e da iniciação agrícola. Tais cidades ou arraiais perlongavam o território da Pátria, ligando-se por estradas ásperas, por onde transitavam os carros de bois e as tropas guizalhantes de muares.

Como se formaram essas cidades? Que espírito encerravam elas? Eis uma coisa que cumpre ter em vista, se quisermos conhecer a fundo a alma nacional (4).

(4) — Ver "Como nasceram as cidades do Brasil", do Autor.

Pois insistimos em afirmar: o Brasil não era, não podia ser, a literatura arcádica de Gonzaga e de Alvarenga Peixoto, o primeiro dos quais, um **incroyable**, de melifluidades acadêmicas traduzidas num bucolismo que a nossa natureza rude não conhecia; nem o eruditismo posterior de José Bonifácio ou de Cayru, ou a cultura jurídica de Caravelas ou o franco-maçonismo das numerosas lojas do Rio de Janeiro; nem ainda a literatura do romantismo, que tinha seu índice inicial em Gonçalves de Magalhães; em todos muita Europa, muito espírito universalista que vinha do século XVIII, ao passo que tênues eram os traços do espírito da terra.

E o Brasil era êsse povo espalhado no imenso território, que firmára um “modo de ser”, uma linha de evolução nacional, um tipo de relações sociais, uma consciência de necessidades, para sempre esquecidas, para sempre relegadas a uma plana ínfima por nossos intelectuais, em tôdas as épocas do nosso já longo período independente.

Essa fisionomia nunca foi fixada. Nem a Monarquia, nem a República, trataram de a surpreender no íntimo sentido de seus lineamentos.

O caso de Bernardo de Vasconcelos — Ao alvorecer da nossa vida independente, no instante em que, possuindo uma democracia de fato, precisávamos criar expressões legais em que ela se realizasse, nós tratávamos de transplantar um estado de espírito estrangeiro, pretendendo com êle estruturar as nossas instituições e a nossa atividade política.

Bem cedo, os mais ponderados haveriam de abjurar a êsse espírito europeu da liberdade. O

caso de Bernardo de Vasconcelos é típico, como atitude desassombrada. Apoiando o reacionarismo da regência de Araújo Lima, embora sem uma noção bem nítida das mais profundas causas dos nossos males, Bernardo de Vasconcelos não trepidou em renegar o excessivo espírito liberal que inspirou o ardente movimento demagógico assinalador da aurora dos tempos iniciais de nossa vida livre.

Acusaram-no de apóstata do liberalismo, de desertor das hostes demagógicas, ao que êle respondeu com aquela grandeza do caráter que o havia de recomendar à admiração dos pósteros da estatura de Euclides da Cunha: — “Fui liberal; então a liberdade era nova no país; estava na aspiração de todos, mas não nas leis, não nas idéias práticas; o poder era tudo: fui liberal. Hoje, porém, é diverso o aspecto da sociedade: os princípios democráticos tudo ganharam e muito comprometeram; a sociedade, que então corria risco pelo Poder, corre agora risco pela desorganização e pela anarquia. Como então quis, quero hoje servi-la e, por isso, hoje sou regressista. Não sou trânsfuga, não abandono a causa que defendi nos dias de seus perigos, de sua fraqueza; deixo-a no dia em que tão seguro é o seu triunfo, que até o excesso a compromete”.

Bernardo de Vasconcelos que, segundo o juízo de Euclides da Cunha, seria incoerente, se não mudasse, exprimia-se com sinceridade, mas êle mesmo — justamente por ser um homem do seu tempo — não poderia compreender o fenômeno por que passava o país, o qual hoje nos parece bem claro.

Eram as realidades da terra que vagamente se pronunciavam. E o grande vulto do Império não podemos qualificá-lo propriamente um regressista, como êle se apelidava; e, sim, tomá-lo como uma consciência que percebe revelações íntimas, cujo

sentido não sabe decifrar com precisão. Alguma coisa tinha caminhado errado. E o êrro era justamente o de fazermos as instituições marcharem de fora para dentro da Nação, quando elas deveriam ter ido buscar suas origens na própria alma da nacionalidade.

O Brasil silencioso — O estado de espírito do século não permitia, entretanto, aos intelectuais que nos prestaram o serviço relevante de dirigir a campanha e a realização da Independência, ver mais claro no panorama brasileiro. Mentalidades formadas nas escolas européias, com muita cultura livresca, muita impregnação dos hábitos mentais e das tendências sentimentais do tempo, acompanhando o movimento pró-constitucionalização que se efetivava no Velho Mundo contra todos os esforços da Santa Aliança e das teorias absolutistas de Meternich; lendo os prosadores e poetas românticos; encantados com as novas doutrinas econômicas de que a Inglaterra se fazia a vanguarda, essas mentalidades não podiam realmente, nem se interessar, nem ter notícias do fenômeno social brasileiro, cujas raízes iam aprofundar nos próprios imperativos da existência colonial.

As grandes forças, as grandes reservas do caráter e da índole populares do vastíssimo "hinterland" não tinham voz com que se manifestassem. A sua própria índole, de esperar que tudo viesse do alto; o próprio feitio das populações brasileiras, de se conformar com as decisões e iniciativas governamentais, essa psicologia que até hoje não se modificou de uma linha sequer, que subordina todos os movimentos livres dos nossos aglomerados, todo o orgulho e altivez individuais, todos os exclusivis-

mos localistas, ao respeito à autoridade remota que enfeixa e centraliza a expressão global do Poder, — tudo isso era suficiente para fazer calar a massa de agricultores, criadores, tropeiros e comerciantes, em face do que fôsse decidido na Capital do Império, pelos “homens que cuidavam da coisa pública”. Daí o não pronunciamento das massas do interior, o império absoluto das elites e povilheu das Capitais e, conseqüentemente, a feição artificial de nossa vida política, desde os primeiros tempos, feição que tenta prolongar-se até agora, depois de cento e tantos anos de erros acumulados.

Liberdade e autoridade — O caráter absten-sivo das populações brasileiros não é um sinal de displicência: é um sinal de confiança nos seus homens públicos. O nível intelectual dessas populações foi sempre baixo; a preocupação imediata da organização agrícola absorvente; a possibilidade de atuação no cenário onde se discutiam os temas políticos, amortecida, anulada pelas imensas distâncias territoriais.

Por outro lado, o hábito de quatro séculos criara um tipo curioso de psicologia política: o da máxima liberdade dos movimentos autônomos dos indivíduos e dos grupos, tendo como ponto de referência a máxima autoridade de um poder longínquo, a cujo arbítrio cada qual se subordinava.

Pode-se, de certo modo, dizer que as linhas gerais das relações da sociedade brasileira estavam discricionariamente afetas ao absolutismo remoto da Côrte, ao passo que os lineamentos particulares dessas relações submetiam-se ao impositivo do livre-espírito continental. Pois temos afirmado freqüentes vêzes neste estudo que a liberdade, para nós, não era um objeto de conquista; era uma fatalidade do meio físico e das condições de vida.

A tarefa do nosso gênio político não devera ser a de conquistar e consagrar liberdades segundo o critério que movia o surto do constitucionalismo europeu; impunha-se regular a liberdade, fixar normas precisas à liberdade, tomar essa liberdade que já existia e êsse democratismo que já era o cerne da nossa psicologia de povo e discipliná-los, dando-lhes expressão política, jurídica, administrativa.

Bernardo de Vasconcelos, quando se defendia dos demagogos que o acusavam, não sabia exprimir-se como seria mister. Ele não era um "regressista" como se apelidava. Poderia ser, se, pondo a mão na consciência, verificasse que havia de contrariar certas expansões do chamado liberalismo, no fundo; entretanto, o que se revelava nêle era o espírito da liberdade brasileira, da democracia americana, em contraposição à liberdade e à democracia que os nossos constituintes haviam trazido da Europa.

A índole do nosso povo é uma índole ao mesmo tempo profundamente democrática e absolutamente dócil aos governos centrais. Diluídos em nossos vastíssimos sertões, os núcleos ganglionares das nossas populações sempre conceberam a seu modo um tipo imediato de autoridade local. Essa autoridade municipal, entretanto, não era um elemento de desagregação nacional, pois não se adensava em expressões compactas de regiões atentando contra a unidade do país. A autoridade longínqua do rei tinha um prestígio que se impunha comumente a todos os seus súditos. Os extremos se tocavam. Foi o espírito da **província** que se insurgiu contra a Nação.

Fraternidade na selva — Outro aspecto curioso da nossa formação nacional era o do espírito da igualdade, da fraternidade, que dominava os sertas-

nistas, que veio dominar depois as populações de vaqueiros, de tropeiros, de sitiantes e pequenos comerciantes.

Não se verificava na Colônia nenhum sentimento de exclusivismo de casta, nenhum orgulho de origem. Misturavam-se nobres e plebeus porque todos se uniam para a grande aventura da América. O caráter absorvente da autoridade local, que se alteava quase discricionária, escapando à vigilância dos capitães-generais e dos governadores gerais, não era um índice anti-democrático. Pelo contrário, exprimia um individualismo exacerbado, que era o espírito que iria dominar mais tarde o século XVIII e o século XIX.

Quem nos ensinava a liberdade não eram os livros, não eram os filósofos. Era a imensidade do sertão. Esse era o nosso livro, a nossa cultura. Os movimentos do homem eram livres e desaforados. O homem se impunha pela força, pela capacidade em resistir ao meio físico. Não havia prerrogativas de classes. Pois aqui tudo se misturava e fundia numa nova expressão social. E tanto assim que, já nos primórdios do desbravamento, todos se confraternizavam. “Algum personagem distinto do país” — escreve Saint-Hilaire — “conhecido por sua coragem e perseverança, anunciava que ia fazer uma expedição longínqua; alguns mamelucos, audazes vagabundos e até estrangeiros vinham engrossar o bando. Punham-se a caminho, munidos de pólvora e chumbo, armados, uns de espingardas, outros de arcos e flechas, todos apercebidos de um grande facão, de que se serviam para se defender, cortar o mato e escorchar as feras. Andavam descalços, com um cinturão de couro, e, na cabeça, um chapéu de palha de largas abas, sem mais vestuário que uns calções e às vezes um gibão e perneiras de pêlo de veado. Cada um levava a tiracolo

um saco de couro, onde conduzia suas provisões, um chifre de boi à guisa de copo e uma cuia que servia de prato" (4).

E mais adiante: "Bandos numerosos de homens, **de tôdas as condições** e idades, partiram logo de São Paulo e das povoações vizinhas, à cata de ouro; era-lhes indiferente subir as mais escarpadas montanhas, atravessar caudalosos rios, enselvar-se nas espessas florestas povoadas de feras e serpentes venenosas; parece que a cobiça lhes redobrava as fôrças e lhes velava todos os perigos" (5).

Assim era a vida dos primeiros "entrantes", e êsse sentido de igualdade, de liberdade, iria prolongar-se no período longo da formação das cidades brasileiras. Não se tratava pois, de uma democracia à européia, uma liberdade à Rousseau, pois já tínhamos um sentido nosso de democracia e de liberdade. O que cumpria, no período alvorecente do Império, era, ao contrário, fixar as normas jurídicas e governamentais a uma democracia que já existia e nada tinha de comum com a aspiração plebéia da Europa. Lá, era o plebeu que se levantava reclamando movimentos livres; era o burguês elevando-se sôbre os nobres; aqui, eram os nobres que se haviam abaixado com os mamelucos, os índios, os negros, os marujos, os homens de tôdas as estirpes, no imenso panorama da Nação Futura.

"Reforma dos abusos" — As nossas populações nem formavam uma idéia do que se passava na Europa depois da Revolução Francesa. E' o próprio Saint-Hilaire quem escreve a propósito da revolução liberalista e constitucionalista de Portugal e sua repercussão no Brasil: "Só as pessoas mais esclarecidas sabiam do que se tratava; o povo, nem ao menos compreendia o sentido da palavra **cons-**

(5) — "São Paulo nos tempos coloniais".

(6) — Ob. cit.

tituição (o grifo é do próprio Saint-Hilaire) que andava em tôdas as bôcas: diziam-lhe que era a reforma dos abusos... (6).

De fato, a idéia geral do povo brasileiro quanto ao significado da **constituição** era exatamente o contrário da idéia dos intelectuais e políticos: para êstes era a consagração das liberdades do século; para aquêlo o freio legal às liberdades excessivas de uns em detrimento de outros. Já em 1824, quando foi outorgada ao Brasil uma Constituição, pelo figurino europeu, um façanhudo chefe sertanejo mandou prender todos os desordeiros locais. Em seguida, fazendo-os atar a um poste, prodigalizou-lhes uma tremenda surra. Libertando-os, depois, exclamou: "Isto é para que vocês fiquem sabendo que já temos constituição".

O caso é autêntico e está na história de um dos municípios paulistas (7). Ele ilustra, com poderosa eloquência, o artificialismo da mentalidade culta do Brasil, já no comêço do Império, em contraposição à índole e aos costumes do povo nas vastas áreas do país.

Duas revoluções se encontraram — O que existia, no Brasil, já no alvorecer da Independência, como resultado do longo período de vida aventureira, era uma democracia bárbara, uma liberdade selvagem. Um modo de vida que realizava o individualismo, antes mesmo da escola romântica e do constitucionalismo liberal. E, enquanto, no comêço do século XIX, para as nossas elites litorâneas, a carta constitucional significava um avanço em relação ao absolutismo monárquico, para as populações livres do vasto território essa mesma carta representava exatamente o que hoje exprime para o espírito re-

(6) — Ob. cit.

(7) — Consta da história da minha pequena terra natal, a cidade de S. Bento do Sapucaí.

volucionário permanente: a paralização dos movimentos (8).

Estavam as classes cultas mais adiantadas?

Não: porque elas trasladaram para a América a revolução européia, depois que esta já se havia atenuado sob o golpe termidoriano, o episódio de Brumário, e transitado pelo filtro do liberalismo inglês, do puritanismo norte-americano e dos códigos franceses; era uma revolução com a sua *toilette* constitucional e seus adôrnos líricos... (9).

Mas, no continente sul-americano, viera-se processando uma outra Revolução, concreta, pragmática, sem postulados de enciclopédias: a revolução cósmica, a afirmação do homem na carta geográfica, antecedendo as atitudes anárquicas e a economia liberal.

As duas revoluções se encontraram no alvorecer do século XIX. Ambas procediam da mesma concepção de vida do Humanismo e da Renascença. Uma, inconsciente, concretizada nos episódios da Conquista e da Aventura, tonificou-se ao contacto com as raças selvagens, na aspereza da Terra; outra, consciente, entibiou-se numa atmosfera de poesia e civilização e cristalizou-se em expressões jurídicas.

O que era Revolução para os próceres da Independência na América Latina, era Reação para os povos exaltadores das liberdades selvagens e das atitudes caudilhescas.

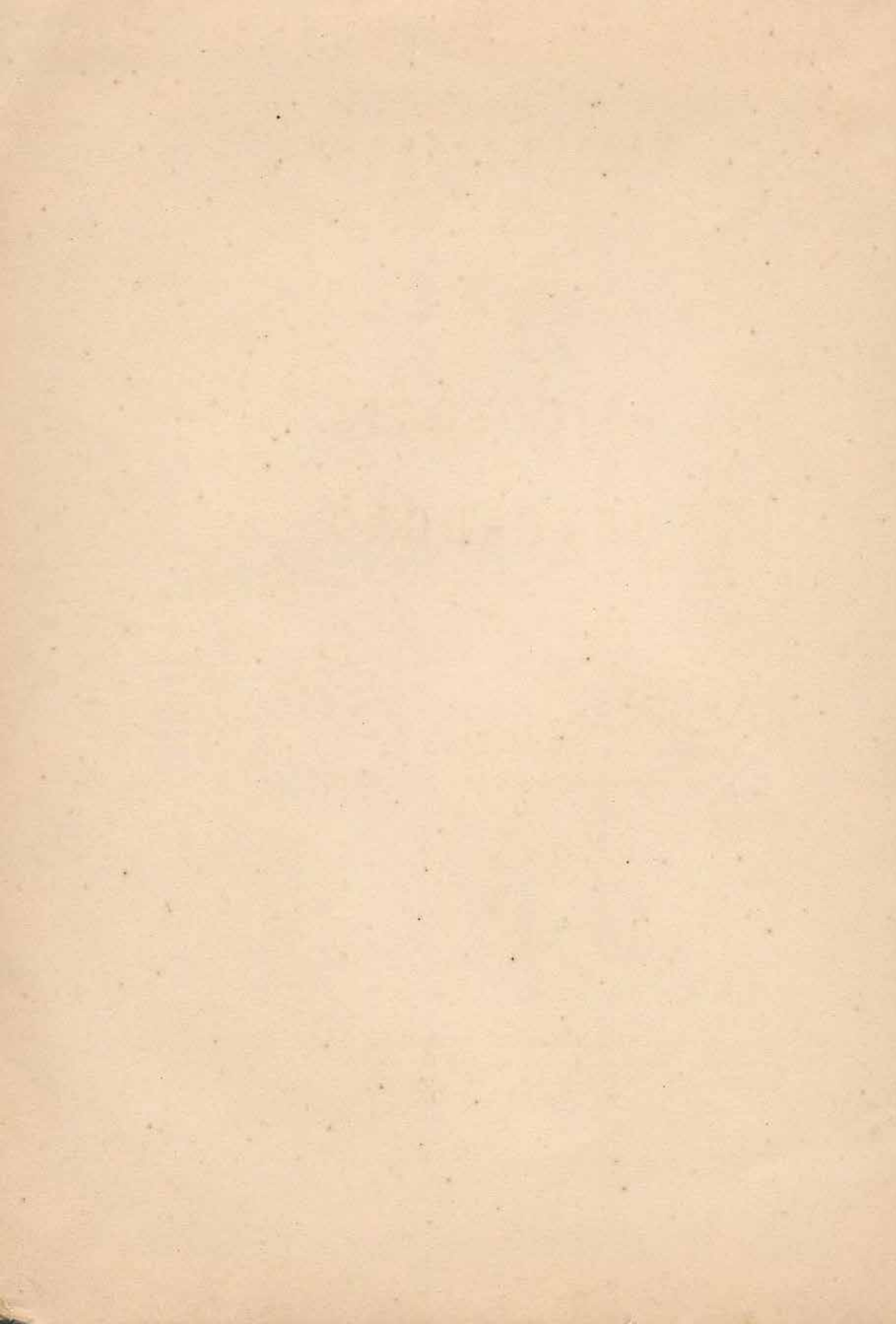
Essa incompreensão de mentalidades tornaria aplicável ao Brasil a frase desalentada de Bolívar: "À América é ingovernável"... Pois Bolívar, romântico e europeizado pela cultura, não compre-

(8) — Hoje é fora de dúvida que o movimento constitucionalista da Europa, no começo do século passado, conquanto parecesse o contrário, foi de índole reacionária.

(9) — Era a "idéia-fato", com muito menor condensação de energia do que a "idéia-fôrça" V. a "primeira parte" dêste livro.

endeu também o seu fracasso.

O drama do Continente é o drama do Brasil: — a inadaptabilidade das instituições, a um povo animado, sem o saber, pelo mais profundo espírito revolucionário. Povo anárquico e individualista, que se deixou penetrar até à medula, pelo espírito divisionário que constitui a essência da revolução materialista, destruidora do Homem. E que reagia, desejando a ordem, como elemento de saúde, quando lhe deram a liberdade, que ele já possuía...



V

CARTEIRA DE IDENTIDADE DO POVO BRASILEIRO

Individualismo egoísta e egoísmo oportunista
— Esse mesmo individualismo brasileiro, que dignificou o Homem, através do período bárbaro, que vem do Descobrimento à Independência, deveria, no correr do século XIX, até ao presente, diminuir e degradar as nossas populações, tornando-as, politicamente inaptas a conquistar a sua própria felicidade.

E' a realidade pungente, o grande drama de uma Pátria. E não será possível erguer o povo brasileiro da situação em que se encontra, se não tivermos a coragem de encará-lo, tal qual êle se apresenta, na crise de uma lamentável enfermidade social.

A revolução burguesa, assoberbando o mundo, encontrara a Europa e os Estados Unidos em condições econômicas e morais, que reagiram contra as extremas conseqüências de desagregação e materialismo, prolongando, quanto possível, a transformação dos povos. Os velhos países, detentores da hulha, do ferro, da técnica, tiveram as guerras externas e as agitações internas dos partidos.

Estas agitações, sobretudo na Europa, determinaram a formação de um espírito de solidariedade partidária, constituindo um **princípio de síntese, de adição**, a contrapor-se ao rumo revolucionário do século XIX, que era de **análise, de subtração e divisão**.

As idéias reagiram, na Europa, contra a ascensão exclusiva dos fatores econômicos, e essa reação é que representa a tragédia longa e exasperante dos partidos, impotentes para evitar a absorção gradativa do Estado pelas forças que se expandiam fora da órbita, cada vez mais diminuta, das atividades políticas.

Em relação aos Estados Unidos, o florescimento do progresso técnico e as excepcionais circunstâncias geológicas, fortificando, embora, o capitalismo em detrimento dos partidos, criou uma aspiração nacional de realizações materiais e até um sentido imperialista, que tudo, inclusive o **subtractum** da moral puritana, constituía um movimento reacionário contra o espírito de desagregação, que a nós, brasileiros, avassalou tão profundamente.

No Brasil, não tivemos o anteparo dos partidos, nem uma unidade de desígnios nacionais. O individualismo transformou-se em egoísmo e este em oportunismo político. A vaga revolucionária do século encontrou o seu **habitat**, o seu clima: na Rússia, na China e na América hispano-lusa. E' certo que, em cada uma dessas regiões do globo, o **processus** revolucionário foi diferente: mas nessas três zonas do "mappa mundi" tornou-se possível a acentuada tendência para a fragmentação social até ao extremo da diluição do próprio indivíduo na massa amorfa do coletivismo.

A ausência de partidos, a extensão do território, a mistura étnica, a incultura do povo, a subordinação a caudilhos, tudo isso constituiu um conjunto de fatores de dissolução, no Império Russo, no Celeste Império e na América Latina.

A coexistência de duas classes — uma minoria letrada e uma pesada multidão de analfabetos ou semi-analfabetos — agravou a marcha precipite da destruição dos liames aglutinantes da sociedade brasileira. A dificuldade dos meios de comunicação isolou as regiões, do mesmo modo como o contraste da cultura litorânea com a realidade psicológica das populações interiores **partiu a Nação em duas.**

As duas Nações — Quem quiser compreender o povo brasileiro, tem, preliminarmente, que separar as **duas nações**, as quais coexistem no país, e representam, cada uma, o resultado de uma **revolução distinta.**

O Brasil letrado, dos literatos, dos juristas, dos cientistas, dos grandes industriais e comerciantes, dos políticos e diretores de partidos — êsse Brasil procede do século XIX; é o Brasil constitucionalista, liberal, democrático, cientista, romântico, retórico.

O outro Brasil, dos aglomerados municipais, das populações disseminadas pelo imenso território, das massas proletarizadas, dos bandos sertanejos, — êsse procede do século XVI; é o Brasil individualista, aventureiro, feiticista por índole, acomodaticio às injunções patriarcaes ou imperativos caudilhescos.

O primeiro é o Brasil formal; o segundo, o Brasil essencial.

Ambos são revolucionários; mas enquanto o primeiro recebeu da Europa uma revolução já domesticada pelas reações éticas e jurídicas do constitucionalismo, o segundo, tendo-se isolado quatrocentos anos do mundo, desenvolveu, a seu modo,

a idéia da revolução, que apenas subconscientemente inquietava a civilização do mundo ocidental.

O Brasil das cidades maiores era uma expressão da “idéia revolucionária” oriunda do “fato revolucionário europeu”; o Brasil inculto, das populações interiores, era uma expressão do “fato revolucionário”, oriundo da “idéia revolucionária”, idéia nascente no alvorecer do século XVI e traduzida em bruto na terra selvagem.

Os dois tipos de revolução no Brasil — A influência que essas duas nações se exerceram reciprocamente é a história longa dos contrastes políticos brasileiros.

E' uma luta sem tréguas refletindo reações opostas.

Enquanto o Brasil concreto, o Brasil-Fato, — individualismo rebelde, utilitarismo egoístico, em situação de dissolvência completa — parece reclamar, como um remédio supremo, a sua própria subordinação à força do Estado, o outro, o Brasil-Idéia, que nos seus aspectos formais aparenta ainda uma certa unidade, parece pretender impor, ao antagonista, novas e mais amplas liberdades, relaxando todos os freios legais.

O manifesto liberal de 1831 repete-se em 1868 (1), repercute em 1873 (2), reboa em 1910 (3), estronda em 1922 (4), deflagra em 1930 (5). Essas datas assinalam o diagrama do espírito revolucionário do Brasil letrado.

(1) — Segundo manifesto liberal.

(2) — Convenção de Itu.

(3) — Campanha civilista.

(4) — Reação republicana.

(5) — Aliança liberal.

A desagregação nacional irrompe em 1824 (6), reincide em 1835 (7), delineia-se em 1842 (8), confirma-se em 1891 (9), consagra-se em 1902 (10) e assoberba o país em 1932 (11). Essas datas assinalam o diagrama do profundo espírito revolucionário do Brasil, instintivo, utilitário e regionalista (12).

Num e noutro se observam mútuas influências e recíprocos antagonismos. Mas, o que se surpreende, em todo o panorama, é a predominância do sentido de dissolução, decorrente das fontes mais remotas do espírito revolucionário que, à falta de firmes anteparos morais, transformou o Brasil numa desconexa tessitura de interesses díspares, de egoísmos desnordeantes.

O fenômeno separatista de 1933 — A tendência separatista no Brasil (13) é uma fatalidade ainda do espírito divisionário do século XIX, que pôde encontrar aqui, numa plena atmosfera do século XVI e XVII, o “tonus” psicológico propício à sua eclosão. O pragmatismo econômico do século XX veio agravar o estado de alma seiscentista das nos-

(6) — Confederação do Equador.

(7) — Guerra dos Farrapos.

(8) — Revolução de Minas e São Paulo (Teófilo Otoni e Feijó).

(9) — Vitória do federalismo na Constituição Republicana.

(10) — Política dos Governadores.

(11) — Frentes únicas dos partidos estaduais.

(12) — O programa da revolução de 1930 era o mesmíssimo da revolução de 1932. O sentido, a significação mais profunda de cada qual são completamente diversos. Os próceres de ambas não o percebem. No Brasil, sempre temos vivido inconscientes de tudo quanto temos feito...

(13) — Relendo hoje esta página, que perdeu a oportunidade porque o “separatismo” foi superado pelo nacionalismo, conforta o meu coração verificar que foram escritos como êste e centenas de discursos dos oradores integralistas que restituíram ao Brasil o vigor da sua Unidade.

sas populações, sem tradição moral nem hábitos sociativos, educadas no culto exterior da religião e do nacionalismo lírico.

E' extraordinário como, existindo um povo, que possui a mesma história, fala a mesma língua, procede das mesmas raças, diz praticar a mesma religião, e recita os mesmos tropos de poesia patriótica, possa esquecer a Mãe Pátria e renegar a grandeza da sua unidade política. Esse fenômeno não se dá nem na Rússia (14). Os Estados Unidos apresentam um quadro admirável de consciência nacional. E, no mundo moderno, apenas encontramos um símile para o separatismo brasileiro: a China desorganizada e escalavrada de competições regionais... (15).

Como foi possível pudessem erguer-se no Brasil, mais fortes do que o sentimento nacional, os sentimentos pernambucano, mineiro, paulista ou gaúcho?

A terra? Os grupos econômicos? O desenvolvimento desigual das regiões?

Êsses motivos podem ser fortes para os povos sem capacidade moral, sem energia de caráter, sem orgulho nacional; podem ser decisivos para os povos espúrios, para as raças inferiores, nunca para aqueles que, como o yankee, desfraldam a bandeira estelar sôbre as campanhas férteis e as paisagens

(14) — Pelo contrário: o nacionalismo russo acentuou-se depois do comunismo, evoluindo para uma evidente expressão de imperialismo.

(15) — Poderíamos lembrar também o caso da Catalunha; mas, ali, trata-se de uma evidente tática bolchevista, que usa dos separatistas, como "forças de vanguarda" (segundo a terminologia de Lenine) para enfraquecer a energia nacional e facilitar o golpe comunista.

desoladas e maninhas; que, como o italiano, sôbre séculos de desagregação, realiza uma prodigiosa unidade, e, como o alemão, desdobra a bandeira nacional, protegendo e garantindo a unidade da Pátria.

Que acontece, pois, ao Brasil?

Caracteres negativos do povo brasileiro — O que acontece ao Brasil em relação à unidade nacional é o mesmo que lhe acontece em relação à consciência de suas próprias necessidades. O caráter do povo brasileiro se exprime segundo: elementos negativos e positivos, representando aqueles os defeitos a serem corrigidos, e estes as qualidades a serem estimuladas. Vejamos, primeiro a face negativa que se exprime:

1.º — pelo egoísmo com que cada um procura resolver o seu próprio problema isoladamente, aventurosamente;

2.º — pela incapacidade de esperar soluções definitivas, conformando-se com soluções parciais que consultem mais imediatamente o seu egoísmo;

3.º — pela sua submissão absoluta ao Poder mais próximo, que êle odeia intimamente e do qual discorda em segredo, mas esperando sempre tirar dêsse Poder resultados práticos e utilitários;

4.º — pela preguiça, que se conforma com os fatos consumados, e pelo comodismo, que aconselha acompanhar os poderosos, os ricos, os nomes “feitos”; êsse mesmo comodismo leva o brasileiro a seguir servilmente a “homens” e não a “idéias”;

5.º — pela incapacidade de conceber idéias gerais, contentando-se com os aspectos unilaterais dos problemas;

6.º — pelo sentimentalismo mórbido;

7.º — pela indisciplina oriunda da vaidade

fútil, resultante da falta de uindade de pensamento nacional;

8.^o) — pelo verbalismo jactancioso;

9.^o) — pela insinceridade, pelo “despistamento”, pela falta de cumprimento da palavra empenhada;

10.^o) — pela desconfiança e pelas manobras “de bastidores” em que se comprazem os ambiciosos.

Caracteres positivos do povo brasileiro — Ao nosso patricio, revoltado ao ler o que acima se escreveu, lembramos que as qualidades do povo brasileiro são também inegáveis, e se definem:

1.^o) — pelo exemplar sentimento de família;

2.^o) — pelo espírito caritativo, de hospitalidade e de delicadeza;

3.^o) — pela capacidade de sofrimento, na paz, na guerra, nas calamidades;

4.^o) — pela bravura, quando se lhe oferece oportunidade de a demonstrar;

5.^o) — pela inteligência e admirável facilidade com que apreende as coisas mais difíceis;

6.^o) — pela capacidade de entusiasmo em relação às idéias belas e generosas;

7.^o) — pela moralidade dos costumes, apenas inexistentes em certa parte das classes ricas, ou nos falsos letrados pequenos burgueses;

8.^o) — pelo índice extremamente diminuto que oferece de perversidades;

9.^o) — pelo respeito aos velhos, às mulheres e crianças;

10.^o) — pela subtileza de seus instintos.

A série de defeitos que enumerámos provém exatamente da formação individualista longamente cultivada e facilitada pelos surtos liberais. Mas as qualidades do nosso povo, oriundas da sua ín-

dole e da sua formação cristã, fazem dêle um grande povo, que está apenas à espera de seus intérpretes, capazes de transformá-lo enèrgicamente, levando-o à realização de superiores destinos.

Quem examinar atentamente a série de defeitos que enumeramos verificará que êles se originam da ausência de educação nacional. São defeitos meramente acidentais, cuja responsabilidade cabe menos ao próprio povo do que aos seus dirigentes.

Justificação dos caracteres negativos — Realmente. Ao articularmos os itens através dos quais procuramos traçar a fisionomia do nosso povo, não pusemos em nossa frase o amargor rancoroso dos desiludidos. Usamos, apenas, de uma coragem mental que tem faltado muitas vèzes aos que tratam dos nossos problemas sociais (16).

Não estamos nestas páginas para lisonjear os nossos patrícios, para adular os nossos contemporâneos: mas para convidar os intelectuais brasileiros a iniciar a grande campanha de salvação nacional.

Êsses vícios apontados não são de substância: êles revelam o choque entre as abstrações políticas que nos têm dominado e a realidade humana que não tem sido consultada.

O oportunismo brasileiro é uma reação contra o meio ambiente, meio intelectual falso, meio político abstrato.

(16) — Essa coragem não tem faltado a muitos escritores brasileiros embora alguns, como o sr. Paulo Prado, atribuam nossos defeitos a causas que não se justificam. Em "Viagem maravilhosa", Graça Aranha traça quadros exatos da nossa fisionomia moral.

Se a Nação está desorganizada, se o princípio fundamental do regime político é o individualismo, nada mais natural que cada um procure salvar-se como puder. O lema será o do general Tamarindo, na guerra de Canudos, registrado por Euclides da Cunha: "Em tempo de murici: cada um cuide de si".

Uma vez que a liberal democracia e suas conseqüências (a luta hegemônica, a variabilidade das influências, e irresponsabilidade administrativa) oferecem ao país o espetáculo das experiências sempre renovadas e das tentativas sempre falhas, será lógico que o povo se habitue com as soluções parciais e se impaciente diante dos grandes planos políticos ou administrativos, que demandam muito tempo.

Se o poder das oligarquias é irremovível e resiste a tôdas as revoluções, mesmo as vitoriosas, será evidente que o homem, desejoso de viver e sustentar sua família, odeie intimamente os governantes, porém procure, pela hipocrisia, tirar dêles todos os proveitos materiais imediatos.

Se a massa popular, dominada e escravizada à engrenagem hedionda de partidos vãos de idealismo, e submetida à opressão dos governadores de Província e de suas polícias, rarissimamente reage (podemos dizer **nunca reage**, porque a revolução de 30 foi obra de três governadores), será humano que cada qual seja prudente, só acompanhando os "valores consagrados", que representem alguma garantia e proteção. (17).

Se não temos um ensino organizado e se os governos não estimulam as forças intelectuais, e se

(17) — É vergonhosa, até hoje, a atitude servil de menoridade mental das medianias brasileiras, onde não raro são os tipos que ainda acreditam no charlatanismo das "ditaduras republicanas". Farias Brito atribui a êsse espírito de senzala a influência dos hierofantes do positivismo. Euclides da Cunha rediculariza os "manipansos de farda"; esqueceu-se dos "manipansos civis".

os triunfadores na sociedade não são os mais inteligentes e cultos, porém os mais espertos e audaciosos, não há impedir que a média da mentalidade brasileira caia progressivamente, até ao ponto de não mais conceber idéias gerais e rastejar num empirismo degradante, agravado pela ação medíocre e cretinizadora da imprensa.

Se o cérebro começa, em consequência de tudo isso, a não ter mais função, será forçoso que predomine, em todos os casos, o sentimentalismo doentio. E, quanto à indisciplina e ao verbalismo jactancioso, êsses constituem defeitos de um Povo-Criança, mal-educado e ingênuo.

Se impera o mais feroz individualismo, se está em moda a filosofia do êxito, e se ao vencedor, como disse Machado de Assis, "cabem as batatas", eis que se justifica a insinceridade, o "despistamento", o descaso pela palavra empenhada, tão certo é contar cada qual contra si, com as manobras alheias das quais é mister defender-se.

Tudo isso corresponde a reações muito naturais num regime político de liberalismo desenfreiado, sem nenhum sentido orgânico, sem nenhum rumo prefixado de formação intelectual e moral de uma Pátria. (18).

Evidencia-se o fenômeno de que falamos no início dêste capítulo: duas revoluções marcharam paralelas no Brasil: a dos séculos XVII e XVIII, sob a forma do "fato", e a do século XIX, sob a forma da "idéia".

(18) — A liberal-democracia é o clima por excelência na América do Sul, para a proliferação dos candidatos a "ditador". Quando um desses triunfa é logo derrubado por outro, como acontece no anarquismo-militar da América Espanhola. A menos que se torne um equilibrista, como um funâmbulo saltando sobre os "casacas de ferro" num picadeiro.

Esta última pretendendo agir no país, desde a Independência, fê-lo num sentido de universalidade, criando a ilusão de uma realidade puramente abstrata: o democratismo inglês e norte-americano do povo brasileiro. Aquela outra, tendo tido uma origem européia (o Renascimento e o espírito de aventura do século XVI) transformou-se em “fato”, traduzindo-se num utilitarismo individualista que a vastidão do país favoreceu.

Desajustamento histórico — A revolução da “idéia” foi retardatária, porque, quando a Europa sentiu os efeitos práticos dos séculos XVII e XVIII, com a destruição efetiva dos velhos privilégios, já nós, na América e particularmente no Brasil, vivíamos duzentos anos de revolução objetiva, não conhecendo nenhuma grilheta.

O constitucionalismo, o liberalismo e o democratismo, no século XIX, tomaram o “fato europeu” e o transformaram em “idéia” na América.

O caudilhismo, o cangaceirismo, o clã municipal, o individualismo e o regionalismo nacionais, êsses tinham, ao contrário, se apoderado no século XVII, da “idéia” da Europa renascente e havia muito que a transformaram em “fato”.

O desenvolvimento autônomo dêsses dois mundos: do “fato” e da “idéia” da “realidade” e da “abstração”, constituiu o grande drama brasileiro, drama de incompreensões, de choques, de lances dolorosos e desconcertos generalizados, que se prolongou desde 1822 até hoje.

Consequências do liberalismo — Os ideólogos do litoral, desde a Independência aos nossos dias, ofereceram ao país uma mercadoria que já andava desvalorizada e desmoralizada pela quantidade.

A um país que pedia exatamente o contrário, isto é: ordem, organização, disciplina, a pequena elite litorânea oferecia liberalismo e expansão individualista.

Esse liberalismo teve como resultado:

— favorecer o capitalismo internacional organizado;

— transportar para o terreno político o caudilhismo social;

— desmoralizar os costumes.

A influência recíproca dessas duas revoluções determinou a crise de caráter do povo brasileiro evidenciada pela série de defeitos que atrás enumeramos.

Esses defeitos são perfeitamente curáveis porque não são substanciais.

Não acreditamos em nossa inferioridade racial nem atribuímos a enfermidade geral do país a vícios de origem.

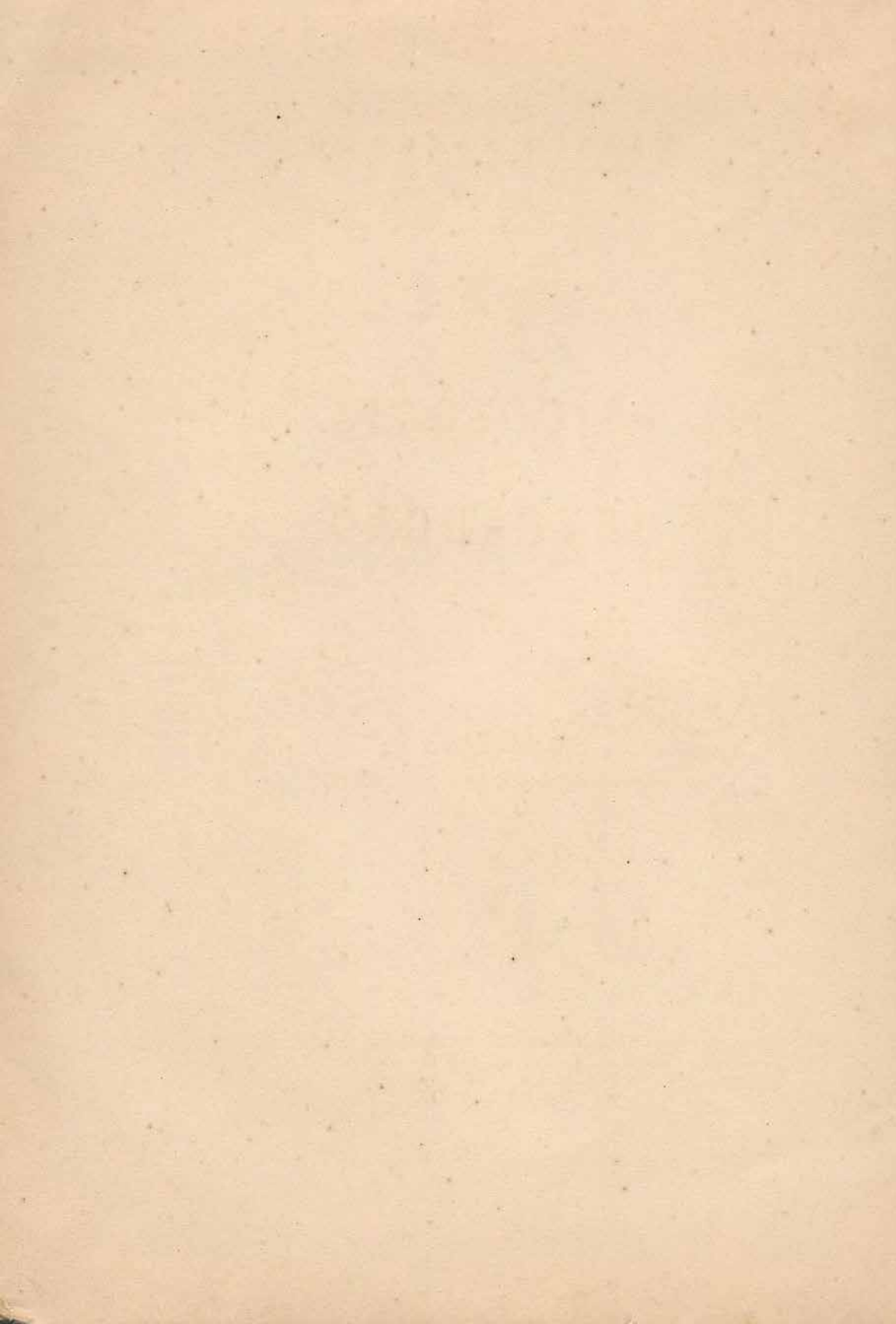
O Brasil viveu conjuntamente, no século passado, a vida de três séculos. Fenômenos universais, que se sucederam em períodos distintos foram aqui precipitados em curto lapso de tempo. (19).

Três séculos, aqui, foram contemporâneos.

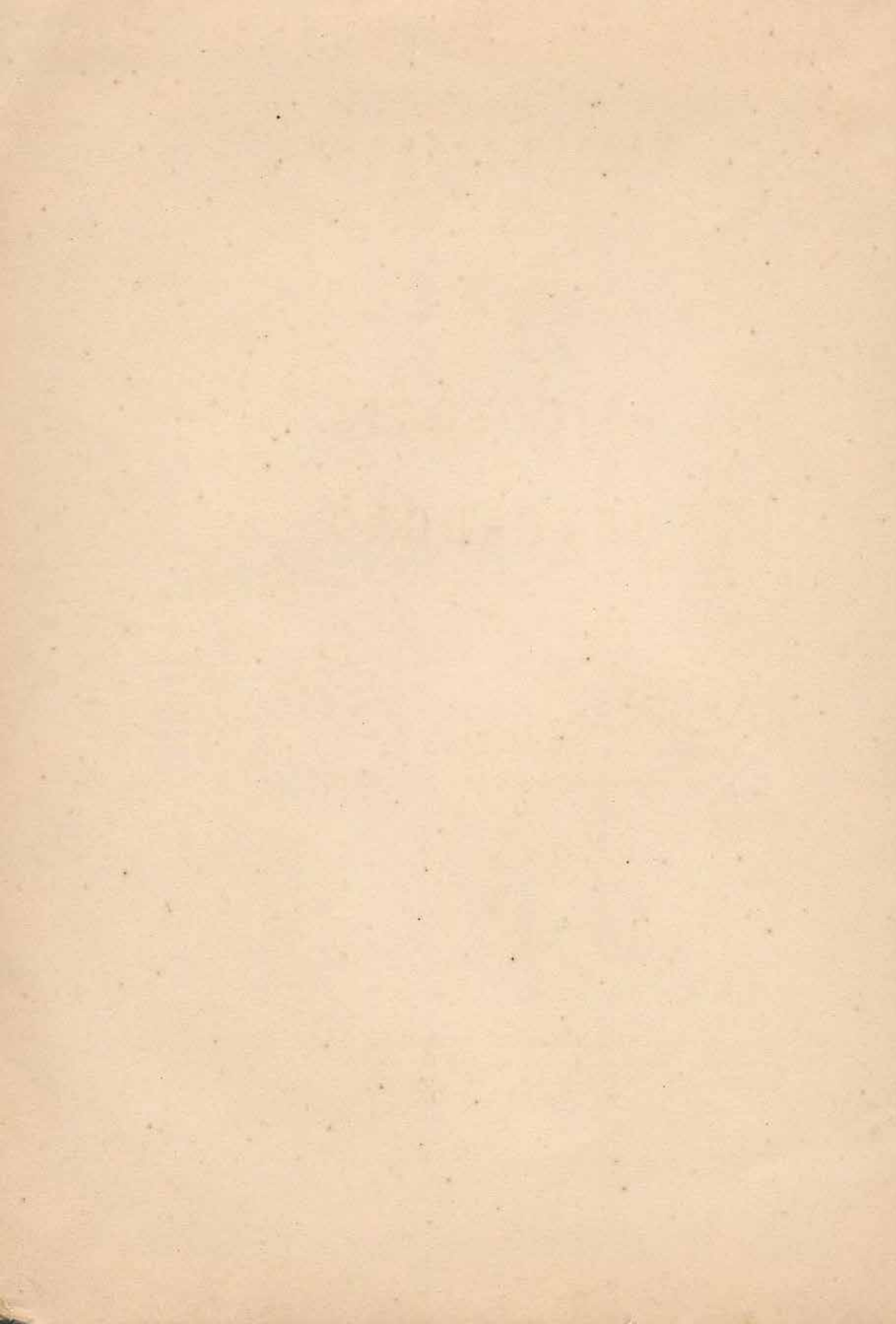
E podemos dizer que ainda o são, agravando-se o estado de espírito de trezentos anos fundidos, no limiar da grande época das agudas crises econômicas.

E' forçoso marcharmos para uma Revolução.
Que Revolução?

(19) — Aprofundando mais na essência da vida brasileira, poderemos repetir com um personagem de "O Cavaleiro de Itararé": "Este grande continente foi o primeiro a aparecer sobre as águas e o último a entrar na história. Os povos que o habitam são como os alunos que estudam atropeladamente dois anos do curso, preocupados com os exames, misturando matérias. Vivemos em nossos países, numa só fase, tôdas as idades pelas quais passaram gradativamente os outros povos".



III PARTE



CAPÍTULO ÚNICO

A URGENTE REVOLUÇÃO

Revolução e Ética — Este ensaio — escrito sob a pressão de um limite de páginas pre-estabelecido e no atropêlo de uma atividade apostolar absorvente — não comporta uma sistematização minuciosa da teoria que aqui se esboça, nem o pormenorizado lineamento do fenômeno revolucionário do Brasil.

Deixamos exposto, na **Primeira Parte**, o nosso método de crítica, baseado na consideração de dois mundos coexistentes, autônomos, porém interdependentes: o **mundo-idéia** e o **mundo-fato**.

O primeiro pertence aos idealistas, de um modo geral, e aos partidários do livre-arbítrio, da concepção da idéia-fôrça. O segundo pertence aos evolucionistas, aos materialistas históricos, aos deterministas.

Considerando êsses dois mundos, não nos colocamos numa atitude meramente eclética, ao procurar conciliá-los. Pretendemos, porém, expor uma **concepção integral da idéia, do fato, e do movimento**, dando a êste uma importância fundamental.

Idéia e fato representam para nós uma causa única em traduções diferentes. A essência de uma, como do outro é **una** e ambos procedem do **movimento** do Espírito, o qual nos leva à revelação do **Absoluto**.

Atingir o Absoluto é a ânsia permanente do Espírito Humano, e esta ânsia explica a permanência e a necessidade do fenômeno revolucionário, conforme deixamos claro no primeiro capítulo dêste simples esquema de uma possível sistematização.

A Revolução é fenômeno essencialmente ético e procede do **interêsse** do Espírito Humano em harmonizar o equilíbrio dos dois mundos: o da Idéia e o do Fato.

O caudilho e o burguês — O processo de formação da **idéia revolucionária** varia conforme êle se aplica ao **fato histórico** ou ao **fato ideal** ou **pensamento**.

Transformada a **idéia** em fato, êste desenvolve a sua dialética própria, segundo as leis do determinismo.

Vimos, na segunda parte dêste trabalho, como a idéia revolucionária, atingindo a etapa da Renascença (porque as suas etapas são constantes desde o comêço do mundo social), foi transportada para a América e aqui realizou o seu desenvolvimento sem interferentes modificadores, desde o alvorecer da Conquista da Terra, criando um tipo social e político desconhecido na Europa.

Verificamos como essa mesma idéia foi transportada, nos países velhos, para o campo econômico, operando a transformação dos quadros sociais e políticos, cujas novas expressões vinham aproximar-se do nosso teôr de vida.

Aproximar-se, apenas, e não confundir-se; porque a idéia revolucionária produziu, na América, o **caudilho**, e na Europa, o **burguês**.

Encontro histórico de duas revoluções — Não se pode comparar a revolução européia com a revolução americana, ou melhor, da América Latina.

No limiar do século XIX, essas duas revoluções se encontraram. A facilidade dos meios de comunicação estabeleceu a uniformidade do fenômeno revolucionário mundial. Mas nós nos ressentimos ainda dos imperativos da “nossa” revolução.

E esta não é propriamente a de Bolívar. Porque o Libertador foi o vertice em que as duas revoluções se encontraram.

Vem daí toda a dificuldade que até agora se deparou aos sociólogos para explicar a história da América Latina e, entre nós, para explicar a história do Brasil.

O critério marxista é insuficiente para tão complexo problema.

Justamente pela sua unilateralidade.

Nós temos de reatar a tradição do idealismo, sem dêle tirar as conclusões unilaterais baseadas no absolutismo da idéia, mas concebendo o mundo social como uma expressão mesma do desenvolvimento das idéias puras, atuando sobre as idéias-fatos, até ao limite assinalado ao arbítrio do Espírito Humano.

Acima dos fatos: o Homem — O marxismo, como método de apreciação do desenvolvimento econômico e das superestruturas sociais, evidentemente nos facilita a compreensão de certa ordem de fenômenos. Ele se prende diretamente à filosofia burguesa evolucionista, da qual é filho primogênito; e nada melhor para estudar o burguês do século XIX do que os seus próprios métodos.

Entretanto, o marxismo (continuação da corrente determinista) só cuida da “idéia-fato” ou antes, do “fato” em si, subordinando ao seu ritmo o homem, que o produziu.

Para o marxismo não existe o homem, existe o fato. O unilateralismo marxista cai, pois, na extrema abstração, abandonando o critério realista, para flutuar na estratosfera do que poderemos chamar a “imponderável metafísica materialista”.

O marxismo vale, pois, para nós, espiritualistas, realistas, integralistas (que consideramos o homem e a sociedade integrais), apenas como uma crítica à sociedade burguesa, feita pelos próprios burgueses. Essa crítica evidencia a face do mundo objetivo do “fato”, isto é, uma fração do problema social.

E fortalece a nossa convicção na existência de outra ordem de fenômenos, puramente espirituais, que determinam a interferência modificadora do Homem, na marcha dos fatos.

Deus no Universo — Temos demonstrado na primeira parte dêste estudo, como a matéria inconsciente, ela mesma obedece a um plano estabelecido por uma Inteligência Ordenadora.

Quem prolongar a análise das moléculas, chegará ao infinitamente pequeno, que já não é matéria, mas energia.

Nem a própria matéria restará aos materialistas, que serão forçados a conceber a expressão “fôrça”, não mais segundo o conceito expresso nos “princípios” da filosofia mecânica de Spencer, mas segundo um novo e surpreendente conceito.

Tudo é fôrça no universo e entretanto a fôrça está subordinada, em última análise, ao número. Essa expressão **número** envolve a idéia **cálculo**.

Existe, pois, nos planos misteriosos dos mundos, algo ou Alguém que tem parentesco íntimo com a nossa faculdade de **calcular**.

Nem tudo, portanto, é matéria, como nem tudo é força, porque mais além está o que costumamos denominar matemática, como poderemos e forçosamente deveremos chamar Deus (1).

* *

O Integralismo — O Integralismo proclama a existência de Deus.

Como consequência lógica, a existência do Homem.

Nosso método de crítica supera, pois, o marxismo, o materialismo evolucionista. Nós cremos na inteligência humana, na aspiração do Espírito, e na capacidade de ação do Homem.

Não somos ecléticos: nós realizamos a síntese, na consideração da sociedade.

O século passado foi de análise. Este será, está sendo, de síntese.

Síntese do pensamento.

Síntese política.

*

Apêlo às elites — Precisamos realizar a nossa Revolução.

(1) — No sistema universal existirão apenas as expressões **Matéria**, **Espaço** e **Energia**? A que plano pertencerá a expressão **Vida**? E a que outro plano pertencerá a expressão **Consciência**? Parece evidente que existe um Universo Ignorado, que não pôde ser submetido à apreciação dos mesmos métodos, pelos quais estudamos o Universo Conhecido. O próprio **Tempo**, que foi considerado como uma expressão absoluta, não é hoje uma relação de **Matéria** e **Espaço**? A matéria, em última análise, não é uma manifestação de **Energia**? Quando isso se dá no Universo Conhecido, (a permanente revisão dos métodos e das concepções) como poderemos aplicar os métodos do Mundo Tangível aos planos de uma natureza diferente? E se no próprio Mundo Conhecido ainda não pudemos explicar o mistério da Vida e da Consciência, como poderemos negar o que está além desses mistérios? E' ridiculo como muitos, depois de haver, pela astronomia, devassado os espaços, pela química devassado os átomos, e pela histologia devassado as células, perguntam: onde estão Deus e o Espírito? Isto é pretender um Infinito finito e um Absoluto relativo. E' confundir os planos do Universo.

Juntar todos os elementos do imenso laboratório que foi o século passado.

Mobilizar as forças intelectuais e morais da Sociedade.

E dar unidade ao Pensamento.

Só então poderemos impor unidade moral, unidade econômica e unidade política ao grupo humano a que pertencemos, o qual sofre os mesmos males das sociedades de todos os países fatigados pelas hipóteses científicas.

Esse papel incumbe às elites intelectuais.

O primado do Espírito — Temos de restaurar o prestígio da Inteligência e o primado do Espírito.

Sem realizar essa revolução, nada conseguiremos, pois iremos cair na desagregação, na indisciplina e em maiores inquietações.

O Brasil continua a sofrer a crise, que é ainda a mesma do século passado: o choque de duas mentalidades, de duas nações, de duas revoluções, co-existent, permanentes.

A ordem — equilíbrio de forças, harmonia de movimentos — nós só a conseguiremos pondo ordem, antes de tudo, no pensamento nacional.

Segundo um conceito de origem e de fim, e tendo em vista a realidade dos movimentos sociais, criar o Estado finalista, de plasticidade revolucionária, expressivo das aspirações superiores do Homem e atento à interpretação dos movimentos sociais.

Traçar um rumo político nitidamente definido. Em vez de **reformatar**, **transformar**.

Transformar no sentido da valorização do Espírito.

Essa é a Revolução Integralista.

F I M

ÍNDICE

Prefácio da 4. ^a edição	3
Prefácio da 3. ^a edição	5
Prefácio da 2. ^a edição	7
Prefácio da 1. ^a edição	8

PRIMEIRA PARTE

I — Permanência do fenômeno revolucionário	11
II — Processos revolucionários	19
III — Características dos movimentos revolucionários ...	29
IV — Simultaneidade dos fatores operantes	37
V — Transformação do Estado	49

SEGUNDA PARTE

I — Espírito do século XIX	65
II — Perfil moral e político da América	77
III — Formação liberal e romântica do Brasil	93
IV — Democracia bárbara e liberdade selvagem	107
V — Carteira de identidade do povo brasileiro	125

TERCEIRA PARTE

Cap. Único — A urgente revolução	141
--	-----

Obras de Plínio Salgado

(publicadas)

- O ESTRANGEIRO — (romance), 5ª ed. Editora Panorama.
O ESPERADO — (romance), 4ª ed. Editora Panorama
O CAVALEIRO DE ITARARE' — (romance), 4ª ed. Editora Panorama
A VOZ DO OESTE — (romance), 4ª ed. Editora Panorama
PSICOLOGIA DA REVOLUÇÃO — (filosofia política), 4ª ed. Livraria Clássica Brasileira S/A.
O QUE É O INTEGRALISMO — (doutrina política), 4ª ed. Editora Star.
O SOFRIMENTO UNIVERSAL — (sociologia e moral), 4ª ed. José Olímpio.
A QUARTA HUMANIDADE — (conferências filosóficas), 4ª ed. José Olímpio.
GEOGRAFIA SENTIMENTAL — (evocações e viagens), 3ª ed. José Olímpio.
PALAVRA NOVA DOS TEMPOS NOVOS — (jornalismo), 3ª ed. Editora Panorama.
DESPERTEMOS A NAÇÃO — (jornalismo), ed. Livraria José Olímpio.
NOSSO BRASIL — (literatura infantil), 2ª ed. Livraria Coelho Branco.
DISCURSO AS ESTRELAS — (crônicas literárias), ed. Editora Hélios, Ltda.
ORIENTE — (viagens pelo Mediterrâneo oriental), 2ª ed. Editora Ocidente.
A DOCTRINA DO SIGMA — (doutrina política), 2ª ed. Schmidt.
PAGINAS DE COMBATE — (jornalismo), ed. Livraria Antunes.
CARTAS AOS CAMISAS VERDES — (jornalismo), ed. Livraria José Olímpio.
A ANTA E O CURRUPIRA — (conferência), ed. Hélios.
O CURRUPIRA E O CARÃO — (crítica literária em colaboração com Menotti del Peccchia e Cassiano Ricardo), ed. Hélios.
TABOR — (Versos), edição esgotada.
COMO SE PREPARA UMA CHINA — (Sociologia e política).
PRIMEIRO, CRISTO! — (Conferências religiosas), Ed. Figueirinhas.
O HOMEM DO BRASIL — (etnografia e sociologia), ed. da Legião Brasileira de Ribeirão Preto.
O POEMA DA FORTALEZA DE SANTA CRUZ — (versos), ed. da Editorial Guanumby.
VIDA DE JESUS — 4ª ed. (13ª milhar) da Editora Panorama; 7ª ed. (21ª milhar) da Editorial Ática — Lisboa, 1951. — 3ª ed. Editorial Escelicer — Madrid; 2ª ed. Editorial Poblet — Buenos Aires.
A ALIANÇA DO SIM E DO NÃO — 2ª ed. Ultramar — Lisboa; ed. da Editorial Presença (30ª milhar) — Rio.
O REI DOS REIS — ed. Pro-Domo, Lisboa; ed. Editorial Presença, Rio.
A MULHER NO SÉCULO XX — 2ª ed. Tavares Martins — Porto, ed. da Editorial Guanumby.
COMO NASCERAM AS CIDADES DO BRASIL — 2ª ed. Ática — Lisboa.
MADRUGADA DO ESPÍRITO — ed. Pro Domo, Lisboa; ed. da Editorial Guanumby.
CONCEITO CRISTÃO DA DEMOCRACIA — ed. Pro Domo, Lisboa; ed. da Editorial Presença.
DIREITOS E DEVERES DO HOMEM 3ª ed. da Liv. Clássica Brasileira S. A.
A IMAGEM D'AQUELA NOITE — ed. da Edições Gama, Lisboa.
ESPÍRITO DA BURGUESIA — ed. Liv. Clássica Brasileira S. A.
O INTEGRALISMO PERANTE A NAÇÃO — (documentário), 2ª ed. Liv. Clássica Brasileira S. A.
EXTREMISMO E DEMOCRACIA — ed. da Editorial Guanumby.
DISCURSOS — (1946-1947) ed. Editora Panorama.

Oficinas Gráficas de FOLHA CARIOCA S. A.

30
HB

PLÍNIO
SALGADO

PSICOLOGIA DA REVOLUÇÃO

LIVRARIA
CLÁSSICA
BRASILEIRA

1963